

Ana Fernandes Aguiar Gonçalves Cardoso

Interdiscursividade na instância enunciativa “Seleções”

Uberlândia
Outubro de 2008

Ana Fernandes Aguiar Gonçalves Cardoso

Interdiscursividade na instância enunciativa “Seleções”

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Lingüística no Programa de Pós-graduação, Curso de Mestrado em Lingüística da Universidade Federal de Uberlândia.

Área de concentração: Estudos em Lingüística e Lingüística Aplicada;

Linha de Pesquisa: Estudos sobre texto e discurso;

Tema: Formação e funcionamentos discursivos;

Orientador: Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos;

Co-Orientador: Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo

Uberlândia
Outubro de 2008

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C268i Cardoso, Ana Fernandes Aguiar Gonçalves, 1963-
Interdiscursividade na instância enunciativa "Seleções" /

Ana Fernandes Aguiar Gonçalves Cardoso. - 2008.

186 f.

Orientador: João Bosco Cabral dos Santos.

Co-Orientador: Ernesto Sérgio Bertoldo.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Programa de Pós-Graduação em Lingüística.
Inclui bibliografia.

1. Análise do discurso - Teses. I. Santos, João Bosco Cabral dos. II. Bertoldo, Ernesto Sérgio, 1964- III. Universidade Federal de Uberlândia. Programa de Pós-Graduação em Lingüística. IV. Título.

CDU: 801

Interdiscursividade na instância enunciativa “Seleções”

Dissertação defendida e aprovada em _____ de _____ de 2008, pela banca examinadora composta pelos professores:

Prof. Dr. João Bôsko Cabral dos Santos (Orientador)

Prof. Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo (Co-orientador)

Profª. Dra. Gesualda dos Santos Rasia (UNIJUÍ)

Prof.^a. Dr.^a. Alice Cunha de Freitas (UFU)

“...a Sua destra e o Seu braço santo nos alcançaram a vitória”.

À memória do meu avô,
Francisco Fernandes Segura,
que não viu chegar este dia, mas sempre
acreditou e festejou antecipadamente.

DEDICATÓRIA

Ao meu amor forte, paciente e sábio, Mário
Lúcio, minha felicidade e minha gratidão
infinita.

E aos nossos filhos Raquel e Davi, para/com
quem buscamos fazer coisas e esperamos
desfrutar do nosso tempo.

Aos meus pais, Terso e Ana Rita, que nas
horas mais difíceis me suportaram e me
animaram

À D. Alcídia, minha sogra, pelo amor e
cuidado e pelas palavras de estímulo

Aos Sr. Primo e D. Terezinha, que me
acompanharam por todo tempo e se
empenharam na torcida.

Ao orientador João Bôsko, que me acolheu no
meio do caminho e com paciência me permitiu
terminar a travessia.

Aos meus irmãos Terso Jr. e Teka, Natan e
Carla, Joás e Vanina, meus cunhados Samuel e
Lúcia, Zezinho e Lílian, João e Ana,
e aos meus sobrinhos: César, Clarete e
Leandro, Rafael, Daniel, Adriel, Marcos, Ana
Beatriz, Ana Teresa, Adriana, Marília,
Mariana, Marina e Amanda,
minha torcida organizada.

Ao Luan e ao Luka, meus sobrinhos-netos.

Ao Sr. João, meu sogro.

AGRADECIMENTOS

A Deus, cujo amor move a realização daquilo que coopera para o bem dos que O amam.

Ao prof. João Bosco Cabral dos Santos que, com sua paciência, sabedoria, habilidade e paz, mudou a história de uma batalha perdida.

À prof.^a Alice Cunha de Freitas pelas palavras de ânimo e simpatia demonstrada ao longo deste percurso e por aceitar participar da banca da defesa desta dissertação.

À prof.^a Gesualda dos Santos Rasia pela disposição em participar da banca de defesa desta dissertação.

Ao prof. Ernesto Sérgio Bertoldo que desencadeou providências que consolidaram a realização desta dissertação quando ainda era um projeto, e, também, pelas valiosas contribuições teóricas nas aulas e na banca de qualificação, bem como sua disposição em ser meu co-orientador.

Ao prof. Cleudemar Alves Fernandes pelas primeiras direções em tempos de identificação com a Análise do Discurso, e, também, por suas contribuições necessárias e pontuais na banca de qualificação.

À prof.^a Fernanda Mussalim pelo conhecimento tão graciosamente repartido desde a UNIFRAN até a UFU, e seu exemplo de vida.

Ao prof. Antônio Fernandes Júnior pela leitura e sugestões preciosas.

À querida professora Sheila Oliveira, do Centro Universitário de Franca, pelo apoio, questionamento oportuno e direcionamento.

Aos queridos colegas, Júnia, Mariângela, Marília, Cirlana, Fernanda, Walkiria, Mara, Cida, Claudia, Ana Júlia, Sônia, Thyago, Ivi, Ismael, Carla, Guilherme, Carmen, Luis Fernando, Maria Helena, Cléo, Regina, Ana Maria, Anna Carolina, Eduardo, Malther, Franciele, Clécio, Heloísa, Kelen, Karina, Divimar, Jessica, Eduardo, que trabalhamos juntos nesse empreendimento.

Aos vencedores do tempo: Cleide, Giselly, Iná, Rodrigo Henrique, Judith, Cléo, Ricardo, Rita, Luciana, Marina, Walleska e Luiz Eduardo, a turma 2006/2.

À Solene, pelo apoio, disposição, amabilidade e amizade que sempre me dispensou.

À Eneida, pela eficiência, cuidado e gentileza, para comigo.

À Adriana, à Abadia e à Luciene, amigas fiéis, pela paciência em ouvirem minhas aflições teóricas e lerem meus textos;

Ao casal Douglas e Cristiane, que acreditou e incentivou este projeto com sugestões precisas.

À Tamarisa e ao Hermes pela disposição e confiança em ceder seus acervos particulares de revistas Seleções.

À Neire, cujos palpites e questionamentos foram valiosos;

Aos colegas da escola Minas Gerais, à Rosângela pelo suporte, Marize, pela paciência em reajustar horários, e aos demais colegas que me ajudaram me animando, ouvindo e criticando minhas apresentações e reflexões.

Aos meus amados alunos, primeiros anos de 2006, 2007, 2008, pelo estímulo e inspiração em tempos cruciais desta jornada.

Ao Sr. Primo, pelo apoio e acompanhamento no trajeto, e pela sua leitura cuidadosa deste texto.

À família Sal da Terra, pela contribuição material e espiritual para a realização deste trabalho.

Aos meus pais, que sempre exigiram que eu buscasse as respostas para os meus questionamentos o mais próximo das fontes que pudesse, sem preconceitos quanto às ideologias ou saberes, mesmo que nessa busca eu me confrontasse com o estranho.

Ao Davi e à Raquel, que respeitaram minhas “férias no Havaí”, como chamaram minhas longas horas de estudo e escrita, em isolamento, no meio da sala, e aguardaram, resignadamente, em minhas constantes ausências.

Ao Mário Lúcio, que, com amor, companhia, propósito e identidade, não me permite abandonar empreendimentos uma vez começados por mais impossíveis que sejam.

RESUMO

O objetivo deste trabalho é identificar, sob a fundamentação teórica da Análise do Discurso de corrente francesa, elementos de uma interdiscursividade sobre a alimentação, a partir de seqüências discursivas apreendidas em textos escolhidos da revista “Seleções”, enquanto instância enunciativa sujeitucional. Supomos que as manifestações enunciativas do discurso midiático são índices de enunciatividade no funcionamento de enunciados operadores de interdiscurso. Assim, a análise empreendida visa focalizar as manifestações discursivas numa macro-instância, enquanto conjuntura enunciativa e numa micro-instância, estabelecendo o potencial enunciativo (SANTOS, 2004). O mapeamento das regularidades se faz mediante a disposição das manifestações discursivas em chamadas matrizes de interdiscursividade, que se configuram como variáveis na estrutura das ocorrências. Tais ocorrências demarcam “espaços discursivos” que, em sua diversidade, numa análise das seqüências enunciativas e as manifestações que nelas emergem, fazem explicitar significações que se efetivam por meio do enunciado operador. Dessa forma, chega-se ao lugar da enunciação enquanto “tomadas de posição em nível de significação que um enunciado assume na configuração enunciativa de um texto sob determinadas condições de produção na decorrência da clivagem interdiscursiva na interseção com as formações discursivas constitutivas do processo enunciativo” (SANTOS, 2008, mimeo).

Palavras-chaves: Interdiscursividade, Instância Enunciativa Sujeitucional, Discurso Midiático, Revista *Seleções*.

ABSTRACT

This dissertation aims at identifying, taking as theoretical framework French Discourse Analysis, interdiscursivity elements on food. It will be examined discursive sequences in texts selected from “Readers’ Digest”, featured as enunciative instances of subjectivity. It is supposed that enunciative manifestations of media discourse are enunciativity indexes of enounces operating as interdiscourse and working in several discourses. Thus, analysis will focus such enounces as macro-instance, considering them in an enunciative conjunction and as micro-instance while enunciative potential (Santos, 2004). Regularities will be mapped in the so-called interdiscursivity matrixes. Such occurrences mark “discursive spaces” in which emerge meanings. This way, enunciation works as “meaning positions taken by enounces in texts are under production conditions, result of an interdiscursive intercourse in the intersection of discursive formations inside enunciation” (Santos, 2008, mimeo).

Key-words: Reader’s Digest Magazine, Interdiscursivity, Enunciative Instances of Subjectivity, Discourse of the Media.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO 1	
O Devir Fluido do Inabalável	
Considerações Gerais	31
Indústria cultural: <i>a contradição da semelhança</i>	33
Pós-modernidade: <i>a referência se esvai</i>	37
Devir: <i>o mundo em movimento</i>	41
Devir-máquina: <i>a aparelhização corporal</i>	45
Devir-animal: <i>a animalização essencial</i>	45
Considerações finais	46
CAPÍTULO 2	
Entre o dizer e o discurso	
Considerações Iniciais	51
Interdiscurso: <i>o sentido segundo tomadas de posição</i>	51
Heterogeneidade Enunciativa: <i>o eterno dizer do outro</i>	60
Matriz de interdiscursividade: <i>a operação de frações</i>	64
Sobre Formação Discursiva: <i>o que pode e deve ser dito</i>	65
Memória discursiva: <i>a condição do legível</i>	67
A forma-sujeito: <i>a evidência da interpelação</i>	68
Instância enunciativa sujeitucional: <i>constituição pela outricidade</i>	70
Gênero discursivo <i>venenos ou tranqüilizantes no discurso midiático</i>	71
Considerações finais	76
CAPÍTULO 3	
Interdiscursividade na enunciação “Seleções”	81
Análise de <i>corpus</i>	88
Textos I e II: “Comer o que quiser...” e “Alimentos que renovam sua energia”	89
Textos III e IV: “Volte a comer o que era proibido” e “Fast-food já!”	112
Textos V e VI: “A dieta <i>adoro comer</i> ” e “A dieta do leite”	126
Considerações finais	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	145
ANEXO 1	150
ANEXO 2	184

Introdução

E disse Deus: Haja luz!
E houve luz!
(Gênesis 1:3)

Considerações Gerais

Há teorias lingüísticas que explicam com mais propriedade como se faz “coisas com as palavras”, todavia, podemos dizer que, para a Análise do Discurso, a relevância de iniciar o trabalho sob esta epígrafe, consiste em verificar nos dizeres bíblicos da criação do mundo, pela interdiscursividade e heterogeneidade, que há um “real”.

Para nós, o real tem a ver com o “caráter material do sentido”, tomado como o elemento ideológico que estabelece relação entre a materialidade lingüística e a significação.

Trata-se de uma hipótese fundamental para a nossa perspectiva teórica: não há dizer *novo*. Este é o objeto da nossa investigação: a interdiscursividade que se apresenta, pelo repetível, no universo da enunciação. Esse foi o alicerce sobre o qual construímos nossa hipótese.

Esta dissertação tem a finalidade de, sob o referencial teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa, analisar enunciados da revista *Seleções*, visando a explicitar os efeitos de interdiscursividade em textos, tomados como manifestações enunciativas, cuja temática aborde a alimentação, de modo a promover uma interpelação, constituição, identificação e inscrição em formações discursivas subjacentes a esses enunciados.

A pesquisa também tem a finalidade de analisar e descrever quais são as formações discursivas que integram as condições de produção dos textos, de forma que sejam constituintes de uma produção de sentidos. Sabe-se que as condições de produção incidem sobre o contexto sócio-histórico e ideológico nos quais os sujeitos se inscrevem e formulam os textos, e, também, as posições nas quais eles se situam e enunciam. É nesse sentido que tomamos como relevante os elementos constitutivos que cercam a produção do texto.

A motivação para a referida pesquisa, que foram as reflexões acerca da multiplicidade de sentidos que podem ser apreendidos, levará em conta que os sujeitos estão envolvidos num contexto em que transformações acontecem, aparentemente, de forma muito rápida e atingem a sociedade em vários campos, produzindo efeitos dos mais diversos, ao re-significar de dizeres.

Notamos que o estabelecimento da “verdade” do momento se realiza pela linguagem, ou seja, uma instância enunciativa sujeitidual, enquanto lugar discursivo, torna-se exposta a um dizer e por ele é interpelada.

É nessa lógica que a revista *Seleções* enuncia e se constitui instância interdiscursiva de materialidade enunciativa que se apresenta como Lugar Social Midiático. Faz-se a partir daí, supor que lá, nessa instância sujeitidual Lugar Social *Seleções*, temáticas repousam na contradição e confluem, ora para o senso-comum, ora para um caráter metodológico e positivista da ciência. Tal confluência poderá ser explicitada a partir de uma investigação que aborde a interdiscursividade subjacente a esse espaço enunciativo, tomando-o como portador “de atravessamentos que implicam a sua constituição enquanto materialidade lingüística” (SANTOS, 2007b).

Além disso, as manifestações enunciativas da revista *Seleções* parecem deixar transparecer um dizer imperativo, hierarquizado, que fomenta uma interpelação de uma instância enunciativa sujeitidual. Trata-se, portanto, de como a forma-sujeito do discurso, que é interpelada ideologicamente, se inscreve em determinadas formações discursivas e não em outras.

Em vista disso, desenvolveremos, em nosso estudo, as noções de interdiscurso, forma-sujeito, formação discursiva, e gênero discursivo.

Contextualização da pesquisa

O propósito inicial era analisar como a revista *Seleções*, ao longo de 65 anos completados em 2007, contribuiu na constituição da identidade brasileira de leitores de manifestações enunciativas midiáticas. Dada a amplitude do *corpus*, dispusemos apenas iniciar uma jornada, que pode fazer parte de uma pesquisa maior, recortando o espaço de interdiscursividade em dada condição de produção, por julgarmos relevante abordar

os atravessamentos subjacentes a essa discursividade, presentes nessa dimensão linguageira, considerados na perspectiva de uma instância enunciativa sujeitidual.

A revista *Seleções* é uma publicação do tipo almanaque, em que circulam textos diversos, com ênfase especial à saúde física e mental. Seu cânone, isto é, a apresentação de seus propósitos e dos elementos que caracterizam a revista, desde sua fundação em 1922, pode ser encontrado na edição de março de 2007 (p. 40-52), uma edição comemorativa de 65 anos de publicação no Brasil, na qual estão registrados seus objetivos: disponibilizar “uma seleção dos melhores e mais úteis artigos já publicados, utilizando uma linguagem condensada”.

Trata-se, portanto, de uma publicação destinada desde o princípio a atender um público que se interessasse por textos condensados, escolhidos, segundo seus próprios critérios, entre os “melhores” publicados pela imprensa.

A discursividade que se instaura na publicação em análise circula aparentemente sem restrições entre as camadas culturalmente mais privilegiadas da sociedade, atendendo a uma gama de expectativas que busca permanentemente – segundo um dizer que circula repetidamente na mídia – a juventude, a beleza, um corpo perfeito e saudável.

Considerando as promessas da ciência de, pelas boas escolhas alimentares, se ter uma vida mais longa, produtiva e mais livre de doenças, enfocaremos um fundamento desse viés polêmico que promove um constante apagamento/silenciamento de uma anterioridade enunciativa, contestada sem maiores questionamentos, mesmo que seja diametralmente oposta a esta outra orientação. Ou seja, um dizer que possuía *status* de “dogma” é desautorizado, sem explicações plausíveis que justifiquem essa inversão de costumes e hábitos.

Dessa forma, observamos que os textos parecem seguir um critério de não se apresentarem como prescritivos, no sentido de um intuito explícito de injunção, de terem como finalidade regular antecipada e explicitamente uma ação, algo em torno da função de receita médica.

Uma das hipóteses para esta posição é a determinação precisa de evitar uma aparência de propaganda enganosa, o que implicaria retirar o lugar de credibilidade que é atribuído à publicação. Esse procedimento pode ser justificado se existirem regularidades nos textos que se vinculem a uma formação discursiva do senso comum,

que se configurem a partir de pré-construídos, *discrepâncias* que emergem como se tivessem sido pensadas “antes, em outro lugar, independentemente” (PÊCHEUX, 1988, p.156).

A noção de credibilidade na mídia não corresponde a um conceito de verdade, no sentido de compromisso com uma realidade. Talvez equivalha a uma verdade construída sob os próprios interesses da mídia, enquanto instância-sujeito. Assemelha-se, de certa forma, à religiosidade ou à superstição, quando a experiência não pode ser repetida e é aceita como verdadeira porque alguém, a quem se atribui autoridade para tal, assim o disse.

No caso da revista *Seleções*, é possível verificar que através dos anos, desde 1942, uma relação foi sendo construída de forma a determinar qual imagem, como instância enunciativa, fosse refletida do ponto de vista do outro, a saber, uma revista séria, útil, dirigida a uma elite cultural.

Esses “sintomas” podem ser apreendidos, rapidamente, apenas passando os olhos pelas capas de alguns números, para identificar a regularidade temática. Essa regularidade se confirma a partir da descrição de casos de superação, quais sejam: doenças graves, ou outras dificuldades vencidas, no mais das vezes com um desfecho feliz.

A parte relevante para a pesquisa diz respeito à imagem que a revista busca fixar de seus propósitos culturais e científicos. Propósitos esses voltados à alimentação e à saúde.

Em primeiro lugar, é preciso reconhecer que o sentido da ideologia para a Análise do Discurso – e é como funciona nesta pesquisa –, explicita-se como uma posição de natureza prioritariamente social, voltada para uma política de globalização, descomprometida com os efeitos práticos dos processos político-ideológicos pontuais que possam advir dessa posição social recortada.

Considerando que uma instância enunciativa sujeitucional mantém inscrições imaginário-sócio-ideológicas, não podemos descartar a possibilidade de uma transposição de sentidos, que faça prevalecer uma posição de classe dominante, produzindo um efeito de naturalização da “realidade”.

Nesse sentido, podemos investigar se ocorre nos enunciados em estudo uma (re)atualização ideológica, quer dizer, sabendo que as pesquisas científicas acarretam

mudanças de perspectivas e, até mesmo, apagamentos/silenciamentos de dizeres anteriormente estabilizados, questionamos como o resultado de uma última pesquisa pode refutar uma anterior a ela. Trata-se de uma indicação de alteridade, cujos atravessamentos interdiscursivos nos interessam.

Conseqüentemente, empreendemos verificar a presença de atravessamentos interdiscursivos na enunciação midiática, que podem ser identificados como um mecanismo de alteridade enunciativa, posto que o atravessamento interdiscursivo funciona como um dispositivo que “ativa” a presença outra.

É relevante notar que a enunciação científica pode não emergir apenas em sua especificidade, mas também, pode vir interpelada pelo que a ideologia determina que seja dito.

Para Foucault (1992b, p. 183), o poder é uma ação, mesmo enquanto possibilidade concentrada ou difusa, sustentada pela instituição, ou ainda,

O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como riqueza ou bem. (FOUCAULT, 1992b, p. 183).

Dessa maneira, o recorte de mundo apresentado em cada matéria da revista aparentemente funciona como uma ordem discursiva, resultado de uma inscrição sujeitudinal.

Tendo em vista o exposto, parece que a temática da alimentação na revista *Seleções* produz, predominantemente, efeitos de aconselhamento sustentados pelo dizer científico. Nesse sentido, questionamos a relação (possível) entre esse modo de enunciação e sua subjacente influência ideológica.

A revista *Seleções Reader's Digest*

Surgida no início dos anos vinte, no século passado, a revista *Seleções* chegou ao Brasil em 1942, superando, em sua distribuição, a tiragem de todos os países de língua espanhola da América Latina. Porém, na década de setenta, suspendeu as atividades no Brasil por causa da instabilidade econômica que culminou com a altíssima taxa de

inflação pela qual o país passou. O atendimento ao público brasileiro se deu via Portugal, que se tornou sede da edição em língua portuguesa, com sua distribuição diminuída no Brasil de quase 500 mil para 110 mil exemplares.

Em 1995, com o Plano Real, a impressão voltou a ser feita em território nacional. Em 1999, o editor Sérgio Charlab assumiu a diretoria e instaurou a aproximação com o público brasileiro, promovendo a participação dos leitores nacionais, principalmente com a seção “Queremos rir com você”, que premia contribuições que venham a ser utilizadas por *Seleções*: artigos, piadas, histórias reais. A seção é uma página fixa que abrange três formas de premiação. Os menores valores são oferecidos para as seções: “Rir é o melhor remédio”, “Heróis de hoje”, “Só no Brasil”, “Sua vida” e “Entre aspas”. Um valor médio para “Flagrantes da vida real”, “Ossos do ofício” e “Piadas da caserna” e, finalmente, o maior prêmio é pago ao envio de artigos de outras publicações (*Seleções*, outubro, 2005, p.83).

Seu conceito é “contar histórias que emocionam, abordando importantes assuntos relevantes do dia-a-dia e inspirando uma vida melhor”. Sua sede fica em Pleasantville, Nova York. Segundo sua página de apresentação na rede, de onde extraímos as afirmações aspeadas deste subtítulo, existem 48 edições em 19 línguas, além de a revista circular por mais de 60 países.

Objetivo geral desta pesquisa é desenvolver uma análise discursiva, identificando elementos de uma interdiscursividade sobre a alimentação, a partir de seqüências discursivas apreendidas nos textos: “Comer o que quiser”; “Alimentos que renovam sua energia”; “Volte a comer o que antes era proibido”; “Fast-food já”; “A dieta ‘adoro comer’”; “A dieta do leite” (conforme o anexo 1). Trabalhamos com uma metodologia analítico-comparativa, fundamentada pela rede conceitual da Análise do Discurso de linha francesa, desenvolvida a partir da identificação de conceitos operadores dessa percepção analítica.

O primeiro momento da pesquisa consiste no exame das seqüências discursivas, a fim de explicitar efeitos da interdiscursividade nos dizeres sobre a alimentação como instauradores de uma inscrição discursiva transversa. A partir dos resultados do exame das seqüências discursivas, propomo-nos a descrever as formas de inscrição enunciativa em formações discursivas desses dizeres sobre a alimentação.

O exame das seqüências discursivas tomará por referência uma reflexão sobre as condições de produção, com o intuito de determinar como o processo de interdiscursividade constitui a enunciação em *Seleções*.

Algumas referências teóricas relevantes

Fundamentamos este estudo com os conceitos de interdiscurso, sujeito, ideologia, forma-sujeito, formação discursiva e sentido. É a partir da noção de *sentido* que buscamos verificar as articulações e os desmembramentos dos demais conceitos.

Entendemos que a articulação sujeito-ideologia determina, *grosso modo*, o sentido. Tal relação pode ser explicitada e compreendida na tensão entre os dizeres, ou seja, o conflito, que subjaz à significância dos enunciados conduz a análise à especificidade de cada recorte no processo de interpretação e percepção de suas ocorrências.

A seguir antecipamos de maneira breve os conceitos de interdiscurso e sujeito, que analisaremos mais detidamente no capítulo 2. Temos como relevante essa antecipação pela perspectiva de uma contextualização teórica mais acuidada das finalidades desta pesquisa. Isso quer dizer que neste momento aproximaremos mais os conceitos para a leitura do capítulo 1, no qual trabalhamos conceitos acessórios como indústria cultural, da pós-modernidade e do devir.

Efeitos da interdiscursividade: interdiscurso, memória discursiva e formação discursiva

Pontualmente, o conceito de interdiscurso diz respeito às relações de sentido que se estabelecem no conjunto dos já-ditos, havendo nas regularidades dessas relações um jogo de desigualdade-contradição-subordinação. Pelo interdiscurso uma dada formação discursiva domina as demais, pela via das inscrições ideológicas que determinam as posições sustentadas pelo sujeito. (PÊCHEUX, 1988, p.160)

Como foi estabelecido por Pêcheux, o interdiscurso define-se como memória discursiva, que não tem relação com a memória cognitiva ou com os sentidos atribuídos

à memória como lembrança. Neste caso, dizeres que se constituem historicamente surgem nas manifestações discursivas produzindo significação.

Ao enunciar, o sujeito se inscreve em dada formação discursiva que determina o que pode e deve ser dito, definindo que o dizer seja constituído pelo já-dito. O já-dito, sob a incidência da situação, tem seu sentido atualizado, ou melhor dizendo, (re) significado, uma vez que ele passa por um processo no qual, ao enunciar um já-dito, outros sentidos são constituídos.

A formação discursiva, por sua vez advém de uma formação ideológica que numa anterioridade discursiva tenha interpelado o indivíduo em sujeito. Desse modo, para Rasia, a concepção de formação discursiva para Pêcheux indica que:

A FD é, por excelência, o lugar de dissimulação da dependência ao complexo das formações ideológicas, e tal se dá porque ela se institui de modo que os sentidos ali postos parecem transparentes, como se estivessem suspensos, independentes de uma inscrição, e ao mesmo tempo como se pudessem estar em qualquer lugar e de qualquer modo. E isso se dá assim porque cada FD realiza a incorporação; dissimulação dos elementos do interdiscurso – lugar de dispersão dos enunciados – a partir de uma unidade imaginária do sujeito. (RASIA, 2008, mimeo)

Dessa forma, segundo essa autora, ao identificar-se com a FD que o constitui, pela forma-sujeito, o sujeito do discurso “simula o interdiscurso no intradiscurso, este entendido como o lugar de linearização dos enunciados” (RASIA, 2008, mimeo).

A rede discursiva é, assim, tecida e fundada sobre vozes constitutivas da história, num movimento permanente e contínuo de retorno ao que já foi dito, para que seja significado.

Essas vozes constituídas nesse movimento permanente e contínuo de retorno ao que já foi dito representam aquilo que Bakhtin chamou de dialogismo. Esclarecendo rapidamente o sentido de dialogismo para este autor, dizemos que dada uma dimensão social da linguagem, considera-se a impossibilidade de que um dizer venha a ser individual. Bakhtin considerava, portanto, a elaboração languageira em um caráter coletivo (BAKHTIN, 1995, p. 158), partindo do princípio de que “duas vozes são o mínimo de vida” (BAKHTIN, 2005, p. 257).

Assim, entendemos que a interdiscursividade compreende o dialogismo, no sentido exposto por Bakhtin, que se configura nas enunciações pelos atravessamentos discursivos.

Do sujeito para a forma-sujeito

O efeito da circulação do discurso não deixa de demonstrar a ilusão que o sujeito tem de ser fonte de seu dizer e, como tal, posicionar-se como se fosse realmente a origem desse dizer. Situando-se no entrecruzamento de diferentes discursos, o sujeito é inscrito numa discursividade, posicionando-se sócio-historicamente (PÊCHEUX, 1988, p.160-3).

Introduzido por Althusser, o conceito de forma-sujeito é a maneira como o sujeito se reveste para poder tornar-se agente de alguma prática social (*idem, ibidem* p.183). Para se constituir, o sujeito do discurso se identifica com uma formação discursiva, submetendo-se a um esquecimento de sua determinação, mas que lhe oferece a ilusão da unidade.

Assim, mediante o esquecimento, o interdiscurso se reinscreve e atravessa o discurso do sujeito, ou seja, o sujeito se constitui por meio de um efeito de evidência que o faz coincidir consigo mesmo num dado lugar, que é vazio, mas que, pela ação da ideologia, é instituído. Seu preenchimento se dá pela designação da forma-sujeito, que assume o dizer da formação discursiva na qual se inscreve.

Destarte, o sujeito do saber, enquanto forma-sujeito, ou sujeito histórico de uma dada formação discursiva revela as formações discursivas em conflito e funciona simultaneamente, no interior de um enunciado, quando por um processo de *incorporação-dissimulação*, retoma os elementos do interdiscurso.

Sendo assim, verifica-se que o sujeito é constituído pela falha, devido ao fato de a linguagem não ser transparente, não ser representação duplicada da realidade. Essa propriedade permite que o dizer sempre possa ser dito de outra forma. Dessa forma, ocorre para Pêcheux a metaforização do mundo, pois para este autor a metáfora nada mais é que um processo de substituição de palavras, uma palavra pela outra (PÊCHEUX, 1988, p.262-3).

Dessa forma, o movimento, causado pelo atravessamento da formação discursiva por meio do interdiscurso e pela alteridade com outras formações discursivas, determina que para a enunciação há uma instância (lugar) e há um momento (tempo) que se singulariza. O resultado, uma circularidade, é o movimento que determina o sentido que se constitui no interior de uma formação discursiva e do qual o sujeito é uma instância enunciativa.

Algumas considerações metodológicas sobre o encaminhamento da pesquisa

Apoiamo-nos, para o trabalho de pesquisa, no método analítico-interpretativo fundamentado pelos procedimentos teórico-metodológicos da Análise do Discurso de linha francesa.

Porquanto, a relação sujeito e sentido é o gatilho para a instauração de toda e qualquer significação, tomamos como prioritária a abordagem da significação no funcionamento do sentido demandado pelo sujeito “na constituição dos processos enunciativos” (SANTOS, 2004a, p.109). Além disso, parafraseando Pêcheux podemos dizer que “*não há linguagem sem sujeito, nem sujeito sem linguagem*”, assim, o processo enunciativo se move rumo à significação produzida a partir dos efeitos de sentido.

Mas que sentidos? Sabemos que os sentidos não estão postos, eles não são fixos, antes estão em constante movência pelas posições sustentadas pelos sujeitos que enunciam as palavras, expressões e proposições (PÊCHEUX, 1988, p.160), pelo que resultam os efeitos de sentido. Os sentidos não se restringem, portanto, a uma única acepção, suas acepções se configuram a partir da conjuntura de significações pelas quais ocorrem no interior de cada enunciação.

Assim, justificamos nossa opção pelo método analítico-interpretativo, uma vez que reunimos textos que julgamos representativos, para uma análise de seqüências discursivas que servirão de objeto para a busca de uma problematização da hipótese colocada, a saber, que as manifestações enunciativas do discurso midiático são índices de enunciatividade¹ no funcionamento de enunciados operadores de interdiscurso.

¹ Conjunto de propósitos contidos na *praxis* social de um sujeito, declaradas em suas ações e colocadas em uma situação específica de atribuição de sentidos (SANTOS, 2004, p. 116).

Esta dissertação, portanto, compõe-se de uma introdução na qual a pesquisa é apresentada e contextualizada; o Capítulo 1, que trata da contextualização de conceitos acessórios (da indústria cultural, da pós-modernidade e do devir), mas relevantes para o conjunto da pesquisa; o Capítulo 2, que consiste de uma exposição mais detalhada do arcabouço teórico que norteou o estudo; o Capítulo 3, o último, no qual ordenamos a análise do *corpus* selecionado e por fim, as considerações finais sobre os encaminhamentos estabelecidos para a pesquisa após a análise do *corpus*.

CAPÍTULO 1

O DEVIR FLUIDO DO INABALÁVEL

CAPÍTULO 1

O Devir Fluido do Inabalável

*Mudam-se os tempos, mudam-se as vontades,
Muda-se o ser, muda-se a confiança;
Todo o mundo é composto de mudança,
Tomando sempre novas qualidades.
Camões*

Considerações Gerais

Buscamos, neste capítulo, apresentar noções que compõem as condições de produção nas quais fundamos a pesquisa, no permeio da ordem sócio-histórica que interpela e constitui um funcionamento discursivo. Neste caso, problematizamos esta pesquisa a partir da hipótese de que as manifestações enunciativas do discurso midiático são índices de enunciatividade no funcionamento de enunciados operadores de interdiscurso.

Trata-se o enunciado operador de interdiscurso como um enunciado que atua sobre várias discursividades, reunindo-as sob a égide do interdiscurso. Por conseguinte, o enunciado operador produz, pelas conexões transversais, a significação. A esse movimento produtor de significação chamamos índice de enunciatividade.

Entendemos, então, que há um processo que se historiciza, mediante as condições sócio-históricas que perpassam o sujeito, interpelando-o, no sentido de passar a se compor a partir do espanto do homem, como uma interpelação constante do conhecimento.

Esse espanto parece ter se encaminhado, por um lado para a filosofia, em sua ânsia de conhecer e desvendar os mistérios do mundo e da alma humana e, por outro lado, para uma condição ritual, de espiritualidade, que sublimasse esse espanto, como uma oposição ao elemento material, enquanto comum, ou cotidiano, a saber, a religião.

Gostaríamos, assim, de introduzir este capítulo com uma reflexão de Walter Benjamin sobre a “evolução” da arte para a mídia. Para este autor, advém da relação inicial da arte com a religião, um resquício ao qual denomina “aura”, a condição singular da arte. Com a “reprodutibilidade técnica” (BENJAMIM, 1996, p.82), efeito da

reprodução da obra de arte, possibilitado pela tecnologia – fotografia, cinema – essa “aura” transforma-se.

É, então, possível relacionar à emergência da mídia, correntemente, as circunstâncias advindas da exposição da imagem desde o surgimento da fotografia que, segundo Benjamin, aproximou o rosto humano do público, deflagrando a perda da “aura”, ou seja, o princípio originário da arte como ritual e o que a determina como arte. Essa ruptura se dá como efeito da possibilidade da reprodução em série, da “reprodutibilidade técnica”, nas palavras de Benjamin (1996, p.82).

Para esclarecer sobre o modo como olhamos para a mídia, nesta pesquisa, assentamos que se trata de uma fase posterior da condição humana que se sucede a partir, em primeiro lugar, do espanto do homem diante do mundo; a seguir, esse espanto deriva uma assimilação do mundo pela via do ritual, da religião. Na fase seguinte, esse ritual se transforma em arte, projetando sua subjetividade, para finalmente, fixar-se em repetições que denunciam uma mesmice que se desloca – nessa fase localizamos a mídia, que reunindo todos esses vestígios não representa nenhum deles. Como a mídia se fundamenta na repetição, esses vestígios ainda podem ser visíveis como um efeito de “parecer ser”.

É a força desses vestígios que provocam a ilusão de que a mídia pode espantar, divinizar ou deter um estatuto de arte no qual os participantes de seu jogo podem ser tratados como ídolos, produzindo sobre a opinião pública efeitos de sentidos de credulidade e fascínio. Na instância enunciativa *Seleções* esse efeito recai como uma voz onipotente que pode dizer a cada hora uma “verdade” diferente, negando questionamento, quando uma “nova” outra “verdade” é declarada.

Nesse sentido, os conceitos que passaremos a expor, a saber, aqueles ligados à indústria cultural, à Cultura de Massa, à pós-modernidade e ao devir, inclusive em suas variáveis, são apenas a superfície de discussões extremamente intrincadas, as quais não serão tratadas com o merecido aprofundamento face aos nossos objetivos aqui. A finalidade desta pesquisa se direciona para os efeitos da historicidade sobre a rede de sentidos que se organiza em torno dos textos, que ora investigamos.

Tais conceitos, no entanto, estão aqui apresentados tendo em vista que os consideramos imprescindíveis para arrazoar sobre nossas proposições e melhor ambientar a presente investigação.

Visto que o objeto desta pesquisa consiste de textos, caracteristicamente, midiáticos, é pertinente balizar o espaço no qual eles operam, de modo que se verifique como, constitutivamente, seu funcionamento produz argumentos, no sentido de instrumentalizar e dar suporte para a hipótese levantada – aquela de que os enunciados operadores de uma discursividade se remetem a uma interdiscursividade que interpela “efeitos de verdade”.

Assim, abordaremos, alguns fundamentos sobre os conceitos de Indústria Cultural e Cultura de Massa, bem como, o de Pós-modernidade, não negando, contudo, a circularidade e interdependência de tais conceitos.

Indústria Cultural: *a contradição entre a heterogeneidade e a semelhança*

É possível dizer que a Revolução Industrial *exigiu* uma mudança em relação ao modo de perceber a cultura, em função das alterações no modo de conceber a produção pela via da economia, sob efeito do impacto da tecnologia e as exigências de consumo decorrentes. Ao substituir o trabalho do artesão pelo trabalho em série das máquinas, surgiu a necessidade de provocar o aumento do consumo de bens.

Dessa necessidade advém o incremento da Indústria Cultural. Para pensar Indústria cultural, supomos ser necessário recorrer ao que se costuma conceituar com o termo Cultura de Massa, e, conseqüentemente, o que vem a ser cultura. Assim, inicialmente, indicaremos a acepção de cultura de que nos valeremos, tendo em vista a complexidade do conceito.

Para os fins desta pesquisa, inicialmente, é profícuo o conceito sociológico, segundo o qual a cultura representa a totalidade de saberes e relações peculiares aos indivíduos de certo grupo e que lhes confere uma identidade no grupo a que pertencem, assim como também, determina-lhes maneiras de proceder.

Para Giddens (2004):

A cultura consiste nos **valores** de um dado grupo de pessoas, nas **normas** que seguem e nos *bens materiais* que criam. Os valores são idéias abstratas, enquanto as normas são princípios definidos ou regras que se espera que o povo cumpra. As normas representam o “permitido” e o “interdito” da vida social. (Giddens, 2004, p.22, grifos do autor)

Para os fins desta pesquisa, julgamos ser relevante mencionar os procedimentos contrastantes, impostos sob efeito da cultura, a saber, a *permissão* e a *interdição*. Esclarecemos que utilizamos esses dois conceitos como o que é socialmente autorizado e o que a sociedade determina, pela historicidade, como inaceitável.

A causalidade de tais antagonismos, no entanto, é dissimulada nos processos sociais, ou seja, não parece ser, mas é conseqüência do autoritarismo de uma classe que predomina sobre as demais, ou, nas palavras de Marx, da luta de classes.

Outrossim, não há, para a sociologia, culturas superiores ou inferiores, uma vez que a cultura é relativa, ou seja, só é possível interpretar uma atividade ou crença humana em sua própria cultura. Esse conceito foi desenvolvido a partir do pensamento de Franz Boas e designado pelos seus sucessores como o *relativismo cultural*.

É preciso, à vista disso, distinguir o que seja Cultura de Massa de seu aparente sinônimo, Cultura popular. Chartier apresenta um conceito, de forma sucinta, assumindo que seja esquemático. Este autor identifica a Cultura popular por “dois grandes modelos de descrição e interpretação” (CHARTIER, 1995:1):

O primeiro (modelo), no intuito de abolir toda forma de etnocentrismo cultural, concebe a cultura popular como um sistema simbólico coerente e autônomo, que funciona segundo uma lógica absolutamente alheia e irredutível à da cultura letrada. O segundo, preocupado em lembrar a existência das relações de dominação que organizam o mundo social, percebe a cultura popular em suas dependências e carências em relação à cultura dos dominantes. Temos, então, de um lado, uma cultura popular que constitui um mundo à parte, encerrado em si mesmo, independente, e, de outro, uma cultura popular inteiramente definida pela sua distância da legitimidade cultural da qual ela é privada.”² (CHARTIER, 1995:1)

Então, é possível considerar que este autor afasta as manifestações da cultura popular daquilo que é produzido pelas camadas letradas, e, nesse sentido, não se subordina a uma possível “cultura dominante”.

Há, porém, simultânea e contraditoriamente, a idéia de que a Cultura popular submeta-se a uma dominação, diferindo-se de outra idéia legitimada, designada simplesmente “cultura”, visto que não necessitaria de um modificador, como é o caso do modificador “popular” para o nome “cultura”, que a habilitasse; todavia, poderia ser

² Roger Chartier: *Estudos Históricas, Rio de Janeiro, vol. 8, n. 16, 1995, p.179-192.* <http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/172.pdf>, acesso em 5/1/2008, 9h52

identificada, também, como *cultura erudita*. Como vemos, a contradição está em permanente funcionamento.

Se a Cultura popular representa o fazer do povo, não é, de forma alguma, o que ocorre à Cultura de Massa.

O fenômeno da massificação já vinha sendo observado por Hegel (BAVARESCO, 2003, p. 140-141), Nietzsche (NIETZSCHE, 2004, p. 99), Gramsci, este último atribuía o predomínio e dominação das massas pelo estado capitalista à difusão da cultura deste. A isso, Gramsci designa “hegemonia” (GRAMSCI, 1995 p.13).

Nesses termos, o surgimento de meios de comunicação cada vez mais abrangentes iniciou um processo irrefreável de popularização da informação, conjuntamente à absorção massiva de uma cultura capitalista.

O termo *Cultura de Massa*, mesmo sendo amplamente utilizado em nossos dias, foi visto por Adorno com reservas e substituído, com a publicação da “Dialética do Esclarecimento”, pelo termo *Indústria cultural*.

Para este autor, por mais que ele instrumentalize o conceito para trabalhar a noção de Indústria cultural, identificar uma *Cultura de Massa* implicaria atribuir às massas a propriedade da autonomia, conseqüentemente, negar um certo mecanismo ideológico que, pela ação da mídia, monopolizaria a opinião pública e produziria, assim, algo como uma “domesticação” das massas.

“Domesticação”, aliás, é o termo que parece melhor qualificar a *cultura* produzida a partir da Indústria cultural, no sentido de tomar a multiplicidade e a complexidade cultural, como uma cultura *selvagem*, destituída de parâmetros, aproveitamentos, repetições, rápida assimilação e, conseqüentemente, alta rentabilidade. Essa “perda” exige o descredenciamento dessa cultura *selvagem* para a massa.

A Cultura de Massa, como noção, mesmo que contraditoriamente, ganha visibilidade a partir das críticas de Adorno, de sua percepção de que a mídia não abastece o povo apenas de informação e entretenimento. Assim, Adorno detecta o avanço tecnológico não como o início de um “estado verdadeiramente humano”, mas “uma nova espécie de barbárie” (ADORNO, 1985, p. 11)

Em seu texto, *Indústria cultural*, Adorno nega que as transformações nas relações ocorridas entre o homem e a religião, a sociedade, a economia e a tecnologia,

nos últimos séculos, tenham originado o “caos cultural” da atualidade. Antes, atribui a uma condição civilizatória moderna o caráter da repetição que deriva uma homogeneização da singularidade, ou, em suas palavras, “a cultura contemporânea confere a tudo um ar de semelhança” (ADORNO, 1985, p.111).

Poder-se-ia, assim, dizer que há uma ação consciente e intencional dos postos de comando, reconhecidos como o poder em sua acepção político-econômica, que se propõem a subjugar a vontade individual, alienando-a, de modo a fazê-la coletiva. Não obstante, o termo político, aqui, não tem correspondência direta com governo institucional, assentando-se, antes, no âmbito da formação de opinião (ADORNO, 1982, p. 159-160).

Cultura de Massa representa, então, o conjunto de elementos (filmes, jornais, brinquedos, alimentos, comportamentos...) que a Indústria cultural produz e que promove a cópia como objeto de singularização pessoal, de forma que o consumo insere o indivíduo na sociedade e, concomitantemente, apaga suas características distintivas. Dessa forma, a massa não tem uma cultura, porém, sofre uma cultura.

Adiante, constataremos como os dizeres da ciência, supostamente muito particularizados, podem ser generalizados pelos meios de comunicação, desprezando heterogeneidades sociais, étnicas, etárias, sexuais ou psicológicas, e, mesmo assim, gerando um efeito de credibilidade ao suscitar em seu público-alvo, representado pela pessoa que lê, uma ilusão de aplicação individual daquilo que é genérico.

Dessa forma, um dos dispositivos usados pelo aparelho midiático vem a ser o esquematismo, que consiste em simplificar, resumir, generalizar. Para os fins desta pesquisa, então, tomaremos como texto esquemático aquele não se prende aos detalhes, antes, investe em aspectos que atraiam o público ao qual se destina, pontuando que uma das características primordiais da Indústria Cultural é demandar lucro.

É nesse sentido que Lyotard (2004, p. 69) denuncia a redução das narrativas. Este autor liga o momento à Pós-Modernidade, termo que começou a ser utilizado por Ihab Hassan, para identificar uma outra mentalidade ou princípio considerado novo (Weltanschauung). Antecipamos aqui algo que desfiaremos um pouco mais adiante na subdivisão dedicada à pós-modernidade. Sobre o texto esquemático Lyotard considera:

Na sociedade e na cultura contemporânea, sociedade pós-industrial, cultura *pós-moderna* (termo cunhado por Ihab Hassan), a questão da deslegitimação do saber coloca-se em outros termos. O grande relato perdeu sua credibilidade. (LYOTARD, 2004, p. 69)

O esquematismo tem a ver com as aparas de aprofundamento que não respeitem os parâmetros de rapidez, atrativo e custo, exigidos pela Indústria Cultural e marca o movimento de instauração da pós-modernidade.

Pós-modernidade: a referência se esvai

De acordo com os teóricos consultados para esta pesquisa, asseveramos ser impossível demarcar rigidamente as fronteiras do conceito de pós-modernidade pelo seu próprio “genótipo” descentrado.

O termo pós-modernidade foi utilizado primeiramente por Ihab Hassan, um teórico literário nascido no Cairo, Egito, que emigrou na década de 1940 para os Estados Unidos. Justificamos esta breve explanação sobre o sujeito empírico, Hassan, dada a dificuldade que temos enfrentado para encontrar suas obras, simultânea à importância que entendemos ser sua contribuição para os nossos estudos.

Hassan elaborou uma tabela esquemática de diferenciações com demarcações da modernidade e da pós-modernidade, que retiramos da Wikipédia inglesa para demonstrar aqui.

Sobre a tabela, gostaríamos de prevenir que inserimos setas bidirecionais para pontuar a atemporalidade que interpela os termos.

Modernidade	←————→	Pós-modernidade
Romantismo/Symbolismo		Parafísica/dadaísmo
Forma (conjuntiva, fechada)		Antiforma (disjuntiva, aberta)
Propósito		Jogo
Projeto		Probabilidade
Hierarquia		Anarquia
Poder/Palavra		Exaustão/Silêncio
Objeto de arte/ obra acabada		Processo/Desempenho/Acontecimento
Distância (distanciamento)		Participação (envolvimento)
Criação/Totalização		Descrição/ desconstrução
Síntese		Antítese
Presença		Ausência
Centramento		Dispersão
Gênero/ Fronteira		Texto/Intertexto
Semântica		Retórica
Paradigma		Sintagma
Hipotaxe (subordinação)		Parataxe (coordenação)
Metáfora		Metonímia
Seleção		Combinação
Raiz/profundidade		Rizoma/Superfície
Interpretação/Leitura		Anti-interpretação/Má(des)leitura
Significado		Significante
Legível		Escrivível
Narrativa/Grande História		Anti-narrativa/Pequena História
Código Mestre ³		Idioleto ⁴
Sintoma		Desejo
Tipo		Mutação
Genital/Fálico		Polimorfo/Andrógino
Paranóia		Esquizofrenia
Origem/Causa		Diferença-Difference ⁵ /Traço
Deus, o Pai		O Espírito Santo
Determinação		Indeterminação
Transcendência		Imanência

Fonte: http://en.wikipedia.org/wiki/Ihab_Hassan (tradução nossa)

Uma vez que todo movimento humano carece de certo acordo universal – o que não se caracteriza como defeito, pelo contrário, faz emergir a multiplicidade do pensamento e uma conseqüente necessidade de aproximação de diferenças, rumo a certo padrão de regularidades – múltiplas são as aproximações possíveis para discernir o conceito de pós-modernidade.

³ Parte comum e dominante de uma espécie de senha para habilitar/desabilitar algum processo (alarmes, games ...)

⁴ Uso individual da língua que marca seu usuário pelas suas escolhas lingüísticas.

⁵ Neologismo francês desenvolvido por Derrida da união homófona entre os sentidos de *adiar/deslocar* e *diferir/distanciar*.

Conforme a tabela apresentada, verificamos que não há pontos convergentes em quantidade administrável para se afirmar o que vem a ser, especificamente, a pós-modernidade. Julgamos, assim, tratar-se de um conceito macro, de abrangência universal, e, simultaneamente, efeito de uma crise de referência.

Não é, contudo, esta a única razão que se configura como obstáculo para tal empreendimento. Outra causa relevante é a possibilidade necessária, invariável e obrigatória de envolvimento subjetivo de todos aqueles que se disporiam, hoje, a falar a respeito e a impossibilidade de um distanciamento necessário para avaliar quais seriam as reais características do momento e quais se restringiriam a uma minoria, não chegando a influir no complexo das peculiaridades da pós-modernidade.

De qualquer forma, haveria uma grande lacuna neste trabalho se não fosse mencionado um dos maiores agentes da citada crise de referência, a saber, a globalização, provocada pela atenuação das fronteiras territoriais, entremeada pelo barateamento e acessibilidade de comunicação e informação – referimo-nos aqui aos efeitos gerados pelo alcance mundial da rede de computadores.

Assim, não havendo uma rede de características fixas e unânimes aceitas como marcas da pós-modernidade, adotaremos o rompimento com o pragmatismo do início do século XX como uma das primeiras marcas possíveis de serem observadas.

Bauman (1998, p. 17) elabora um percurso da condição da pós-modernidade desde Freud e suas reflexões sobre cultura e civilização. Recorrendo ao conceito de mal-estar neste autor, Bauman afirma serem redundantes as noções de cultura e civilização.

A relevância de tal afirmação é demonstrada ao se partir da noção de civilização para pensar o passado: escolha que se revela problemática e que consiste em um anacronismo. Tal perspectiva não compreende questionamentos e inquietações inscritos na história, ou seja, o conceito de cultura ou civilização distancia-se de uma mentalidade da época, no sentido kantiano de *Weltanschauung* (cosmovisão ou visão de mundo), incluído o sentido romântico-idealista.

Para a finalidade desta pesquisa, as conclusões de Bauman (*idem, ibidem* p.17) sobre a dissonância entre os ganhos da civilização e o preço a ser pago são convenientes. Este autor considera a novidade que são – tomando como parâmetro a

história da humanidade –, os hábitos e condutas ligados à prevenção de doenças, à manutenção da saúde, à ordem, à beleza.

É possível que o elemento desencadeador desses procedimentos de promoção à saúde tenha a ver com a limpeza, ou seja, hábitos de higiene. A descoberta da ação patológica dos microorganismos, observada principalmente em espaços hospitalares, e evitável por ações simples como lavar as mãos, parece ter dado início à prevenção como uma prioridade sobre a conduta, quanto aos cuidados com a higiene.

Os ganhos da civilização, daí decorrentes, em bem-estar e longevidade, no entanto, têm sua tributação paga em instabilidade, descrédito, medo, enfim, o sofrimento que se tem convencido chamar mal-estar. É possível que esse estado de coisas derive as expectativas sobre a vida saudável, materializadas nos dizeres sobre a nutrição e a saúde.

Sobre pós-modernidade não há acordo nem a respeito de sua própria existência. Foucault (2002, p. 159) costumava rejeitar o rótulo, ao mesmo tempo em que se situava no contrapé do protesto contra a tradição. Sua obra, no conjunto, inscreve-se na heterodoxia doutrinária científica e filosófica de sua época, descentralizando, sobretudo, as noções estáveis sobre o saber e o poder. Isso dizemos para nos posicionarmos acerca do território de fronteiras instáveis.

Por outro lado, a intervenção constitutiva da ideologia, nos moldes em que vai se configurando o século XX, funcionando concomitante às transformações tecnológicas, consolida essa mentalidade, como *Weltanschauung*, em sua diversidade, de estilhaçamento da referência.

É um ponto que pede fôlego para uma passagem interna, na qual o elemento “pós” de pós-modernidade encaminha-se para um jogo lingüístico. Bauman substitui o radical *modernism* por *hume*, formando “post-human” (póstumo), numa alusão, sob forma de desdobramento, a um possível fim da humanidade, sua morte, talvez uma perspectiva na qual o homem não fosse mais humano, mas uma pós-humanidade, uma civilização de não-mais-humanos.

Esse questionamento perpassa esta pesquisa, quando vislumbramos um bloco humano-maquínico em funcionamento nos textos, no qual as funções “vitais” são como que realizadas fora do corpo, em laboratório, e, eventualmente, trazidas de volta ao corpo que se põe como suporte das mais variadas possibilidades de “reprogramação”.

Todavia, Bauman, posteriormente, mudou. Principiando pelo axioma marxista – *Tudo o que é sólido se desmancha no ar* –, volta-se, atualmente, a descrever o que, em seus termos, vem a ser a “modernidade líquida”, marcada pela instabilidade e inconsistência das relações.

Ao deixar para trás o fator definitivo que deixa entrever a relação existencial, o póstumo e a instabilidade dos contornos fluidos em permanente deslocamento passam a determinar a perspectiva da ordem das *coisas*.

Tal transformação permite que a pesquisa avance e se amplie rumo a outro conceito próximo ao da noção de pós-modernidade, mas de raízes mais profundas e mais antigas: a noção de devir.

Devir: o mundo em movimento

Para o propósito da pesquisa, a noção de devir deve ser examinada. É preciso prevenir, porém, que, também, pode suscitar uma falsa impressão de que o conceito se confunda com o de interdiscurso. É possível dizer que o devir se refere ao “real”, e o interdiscurso é o efeito do devir na linguagem, a discursivização.

O “real” em Pêcheux diz respeito ao “*caráter material do sentido*” (Pêcheux, 1988, p. 160) e esse princípio fica mais estendido em sua obra conjunta com Gadet, “*A Língua Inatingível*”. Ali, o “real” se relaciona ao “‘princípio’ atrás da palavra lei, ‘disposição’ atrás da palavra ordem, ‘funcionamento’ atrás da palavra regra e ‘sistema’ atrás da palavra código” (GADET e PÊCHEUX, 2004, p.30, grifos do autor).

Da mesma forma, tomamos a noção de devir como antecedente, o sempre-já-aí do mundo das coisas sempre em processo de transformação pelo decorrer do tempo em suas frações. Não entraremos aqui nas discussões levantadas pela teoria da relatividade que, rompendo com a noção de tempo absoluto, reúne tempo/espaço numa mesma combinação, extinguindo o fracionamento entre presente, passado e futuro.

Para assentar as diferenças entre devir e “real”, e detalhar as particularidades do devir, bem como a pertinência da noção para esta pesquisa, é preciso ir aos primórdios conhecidos da filosofia, não para definir, mas antes, adentrar essa região instável na qual o devir “se move”.

Talvez seja necessário antecipar que o *Devir* se refere a um conceito filosófico que investiga a mudança como fenômeno inerente e incessante de todas as coisas no mundo.

Em Heráclito de Éfeso, é possível começar a delinear o caráter desse conceito. Próximo, mas não agregado aos primeiros filósofos cosmológicos, Heráclito conservou, ainda, o princípio de um elemento físico unificador primordial para toda substância da natureza: o fogo. Para este filósofo, do fogo e suas transformações deriva o universo, ou seja, do fogo como o princípio ou substância primeira, por meio da condensação e rarefação, são criados os fenômenos do mundo que se vê.

A relação de contradição entre a unidade do ser e a multiplicidade das coisas em permanente mudança e tensão é, por Heráclito, problematizada, e acaba por determinar como princípio o *Devir*.

Assim, o conflito é objeto sobre o qual Heráclito se debruça e propõe preceitos que descrevem e avaliam o que é possível pensar sobre o mundo partindo do aforismo: “*Tudo sempre flui* (παντα ρει/panta rei/)⁶, *nada perdura, antes, tudo está em constante mudança*”.

Heráclito exemplifica o conceito usando a metáfora das águas de um rio, na qual se verifica que mesmo que o rio permaneça na mesma planície e se designe pela mesma nomeação, será sempre outro, pela permanente mudança causada pelo correr de suas águas.

Em constante mudança de elementos/componentes, o rio jamais reunirá novamente as mesmas partes que o constituíram em dado momento. É assim que Heráclito afirma que não se pode entrar duas vezes no mesmo rio, já que nem o rio, nem a pessoa serão os mesmos. Contraditoriamente, porém, mantêm a identidade.

De tal noção procede a composição da dialética hegeliana. A realidade, para Hegel, dicotomiza-se na contradição, entre ser e não-ser, entre o mesmo e o não-mesmo, porém carece de prescrições que sistematizem e compatibilizem a realidade ao conhecimento humano. Assim, Hegel parte em busca da universalidade, tomando o *devir* como a essência: aquilo de que resulta a realidade, o que permanece, o que hipostaseia (se constitui em substância) (HÖSLE, 2007, p. 190-191).

⁶ πάντα, variação παντα: de todas as partes, tudo, sempre; ρει: verbo: fluir (ρειθρον – corrente de água (Pereira, 1951, p. 415, 495).

Sob essa inspiração, o caráter dinâmico da realidade e sua multiplicidade levam Nietzsche a propor a eterna reconstrução do ser, no sentido de que o ser está sempre a se refazer, sempre em processo. Tal perspectiva demonstra o conceito de devir neste filósofo, que determina que a verdade é uma questão de interpretação.

Oportunamente, Deleuze e Guatarri retomam a noção para detectar a constituição material de um território na ilusão de continuidade da vida humana. Dizemos ilusão de continuidade pelo efeito de unidade que a permanente mudança assumida pelo devir proporciona.

Para esses autores, o território ultrapassa a demarcação geográfica, compreendendo, entre outros, o elemento social, tecnológico, cultural, ou o que quer que venha a fazer coincidir alguém consigo mesmo. É sob esta perspectiva final que repousarão as buscas desta/nesta pesquisa.

Dessa forma, entendendo que: “Um devir não é uma correspondência de relações. Mas tampouco é ele uma semelhança, uma imitação e, em última instância, uma identificação.” (DELEUZE & GUATARRI, 1997, p.14 – vol. 4), É possível detectar que a ultrapassagem do devir sobre as relações retifica o erro de reduzi-lo à mera evolução de um ponto de vista genético. Não se trata disso:

... devir não é uma evolução, ao menos uma evolução por dependência e filiação. O devir nada produz por filiação; toda filiação seria imaginária. O devir é sempre de uma ordem outra que a da filiação. Ele é da ordem da aliança. (idem, ib., p. 15).

Ao que parece o devir abarca qualquer processo vital, como uma “realidade”, um acontecimento que o faz avançar, no sentido de transformá-lo, de fazer com que haja permanente substituição de elementos constitutivos. É justo afirmar que o devir não tem compromisso com a coerência, ou aquilo que se julga ser coerente, com o real, em seguir um padrão de causa e efeito.

Talvez, isso aconteça por tratar-se de um processo sem fim, nem começo (PÊCHEUX, 1988, p. 295), de mudança. Nesse sentido, Deleuze & Guatarri (1997) afirmam que:

Um devir não tem sujeito distinto de si mesmo; mas também (...) não tem termo, porque seu termo por sua vez só existe tomado num outro devir do qual ele é o sujeito, e que coexiste, que faz bloco com o primeiro. É o

princípio de uma realidade própria ao devir” (DELEUZE & GUATARRI , 1997, p. 15).

Sobre as questões lingüísticas, que coincidem com esta pesquisa, Deleuze e Guatarri consideram o devir das palavras como palavras em sua anterioridade, em sua constituição, no momento da passagem do real para o lingüístico, uma palavra em latência, uma pré-palavra, porque ainda não é palavra, mas já ocupa lugar no tempo e na significação.

É assim que o dizer é considerado em seu tempo exato de enunciação, à vista das diferentes significações que podem transformá-lo (p. 16). Trata-se de um “agenciamento”, isto é, as palavras tomam corpo, assumem suas formas, contudo, não deixam de sofrer intervenções de ordem política em seu valor. Assim, esses autores justificam línguas baixas e línguas altas alegando que “a unidade de uma língua é, antes de tudo, política. Não existe língua-mãe, e sim tomada de poder por uma língua dominante, que ora avança sobre uma grande frente, ora se abate simultaneamente sobre centros diversos.” (*idem, ibidem* p. 36)

Tal tendência, no entanto, não é da ordem da essência, do processo em sua formação. Pois,

Não existe uma pobreza e uma sobrecarga que caracterizariam as línguas menores em relação a uma língua maior ou padrão; há uma sobriedade e uma variação que são como um tratamento menor da língua padrão, um devir-menor da língua maior. O problema não é o de uma distinção entre língua maior e língua menor, mas o de um devir. A questão não é a de se reterritorializar em um dialeto ou um patuá, mas de desterritorializar a língua maior. (*idem, ibidem* p. 43)

Para os fins desta pesquisa, marcamos estes níveis para a diferenciação das possibilidades interdiscursivas e o devir como recorrência.

A seguir passaremos a identificar um conceito derivado deste e que se mostra proficuo para a análise dos textos do *corpus*, especialmente no texto “Alimentos que renovam a energia”.

Devir-máquina: a aparelhização corporal

A reformulação teórica deleuziana trouxe para o centro da mesa questões referentes à multiplicidade, à fragmentação, à transformação do aparentemente imutável, a mutação percebida *imperceptivelmente* e que até depende de aparelhamento científico.

A frutífera produção científico-filosófica dos últimos séculos permitiu uma rica gama de proposições que, como consequência, tornaram-se fundadoras de novas discursividades (FOUCAULT, 1992b, p. 58). O pensamento moderno intensamente fragmentado por vertentes teóricas ora racionalistas, ora empiricistas; ora vinculadas à exatidão lógica, ora à opacidade retórica, estabilizou-se na inconstância, e para isso armou-se de proposições refutáveis.

É nesse ponto que o abalo/organização das mentalidades tem necessidade de uma noção que abarque a mobilidade de espírito que *ataca* mais eficazmente o homem a partir do séc. XIX. A aceleração tecnológica, por sua vez, contribuiu para esse despedaçamento da identidade humana e uma possível mutação evolutiva, rumo a transformações não mais apenas genéticas de princípio biológico, mas também alterações morfo-fisiológicas.

Como se a invenção fosse se contaminando, o homem passa a ser interpelado por mecanismos, ferramentas. O organismo passa gradativamente a conter tais dispositivos e aparelhamentos maquímicos que prenunciam um estado híbrido, cibernético, no qual, paulatinamente, a linguagem vai “contando” tais transformações. É a instauração do devir-máquina que substitui o alimento por combustível.

Devir-animal: a animalização essencial

O devir, como um fluxo que não se estanca, impossibilita a repetição idêntica, a mesma coisa, mesmo momento, mesma pessoa. Dessa forma, há um tornar-se que não consiste em dualidades ou relações de equivalência, contudo um entrelaçamento de pele, carne, ossos, desejo, que cliva o sujeito de modo a que não haja transformação visível, mas uma condição:

Os devires-animais não são sonhos nem fantasmas. Eles são perfeitamente reais. Mas de que realidade se trata? Pois se o devir animal não consiste em se fazer de animal ou imitá-lo, é evidente também que o homem não se torna “realmente” animal, como tampouco o animal se torna “realmente” outra coisa. O devir não produz outra coisa senão ele próprio. É uma falsa alternativa que nos faz dizer: ou imitamos, ou somos. O que é real é o próprio devir, o bloco de devir, e não os termos supostamente fixos pelos quais passaria aquele que se torna. O devir pode e deve ser qualificado como devir-animal sem ter um termo que seria o animal que se tornou (Deleuze & Guatarri , 1997, p. 18).

Aquilo que rompe e promove o *outro* em *si*, sob a aparência de *mesmo* é o devir-animal. Transforma-se na essência, não na aparência, sem, contudo, jamais chegar a um termo.

Considerações finais

Não tendo a ilusão de completude em acreditar ser possível nos isentarmos de tomar posição em relação aos aspectos aqui tratados, achamos relevante esclarecer que procuramos nos abster de acusar de maléfico nosso “tempo vivido” – no sentido que Husserl aplica à relação humana com seu tempo.

A inconsistência de tal acusação respaldar-se-ia em visualizar os “tempos vividos” como culpados de, pelas circunstâncias desta ou daquela falha catastrófica, produzir humanos menos *humanos*, massificar os relacionamentos, mercantilizar a cultura, metamorfosear o alimento, o modo e o objetivo de se alimentar, bem como a noção de certo e errado.

A denúncia à qual nos dedicamos é a “denúncia” discursiva, que se verifica no discurso, sob o amparo de seu movimento teórico. Construir um juízo de valor, apresentar um veredicto sobre benefício ou malefício, não é nosso objetivo aqui, o que nos exime de tomar partido numa contenda sobre a qual seria simplismo uma afirmação concordante ou discordante que fosse irrestrita.

Temos captado os benefícios, a duplicidade de efeitos. É ingenuidade investir em renegar os benefícios: há que se considerar, em alguns casos, o valor de tais conquistas.

No nível da interdiscursividade, a multiplicidade promove a interpelação. Isso significa que, nos atravessamentos do discurso, efeitos de sentido se constroem não só a

partir dos dizeres, mas também, nos não-dizeres. Esta característica constitutiva dos discursos faz funcionar os textos do *corpus* de modo a que as noções aqui expostas entrem na constituição da instância enunciativa sujeitucional *Seleções*.

É assim que o esquadramento dessa instância deixa entrever, pelas suas escolhas temáticas e pelas suas abordagens e adesões, seu próprio perfil discursivo, estabelecido sob a influência sócio-histórica e ideológica na qual se inscreve, e cuja análise pretende problematizar.

CAPÍTULO 2

ENTRE O DIZER E O DISCURSO

CAPÍTULO 2

Entre o dizer e o discurso

“*Eu não tenho filosofia: tenho sentidos...*”
Alberto Caeiro

Considerações Iniciais

Pareceria não haver muito mesmo a fazer, ao tomarmos a inscrição de sujeitos falantes e interpelados, senão reconhecermos a condição de repetidores, uma conquista dos dispositivos constituintes sócio-históricos de assujeitamento. No entanto, a condição de infinitude das variáveis que atravessam a discursividade não permite simplificar a questão.

As noções que seguem apóiam-se em perspectivas outras que conferem ao sujeito sua especificidade, ao se posicionarem na abstenção da ilusão de completude, sob o escopo do funcionamento do devir, tal qual o descrevemos no capítulo anterior, como a constituição material de um território na ilusão de continuidade da vida humana.

Interdiscurso: o sentido segundo tomadas de posição

O objetivo deste texto é refletir sobre a noção de interdiscurso, a partir das asserções apresentadas por Michel Pêcheux em sua obra “Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio”. O objetivo deste empreendimento é elaborar uma base teórica para a análise do *corpus*, um conjunto de textos pertencentes ao gênero discursivo midiático publicado na revista *Seleções*.

A demanda do *corpus* exige o esmiuçamento da noção de interdiscurso para que haja uma investigação sobre os dizeres propostos pela instância enunciativa sujeitinal *Seleções*. Tomamos um grupo de seis textos, nos quais emergem uma diversidade interdiscursiva que nos propomos investigar.

Quando Pêcheux introduz o termo “interdiscurso” em sua obra “Semântica e Discurso”, ele o introduz a partir da noção de forma-sujeito. E assim o faz relacionando a noção de interdiscurso à noção de formação discursiva.

Nesse sentido, há um dispositivo “histórico”, pelo qual uma forma-sujeito enuncia na perspectiva de um lugar que se constitui ideológico. Tal lugar é o que Pêcheux chama de “lugar deixado vazio”. É um lugar discursivo em que um sujeito se constitui porque foi interpelado pela ideologia (PÊCHEUX, 1988, p.155).

Nessa direção, faz-se necessário demarcar os efeitos que a historicidade faz incidir sobre a língua, de tal forma que o discurso emerge em condições sócio-históricas que se resultam constituintes do sentido, sem os quais o sentido não acontece, ou seja, o sentido escapa.

Trata-se das condições de produção que se referem às exterioridades sócio-históricas que acompanham uma circunstância e determinam a produção de sentido, levando em conta sujeito e situação. Uma dada conjuntura cerca a enunciação, não se resumindo à transmissão de informações, já que retratam efeitos de sentidos entre locutores que se localizam em dada formação social.

Tomamos formação social aqui como a representação de espaço constituído de um “feixe de traços objetivos característicos” que marca os lugares discursivos mediante “propriedades diferenciais determináveis” (PÊCHEUX, 1990b, p. 82).

Como medida para evitar cair no erro teórico de pensar que os processos sociais que interpelam a produção de sentido são totalmente previsíveis por se realizarem sempre de uma só forma, Pêcheux propõe a noção de formação imaginária, a qual põe em exame os processos de antecipação e as relações de força e sentido.

No processo de antecipação, o enunciador se acomoda ao jogo de imagens, no qual avalia a imagem que tem de si e do outro, e o desdobramento dessas imagens em relação, ora a um, ora a outro, de forma a “tentar” burlar o assujeitamento, pela via do inconsciente, sob a ilusão de completude de ter o domínio sobre o seu dizer.

As relações de força hierarquizam o dizer de acordo com o lugar social de onde ele parte, e as relações de sentido, por sua vez, determinam não haver discurso que não se relacione com outro, o que aponta para a constitutividade ideológica do discurso e, também, para o primeiro aspecto do interdiscurso.

O primeiro aspecto do interdiscurso identificado por Pêcheux, na obra citada, é sua relação de dependência interna. Tal relação é produzida pela “inexistência” de um sentido “em si mesmo”, como uma “relação transparente com a literalidade do significante” (PÊCHEUX, 1988, p.160).

Não subsistindo ao sentido, ei-lo à mercê das posições ideológicas que abalam a atividade sócio-histórica. É o que Pêcheux assume ao dizer que:

as palavras, expressões, proposições, etc. mudam de sentido segundo as posições sustentadas por aqueles que as empregam, o que quer dizer que elas adquirem seu sentido em referência a essas posições, isto é, em referência às formações ideológicas nas quais essas formações se inscrevem. (PÊCHEUX, 1988, p.160)

A determinação sócio-histórica sobre as possibilidades de sentido aponta para o caráter aglutinador da lei de desigualdade-contradição-subordinação, a qual trabalha na regulação do permanente deslocamento/reajuste de uma direção para o dizer. Isso quer dizer que o sentido fica opaco por determinação interna do funcionamento do interdiscurso, porque o que aparece não seria um conflito de significação no fio do discurso, mas sim um sentido predominante do/no enunciado.

Não havendo sentido “fixo” nas palavras, o mecanismo para essa constituição necessária é o interdiscurso, que se funda na causalidade de nunca, jamais poder ser localizada a origem de um dizer. Não há dizer novo. O trabalho que se instaura na produção de sentido é, assim, realizado pela via do interdiscurso.

Articulado pela eventualidade do dizer que anuncia já-ditos, o interdiscurso constitui-se a partir do confronto de formações ideológicas que correspondem a formações discursivas, ou seja, o acontecimento social se discursiviza mediante a linguagem, clivando-se na extremidade predominante, pela força ideológica que se destaca e acolhe o complexo das formações discursivas sob o interdiscurso.

Neste caso, estamos tomando por clivagem, a peculiaridade que alguns minerais têm de facetar-se ao serem lapidados em determinadas direções, seguindo um padrão determinado pelas condições de constituição da pedra (a ser clivada).

Uma vez que uma determinação de inscrição ideológica se impõe/dissimula ao sujeito, sob a aparência de autonomia, tal determinação emerge na estrutura discursiva da forma-sujeito por se identificar com uma dada formação discursiva no interdiscurso, que é a dominante. Melhor dizendo, há uma contradição que obscurece a subordinação e que faz funcionar a forma-sujeito como estrutura discursiva, que vem a ser o sujeito do discurso.

A ideologia “realiza”, enunciativamente, esse lugar da evidência. É nesse lugar da evidência que o sujeito se constitui. O sujeito se coloca em um lugar discursivo por meio de um processo de interpelação.

O interdiscurso, então, vai aparecer como “o todo complexo das formações ideológicas” (PÊCHEUX, 1988, p.162). Nesse percurso teórico do interdiscurso, é necessário perceber a conjuntura de funcionamento dos sentidos de outros discursos que atravessam uma dada discursividade.

Assim, Pêcheux afirma a mobilidade possível do sentido, por meio de uma dependência intrínseca do sentido em relação às posições sociais, históricas e ideológicas que nele se materializam. As fronteiras do sentido são movediças e servem de referência para que haja sua inscrição em uma formação ideológica.

Para Pêcheux, (1988, p. 162):

toda formação discursiva dissimula, pela transparência do sentido que nela se constitui, sua dependência com respeito ao “todo complexo com dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações discursivas ideológicas. (PÊCHEUX, 1988, p.162)

Nesse sentido, uma multiplicidade de formações discursivas pode corresponder a uma formação ideológica dominante. A inscrição do sujeito em uma Formação Discursiva pode ser determinante para a natureza do atravessamento interdiscursivo que traspassará as inscrições discursivas desse sujeito. Pêcheux atribui ao imaginário do sujeito sua inscrição em dada formação discursiva sob o crivo de uma formação ideológica.

A identificação da forma-sujeito com a formação discursiva se dá pela identificação com alguns enunciados do interdiscurso e não com outros, que se apresenta tanto por inserções de um pré-construído, quanto pelas articulações, resultante de clivagens decorrentes do processo constitutivo do sujeito.

Pode-se dizer que a forma-sujeito realiza-se na identificação com a formação discursiva historicamente determinada que regula dizeres oriundos de diferentes formações discursivas. Sua condição se estende sob a formação discursiva que o domina. O interdiscurso, no caso, congrega as formações discursivas num intrincamento que determina uma dentre elas como a dominante.

É a instância enunciativa forma-sujeito que se inscreve em manifestações enunciativas de pré-construído. A esse respeito, Pêcheux afirma que (1988, p.164):

(...) o “pré-construído” corresponde ao “sempre-já-aí” da interpelação ideológica que fornece-impõe a “realidade” e seu “sentido” sob forma de universalidade (o “mundo das coisas”), ao passo que a “articulação” *constitui o sujeito em sua relação com o sentido*, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que *determina a dominação da forma-sujeito*. (PÊCHEUX, 1988, p.164)

Pêcheux, dessa forma, apresenta duas manifestações do interdiscurso determinantes daquilo que ele chama forma-sujeito, a saber, o sujeito do discurso e a formação discursiva dominante.

O sujeito do discurso se identifica como o que, contingentemente, se localiza no ponto inicial da enunciação, sob a iminência de dizer.

A formação discursiva dominante, então, é entendida como “a identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina, (isto é na qual ele é constituído como sujeito)” (PÊCHEUX, 1988, p.163).

Esse funcionamento advém do fato de o interdiscurso aparentar uma forma de atravessamento autônoma, que não sofre determinações de sua condição, uma vez que há uma determinação que se impõe/dissimula ao sujeito sob a aparência de autonomia e que aparece na estrutura discursiva da forma-sujeito, porque se identifica com uma dada formação discursiva na qual o interdiscurso se inscreve.

O pré-construído e a articulação são os dois “momentos” que perfazem o enunciado de modo a que o sujeito se inscreva de alguma forma em algum lugar inacessível anteriormente posto, uma vez que essa instância enunciativa subjetiva tem uma ilusão de completude, que a faz sentir-se dona de seu dizer. O pré-construído, portanto, fornece um fundamento para que sua significação ocupe um lugar numa dada formação discursiva.

O sujeito não se constitui ininterruptamente em uma condição de assujeitamento, da mesma forma que o efeito da ideologia, enquanto exterioridade, institui o sujeito, proporcionando um efeito ideológico.

Assim, o pré-construído e a articulação conduzem a possibilidades de significação na constituição dos sentidos. Tais noções são assim introduzidas por Pêcheux:

Um ponto aqui foi deixado em suspenso: diz respeito à especificidade diferencial dos dois tipos de elementos do *interdiscurso* ‘pré-construído’ e ‘articulações’) que – repelidas as ilusões idealistas que lhes concernem – aparecem determinando o sujeito, impondo-dissimulando-lhe seu assujeitamento sob aparência de autonomia, isto é, através da estrutura discursiva da forma-sujeito. Retomaremos, aqui, a distinção dominação-determinação para colocar que a formação discursiva que veicula a forma-sujeito é a formação discursiva *dominante*, e que as formações discursivas que constituem o que chamamos de seu *interdiscurso determinam a dominação da formação discursiva dominante*. A distinção entre pré-construído e articulação nos permitirá avançar. (PÊCHEUX, 1988, p.163-4 - grifos do autor)

É possível dizer que o *pré-construído* é constituído por uma anterioridade que representa a concernência ao que pré-existe ao sujeito e na qual ele se inscreve independentemente de sua “vontade” ou “propósito”, mas por sua tácita inserção na sociedade pela via da existência.

Talvez não fosse necessário dizer, também, que a “realidade” (“universalidade”, “mundo das coisas”) constituída de um pré-construído funda-se na lei de desigualdade-contradição-subordinação à qual se submete o interdiscurso, uma vez que o pré-construído é manifestação de interdiscurso. Contudo, é pertinente realçar o assujeitamento que encobre a autonomia ilusória do sujeito identificado pela forma-sujeito.

Se o pré-construído representa os trâmites constitutivos dos dizeres no decurso da história (enquanto relações de poder) concernente ao social, a *articulação* remete ao momento da enunciação, à relação entre o sujeito e o sentido, ou seja, à forma que essa relação se dá, de modo que seu acontecimento faz com que a forma-sujeito se submeta a uma influência. A influência, que é ideológica, interpela o indivíduo em sujeito, sendo tal movimento realizado exclusivamente pela linguagem.

Ao inscrever-se ideologicamente o sujeito se identifica com uma dada formação discursiva por meio do interdiscurso. Em outras palavras, a forma-sujeito se realiza na identificação com uma formação discursiva dominante. O interdiscurso congrega o *pré-construído*, no qual o sujeito se insere ao constituir-se pela interpelação. No que se

refere à *articulação*, esta remete o sujeito ao momento da enunciação, em sua relação com o sentido.

A articulação é também identificada por *um* “processo de sustentação” e deriva de *uma* linearização de um discurso-transverso no intradiscurso, no “funcionamento do discurso com relação a si mesmo”. É o “fio do discurso” que coloca o interdiscurso como um discurso transverso:

...o que chamamos anteriormente ‘articulação’ (ou ‘processo de sustentação’) está em relação direta com o que acabamos de caracterizar sob nome de *discurso-transverso*, uma vez que se pode dizer que a articulação (o efeito de incidência ‘explicativa’ que a ele corresponde) provem da linearização (ou sintagmatização) do discurso-transverso no eixo do que designaremos pela expressão *intradiscurso*, isto é, o funcionamento do discurso com relação a si mesmo. (PÊCHEUX, 1988, p.166).

A articulação funciona, também, incidindo sobre o interdiscurso numa relação ora de *equivalência*, ora de *implicação* (de *equivalência* se os elementos substituíveis se encadearem numa relação de identidade, e de *implicação* se houver necessidade de um encadeamento orientado, ou seja, quando a substituição dos elementos não for simétrica).

Dessa forma, a articulação se faz mediante os elementos que se acham no pré-construído. O intradiscurso é, então, um efeito do desdobramento do interdiscurso sobre si mesmo.

Pode-se dizer, assim, na medida em que o pré-construído e o discurso transverso funcionam na constituição de uma discursivização, a interpelação ideológica funciona como uma antecipação, “moldando” o sujeito do discurso, ou seja, determinando-lhe uma inscrição. Na verdade, o sujeito discursivo enuncia de uma dada formação discursiva com a qual se identifica pela sua “tomada de posição” (PÊCHEUX, 1988, p.214).

Assim, o *assujeitamento* é efeito da interpelação ideológica e é relevante acentuar que, ao mesmo tempo em que constitui enquanto uma instância enunciativa sujeitudinal, lhe proporciona ilusão de autonomia, pelo primado do assujeitamento como “tornado sujeito” (FIGUEIRA, 2007)⁷. Assim, é possível dizer que, não fora pela

⁷ FIGUEIRA, LUIS FERNANDO DE BULHÕES *Atravessamentos polêmicos em estudos literários*. Uberlândia: MEL. Dissertação de Mestrado. 2007.

linguagem, o sujeito não estaria submetido a uma ordem ideológica, com todas as implicações que essa ausência derivasse.

Porquanto, há diferentes modalidades no desdobramento da forma-sujeito, sua dicotomização entre “bom” e “mau” sujeito são tidas por Pêcheux como “evidentes” e em sua totalização compõem o sujeito universal.

Trata-se de um efeito paradoxal, uma vez que o mesmo sujeito pode assumir um ou outro lugar. Há, nessas “evidências”, o efeito dicotômico dos fundamentos filosoficamente morais que incidem sobre o sujeito universal e que o desdobram de modo que duas formas-sujeito apareçam: a do “bom-sujeito” e do “mau-sujeito” (PÊCHEUX, 1988, p.216).

Dessa forma, sob esta incidência, surge, por um lado, o que Pêcheux chama de “bom sujeito”, ou seja, aquele que se identifica com o sujeito universal e sofre “cegamente” a identificação, “consentindo” em seu assujeitamento. Por outro lado, a discordância quanto ao sujeito universal, a “tomada de posição”, contrastando as asserções “pré-assumidas” pelo sujeito universal, resultando no que Pêcheux (*op.cit.*) denomina de “mau sujeito”.

Assim, o interdiscurso, regionalizado em formações discursivas, determina posições que o sujeito deve assumir e defender em contraste a posições que deve repelir. Ocorre o que Pêcheux denomina “contra-identificação” com a formação discursiva, cuja determinação é transgredida, e a forma-sujeito, evidenciada como “mau-sujeito”, rompe explicitamente a unidade do dizer, manifestando a instabilidade que atinge a discursividade.

No entanto, por mais que haja a instabilidade no dizer, na constituição do sujeito, na forma como o interdiscurso atua nesse dizer ao circunscrever-se nas formações discursivas, há dispositivos constitutivos do discurso que reúnem os fragmentos de anterioridades de tal modo que um mascaramento, sob o efeito da ideologia, permanece na inscrição do sujeito.

Sobre essa permanência, Pêcheux pondera:

não se rompe jamais com a ideologia em geral, mas sempre com esta ou aquela formação ideológica inscrita histórico-materialmente no conjunto complexo das formações ideológicas de uma formação social dada. (PÊCHEUX, 1988, p.257)

Nessa perspectiva, fica parecendo que a formação ideológica não muda, antes está sempre em sua posição a fim de respaldar as formações discursivas, pois poderia significar que o sujeito diz de um lugar que parece ter sempre ocupado, terá sido “sempre seu mesmo”.

Ao tratarmos aqui de um enunciador em processo de mudança, torna-se pertinente ao estudo afirmar que sempre pode ocorrer uma transformação no dizer, independente da inscrição discursiva de uma forma-sujeito.

O *corpus* é composto por textos, a partir dos quais, evidenciamos seqüências discursivas, com o intuito de explicitar efeitos do interdiscurso que recaem sobre a organização enunciativa dessas seqüências, bem como uma explicitação da formação discursiva dominante, atravessada em sua interdiscursividade.

Identificar o comportamento enunciativo de formações discursivas se configura como ponto de inflexão para abordar o problema da interdiscursividade. Nesse sentido, torna-se necessário, também, verificar efeitos que incidem sobre os sentidos produzidos nas relações entre a formação discursiva dominante e aquelas que a atravessam na via de uma interdiscursividade.

Dessa forma, é necessário que esclareçamos que não há um isolamento do comportamento enunciativo de formações discursivas que atravessam uma formação discursiva dominante nos processos discursivos. Se considerarmos que eles se submetem a uma ordem de movências e de interfaces, em nível de significações, dizemos, pois, que esses processos discursivos não se configuram como auto-suficientes.

A partir dos textos, objeto desta pesquisa, é possível verificar a abrangência de um processo de atravessamentos discursivos em relação às formações discursivas que, ora se sobrepõem, ora divergem. Esses processos discursivos estão conectados a uma universalidade e, simultaneamente, se ligam ao intradiscurso do enunciador, seu “tempo vivido”, no emaranhado de sentidos de que consiste o interdiscurso.

Considerando que os textos que compõem o *corpus* enquadram-se em um gênero midiático⁸, inscrito em instâncias enunciativas, as exigências editoriais e as

⁸ Teceremos algumas considerações teóricas sobre este gênero discursivo mais adiante na p. 61.

circunstâncias político-ideológicas que perpassam o posicionamento enunciativo da instância sujeito englobam uma diversidade de efeitos de uma interdiscursividade.

Heterogeneidade Enunciativa: o eterno dizer do outro

Tendo em vista que as relações entre os discursos são constitutivas, é preciso reconhecer que só há materialidade discursiva por meio do engendramento de discursos que ora se tocam, ora se sobrepõem, ora se distanciam. Trata-se de um movimento que, como já vimos, se dá no interior da formação discursiva.

Se, no interior da formação discursiva, emerge uma dada inscrição, disso resulta o sujeito interpelado pela ideologia assumir a forma-sujeito e enunciar de dado lugar. A enunciação se cumpre por meio do movimento que trabalha em/pelo (lugar/causa) permanente atravessamento de discursos outros, em dada formação discursiva.

O atravessamento constitui, justamente, aquele lugar de alteridade que vai provocar uma memória, pela re-significação. Assim, sob a perspectiva do sujeito é que Authier-Revuz expõe o conceito de heterogeneidade. Considerando que o sujeito apresenta-se fragmentado, as heterogeneidades nele se constituem enquanto alteridade de uma negociação do sujeito falante com o dizer do outro em seu fio discursivo (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.11). Não podemos esquecer que o sujeito da AD se dá sob uma ilusão de completude e pela relação com o outro, evidência que representa as condições sociais nas quais as relações languageiras se realizam.

Este é um ponto de destaque nesta pesquisa, visto que olhamos para o *corpus* em busca da enunciatividade⁹, entendida, nesta pesquisa, como conjunto de propósitos contidos na *praxis* social de um sujeito, declaradas em suas ações e colocadas em uma situação específica de atribuição de sentidos (SANTOS, 2004a, p. 116). Dessa forma, buscamos a enunciatividade precisamente pelas pistas da heterogeneidade, que revelam os atravessamentos discursivos.

Não há como duvidar que seja impossível a um dizer ser totalmente puro, único ou novo. Um dizer não será puro, pois sempre estará atravessado e, assim, constituído,

⁹ Conforme descrito na nota de rodapé da p. 21

por outros que o precedam; também não será único, a ponto de não já ter sido enunciado anteriormente; e, como consequência, não será novo.

Dessa forma, a heterogeneidade discursiva apresenta-se, na Análise do Discurso, como um conceito que envolve e identifica o atravessamento do outro no discurso, o qual não enuncia senão pelo dizer do sujeito discursivo, pela alteridade da forma-sujeito ora num lugar social, ora, num lugar discursivo.

A forma mostrada de heterogeneidade deixa aparente, de alguma maneira, o dizer do outro, de modo que seja esse outro possa ser identificado e ter seu dizer distinto do enunciador. Essa “presença clara” já se difere na heterogeneidade constitutiva, que insere e mescla a presença do outro no fio da enunciação, tornando-se reconhecida por meio de alteridade enunciativa. Os dizeres estarão sempre sujeitos ao efeito de heterogeneidades enunciativas.

A heterogeneidade é constitutiva, porque o imbricamento de dizeres de outros nos dizeres do enunciador é aspecto fundante do dizer pela via da interdiscursividade. Não há como enunciar, senão pela via da heterogeneidade que constitui o dizer. Assim, a heterogeneidade mostrada é abarcada pela heterogeneidade constitutiva.

É o que se verifica no *corpus*. A recorrência a dizeres científicos que sustentam afirmações, além de apresentar o próprio dizer do cientista, também identifica sua especialidade e sua instituição.

A heterogeneidade mostrada ainda recebe delimitação entre marcada e não marcada. Nesse sentido, observa-se que uma análise desses elementos permite avaliar as possibilidades que funcionam como determinações sobre a produção de sentidos. É possível divisar uma hierarquização, entre dizeres marcados por aspas, como discurso direto, aos quais são atribuídos maior autoridade e os inseridos no corpo do texto, identificados como uma interpretação do enunciador.

Pode-se dizer, também, que, na autonímia, o enunciador assume o dizer do outro e há sinais visíveis (ou audíveis) dessa assunção. Relacionam-se, nesta pesquisa, os dizeres sobre os quais não verificamos indicação de “quem disse”. Em alguns casos, atribuímos tal enunciação a dizeres “contabilizados” pela sociedade como anterioridade discursiva.

É desse modo que a *conotação autonímica* diz respeito à localização, no enunciado, de um sujeito discursivo que assume o dizer do outro. A assunção não

significa, no entanto, como veremos, que ele, invariavelmente, também assuma a responsabilidade por esse dizer do outro.

É relevante dizer que o enunciador assumo o dizer do outro, mas é relevante, também, isolar o que este enunciador toma para seu dizer como concordância, discordância, que também compõe os processos discursivos.

No decorrer desta reflexão, verificaremos como Authier-Revuz (2004) faz essa separação. Há dois planos de citação do dizer do outro na enunciação que envolvem a visibilidade (audibilidade) desses dizeres do outro na enunciação, a saber, o discurso¹⁰ direto e o discurso indireto. São estas, precisamente, as formas detectáveis e as formas veladas da heterogeneidade.

Nessa perspectiva, identificamos as possibilidades de manifestação de heterogeneidades enunciativas nos discursos direto e indireto, nas glosas, nas formas de retoque e ajuste, entre outras, que aqui nomeamos planos de manifestação da heterogeneidade mostrada marcada.

Na forma da heterogeneidade mostrada não-marcada, podemos identificar o discurso indireto-livre, os trocadilhos, os jogos de palavras, a ironia, as antífrases, as transformações, entre outras formas que não se estabelecem explicitamente. Apenas uma análise no fio discursivo possibilita seu rastreamento.

Nas duas formas de manifestação de heterogeneidade mostrada marcada, é possível divisar formas de negociação do sujeito discursivo, ou seja, o entendimento/interpretação recebe intervenção (da heterogeneidade constitutiva) do sujeito discursivo, que busca aproximar-se do “propósito” do enunciador, em sua ilusão de completude.

É, precisamente, a partir do discurso direto e do discurso indireto que o sujeito discursivo cede lugar enunciativo ao outro, ou seja, o discurso direto e o discurso indireto correspondem ao lugar do outro na discursividade.

Há, no discurso indireto, uma incorporação do dizer do outro, que mesmo distinto, “parece ser” articulado pelo enunciador. Trata-se de uma apropriação desse dizer, uma vez que o enunciador engendra o dizer do outro no seu próprio.

¹⁰ A palavra discurso, nessa acepção, diz respeito às falas.

Ao prosseguir a investigação dessas formas de negociação do sujeito discursivo com o interlocutor, deparamo-nos com o apagamento do dizer do outro no fio discursivo.

Nesse ponto, percebe-se que o dizer do outro não é “localizado” como tal e o enunciador não “mostra” que seu dizer, identificado singularmente por palavras ou expressões de extensão definida, não é apenas “seu”, senão que pertence a uma constituição enunciativa de já-ditos que se atualizam no momento da enunciação.

Pela via da ruptura no dizer, que demonstra o não pertencimento do dizer ao enunciador, o locutor se desdobra em enunciador e observador: enunciador, por ser “origem provisória” do enunciado e observador por reconhecer no enunciado efeitos de sentido. Esse desdobramento permite que ele avalie seu dizer, enquanto enunciador, para ajustá-lo, direcioná-lo, restringir ou ampliar seu sentido.

O próprio enunciador, na sua forma desdobrada de observador, pode até mesmo censurar seu próprio dizer, “higienizando” o fio do discurso de diversas maneiras, como ao restringir ou ampliar possibilidades em comentários, retoques, ajustes do dizer. Isso quer dizer que o enunciador busca evitar que seus dizeres escapem para formações discursivas outras que não sejam aquelas nas quais ele se inscreva.

Por conseguinte, é pertinente observar que aquilo que Authier-Revuz (*Op. cit.*) chama de “mecanismos normais” tem a ver com situar “pontos de *heterogeneidade*” que se misturam ao fio do discurso de tal forma que não pareça ser o dizer do outro. Esses pontos de heterogeneidade se mostram em “*parâmetros* e pontos de vista” (AUTHIER-REVUZ, 2004, p.14 – grifos da autora).

Assim, o uso de outra língua ou variedade lingüística atua no enunciado, remetendo à presença do outro, que pode tanto representar um outro estrangeiro ou uma variedade lingüística que não é a do locutor, na situação de uso em que se encontra o dizer. É assim que podemos explicar a presença de formações discursivas inscritas em outras discursividades num mesmo enunciado, como ajustes.

Essa presença pode causar controvérsia quanto ao uso de uma variedade lingüística, ou mesmo, uma língua. Assim, tomamos os estudos de Authier-Revuz (*Op. cit.*) como um ponto de primordial relevância para a análise do *corpus* desta pesquisa.

Não se pode, no entanto, desconsiderar a questão da heterogeneidade, ou seja, o atravessamento do discurso pelo discurso do outro ou por outros discursos. Para dar

visibilidade à heterogeneidade que compõe a interdiscursividade, propomos, em seguida, esclarecer o conceito que nos orientou no trabalho de análise, a saber, as matrizes de interdiscursividade.

Matriz de interdiscursividade: a operação de frações

As matrizes de interdiscursividade são formalizações que elaboramos sobre rotinas de (re)corrências de diferentes discursividades, com a finalidade de proporcionar visibilidade às relações entre os enunciados e as respectivas inscrições discursivas sob as quais foram tomados.

Uma matriz de interdiscursividade traz um fracionamento do *corpus*, por meio do recorte de enunciados. Assim, esta dissertação, ao tomar como *corpus* seis textos da revista *Seleções*, utilizou-se de seis matrizes de interdiscursividade que procurou identificar, a partir de um enunciado operador de discursividades, as relações entre o potencial enunciativo de cada recorte e sua discursividade subjacente.

Um enunciado operador diz respeito a um ponto de partida e direção de relações subjetivas e sentidurais que se estabelecerão e que, pelo intrincamento dessas relações, determinam a enunciatividade pelos atravessamentos interdiscursivos.

Estamos tomando como postas as relações de alteridade entre sujeito e sentido constitutivos das significações sincrônicas que assinalam uma discursividade, efeito sócio-histórico na língua.

Dessa forma, a utilização das matrizes de interdiscursividade recorta/qualifica o enunciado de acordo com os operadores de interdiscursividade escolhidos pelo analista, de modo que haja interpelação pela significação e a instância sentidural se desloque/ se re-signifique.

Assim, tomamos como fundamental, para o escopo desta pesquisa, a noção de interdiscursividade, tendo em vista que o objetivo desta pesquisa é interrogar o índice de enunciatividade das manifestações de discursividades que queremos examinar no discurso midiático, aqui enunciado pela instância enunciativa subjetiva *Seleções*, pela mobilização de enunciados operadores de interdiscurso numa teia de discursividades.

Sobre Formação Discursiva: *o que pode e deve ser dito*

Levando em conta que a formação discursiva advém de uma formação ideológica que, numa anterioridade discursiva tenha interpelado o indivíduo em sujeito, verificamos que o complexo das formações ideológicas é nela (na formação discursiva) dissimulado, trata-se de já-ditos, vozes constitutivas da história, advindos do interdiscurso que se atualizam no intradiscurso produzindo significação.

Tendo em vista que para o marxismo, a luta de classes se constituiria em motor da história, que, idealisticamente, num processo instaurado por uma revolução, se pudesse chegar ao desaparecimento de uma classe dominante. É nessa demanda que Pêcheux assenta as bases de “sua” noção de formação discursiva, ou seja:

Aquilo que, numa conjuntura dada, determinada pelo estado de luta de classes, determina o que pode e deve ser dito (articulado sob a forma de uma arenga, de um sermão, de um panfleto, de uma exposição, de um programa, etc. (PÊCHEUX, 1988, p.160).

É visível em Pêcheux, a interpelação marxista, o abarcamento de perspectivas ideológicas, fundamentadas em Althusser. A partir do lugar que a ideologia ocupa nos trabalhos pecheutianos, Pêcheux apoiou-se em Althusser para pensar a perpetuação da ideologia mediante os aparelhos ideológicos do estado, não como lugar de manifestação da ideologia dominante, mas como meio de manifestação das formas de dominação.

Pêcheux dispõe, assim, sobre a interpelação do sujeito pela ideologia, considerando que uma formação discursiva restringe “o que pode e deve ser dito”.

Dessa maneira, ele se arrisca a ampliar suas considerações acerca dos aparelhos ideológicos, identificando-os com uma formação ideológica, referência que abre espaço para a questão das fronteiras maleáveis da formação discursiva.

Para Pêcheux:

O marxismo-leninismo concebe, necessariamente, a contradição como *desigual (inégaie)*, o que, naquilo que concerne à ideologia, corresponde ao fato de que os Aparelhos ideológicos do estado são por natureza *plurais*: eles não formam um bloco ou uma lista homogênea, mas existem dentro de relações de contradição-desigualdade-subordinação tais que suas propriedades regionais (sua especialização “dirigente de si” [“allant de soi”] nos domínios da religião, do conhecimento, da moral, do direito, da política, etc.) contribuem desigualmente para o desenvolvimento da luta ideológica

entre as duas classes antagonistas, intervindo desigualmente na reprodução ou na transformação das relações de produção. PÊCHEUX (p. 10 – grifos do autor).

O que Pêcheux propõe ao inserir por acréscimo o termo “transformação” é re-significar a noção de ideologia, a saber, a *revolução*, algo que pudesse transfigurar “o estado da luta na formação social considerada” (PÊCHEUX, 1988, p.145).

É, justamente, esse movimento, a “transformação”, que nos leva a heterotopizar o termo luta de classes e injetar-lhe sentidos da instância enunciativa sujeitudinal. Isso porque, ao retomar a noção de ideologia, Pêcheux destaca que sua reprodução, além de não preexistir à luta de classe, não se dá, também, de forma homogênea.

Dessa maneira, ele se arrisca a ampliar suas considerações acerca dos aparelhos ideológicos, identificando-os com uma formação ideológica, referência que abre espaço para a questão das fronteiras maleáveis da formação discursiva.

Assim, no processo de formação de sentidos, verifica-se a impossibilidade de se isolar o sujeito da ideologia. Igualmente, por mais que a inscrição ideológica seja opacificada, ela permanece e determina a posição (ideológica) sustentada pelos sujeitos e estabelecidas por meio dos sentidos, que também se constituem por meio da memória discursiva.

Dessa forma, a noção de Formação Discursiva pecheutiana se identifica como “matriz” de significações, em que o sentido se constitui. Define todo discurso como um “já-dito”, um interdiscurso, não-neutro, e, como conseqüência, a posição dos enunciadores determina os sentidos daquilo que enunciam, de tal modo que a formação discursiva determina numa conjuntura “o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p.160).

Não é distante o caminho entre a heterogeneidade e a formação discursiva. Acontece que as vias são as mesmas, não subsistindo uma sem a outra, cada qual em sua constitutividade, no lingüístico, no discursivo, mas, compartilhando o mesmo espaço enunciativo, um mesmo dizer se materializa no fio da enunciação, nos efeitos de interpretação construídos por uma instância-sujeito no interior de sua situação.

Antecipamos, no entanto, a impossibilidade de relacionar um enunciado de forma precisa e com contornos definidos a uma formação discursiva. Cada recorte identificado a uma formação discursiva não se restringe a apenas uma formação

discursiva identificada. Na verdade, as fronteiras se constituem descontínuas e em constante alteridade. Nessa perspectiva, é possível localizar e identificar uma formação discursiva vinculada a um *continuum* de outras. O que não se pode é destacá-las de forma exata, cartesiana.

Deste modo, pretendemos refletir acerca da manifestação do discurso midiático, tal como ele aparece na instância enunciativa sujeitucional *Seleções*, buscando identificar e explicitar a discursividade subjacente àquela.

No escopo desta pesquisa, a formação discursiva tem a ver com a localização de anterioridades discursivas que inscrevem os sujeitos em formações ideológicas a partir das quais é possível identificar suas posições sustentadas. Tendo em vista que a formação discursiva é a “matriz” das significações, é a partir delas que serão verificados os atravessamentos interdiscursivos das manifestações enunciativas a fim de se identificar os processos pelos quais a enunciatividade se inscreve, à medida que aquilo que “pode e deve se dito” torna-se visível.

Memória discursiva: a condição do legível

O conceito de memória discursiva diz respeito à repetição recorrente dos enunciados. Tal repetição funda-se na retomada de uma contingência histórica que desencadeia efeitos de anterioridade, mas, simultaneamente, de filtragem, apagando as condições de produções de tais anterioridades de modo que elementos que não se relacionam à situação de produção dos enunciados podem estar apagados, mas continuam constitutivos do intervalo histórico de dispersão dos sentidos (IHDS)¹¹.

Pela memória discursiva é possível aceder aos sentidos, tendo em vista que há uma rede de formulações à qual se recorre a fim de que os enunciados sejam realizados e se signifiquem.

Nesse sentido, Pêcheux (1999b), assegura que:

¹¹ Conexão entre ações sujeitacionais, na qual uma ação subsequente é consequência de uma ação antecedente submetida a um processo de tensão enunciativa, cuja decorrência pode ser razão de significação para apagamentos, silêncios e esquecimentos, dispostos em uma alteridade interpelativa, determinante para uma interpretação dos efeitos de constituição do sujeito na enunciação. (SANTOS, 2007, p. 201)

A memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os 'implícitos' (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível. (PÊCHEUX, 1999b, P. 53)

Desse modo, verifica-se que a memória discursiva rege o estatuto dos implícitos. Ora, o imaginário é a base sobre a qual o implícito se representa. Mediante uma reconstrução parafrástica, é possível desvelar marcas que, ao serem operadas, produzam significação, uma significação que não se apóia no lingüístico apenas, mas, também, em elementos sócio-históricos sob os quais uma instância enunciativa sujeitodal se inscreve, a partir das tomadas de posição em torno de uma identificação/desidentificação de sua inscrição no interior de uma Formação Discursiva.

Justifica-se que a inscrição sujeitodal seja involuntária pela sua inserção nos discursos, uma vez que, ao nascermos, encontramos os discursos em funcionamento, sem que se esgotem jamais.

A hierarquização das relações é uma propriedade das relações humanas, posto que a ferida da incompletude a todos ofende. Assim, é no simbólico, mediante a linguagem que se desenvolvem as lutas de classe e se reforçam os vínculos ideológicos, de forma que, nas relações de forças o imaginário funciona de forma que as representações conduzam às anterioridades históricas.

A intervenção da memória discursiva, para os objetivos desta pesquisa, colabora com a própria constituição do sentido.

A forma-sujeito: a evidência da interpelação

A tese fundadora da noção de sujeito em Análise do Discurso assenta-se a vinculação do sujeito à ideologia. Há nesse movimento uma “evidência” de que o sujeito é o “sempre já-aí” da linguagem (PÊCHEUX, 1988, p.164). Isso quer dizer que o sujeito é constituído por algo de fora da língua e que nela se revela, uma heterogeneidade, um dizer do outro.

No entanto, a “evidência” desse sujeito sempre já-aí, dissimula sua interpelação ideológica. É “como se” não houvesse uma determinação ideológica da qual o sujeito

“necessitasse”. Contudo, um acontecimento irrompe em uma “normalidade” mostrando uma interpelação ideológica.

Achamos relevante fazer essas considerações acerca da composição fundamentalmente contraditória da noção sujeito, destacando sua constituição fragmentada, ou seja, o que Pêcheux chama “estranha familiaridade”, consiste na opacidade dos processos discursivos que a análise se dedica a desvendar.

É pela forma-sujeito que o sujeito expressa sua ilusão de unidade. Tal ilusão de unidade é produzida pela fragmentação do sujeito do discurso. Sua fragmentação é causada pela multiplicidade de formações ideológicas que interpelam o sujeito. Dessa forma, o sujeito, ao sustentar uma dada posição entre outras, identifica-se com uma dada formação discursiva, constituindo-se, assim, forma-sujeito.

A noção de interdiscurso, como dissemos anteriormente, é introduzida a partir da noção de forma-sujeito e manifesta uma interdependência entre seus elementos, produzida pela eventualidade de que os sentidos não brotam das palavras.

Um enunciado dentre outros possibilita a demarcação do sujeito por dada interpelação ideológica. Sua incorporação ao domínio dos dizeres possíveis do sujeito se faz mediante às tomadas de posição que o sujeito sustenta; o que, apesar disso, não autoriza uma autonomia ao sujeito. Porém, a tomada de posição deriva de uma das manifestações relevantes para o mote desta pesquisa: o discurso transverso.

O discurso transverso é o já-lá, que pode ou não materializar-se no dizer, mas, assim, como o interdiscurso, é o dizível. Na relação com a forma-sujeito, manifesta-se no cruzamento de diferentes lugares de enunciação, oriundos de diversos referentes do pré-construído, conectando-os. Articula, então, relações de confronto e refutação, mas também, de acordo e confirmação, atribuindo destaque ao discurso que domina o sujeito.

O movimento que ocorre no interior da formação discursiva que designa o atravessamento da forma-sujeito pelos elementos do interdiscurso e pela memória discursiva põe em circulação uma outra conceituação que recai sobre a noção de sujeito e que Santos (2008) a denomina de instância enunciativa sujeitudinal. Interessa-nos, nesta pesquisa, a formas de inscrição dessa instância-sujeito na enunciação.

Assim, a partir das noções pecheutianas que tomam o sujeito como constituído por algo de fora da língua e revelando-se nela, se instaura constituído pelo outro. Esta

pesquisa buscará a forma-sujeito nesses pontos de heterogeneidade, entendendo que o sujeito tem ilusão de completude e de unidade e, por isso, é fragmentado.

Julgamos, assim, que a forma-sujeito funciona para “dar conta” das múltiplas inscrições do sujeito por formações ideológicas que o interpelam. A forma-sujeito detecta a formação discursiva com a qual o sujeito se identifica, assujeitando-o – tornando-o sujeito. Nessa perspectiva, investigamos as manifestações enunciativas, verificando essas pertenças de discursividade, que são a identificação do sujeito com uma dada formação discursiva.

A Instância enunciativa sujeitidual: *constituição pela outricidade*

Uma instância enunciativa sujeitidual representa a constituição do sujeito pela outricidade, a constituição do eu a partir do outro, ou do que imagina ser o outro. Essa imagem resulta de uma causalidade circunstancial, que decorre do sujeito ocupar um lugar social instável, que o singulariza e o fragmenta.

Não dizemos fragmentação no sentido de esfacelamento, mas do efeito da interpelação que o constitui, ou o que pode ser tomado por efeito dialógico, no sentido bakhtiniano, do carácter coletivo e dialógico que interpela a produção de idéias e textos. O que ocorre é a intervenção da formação discursiva que “determina o que pode e deve ser dito” (PÊCHEUX, 1988, p. 160).

Se a formação discursiva determina que o já-dito constitui o dizer, que, por sua vez, se re-significa a cada realização, enquanto dizer, inscrito numa alteridade, o deslocamento de uma instância-sujeito constituída pela alteridade, se configura como ponto de centralidade no funcionamento de uma instância enunciativa sujeitidual, ou seja, “a idéia de *instância* vem da idéia de *movimento no interior da formação discursiva*” (SANTOS, 2008, mimeo)(grifos nossos).

Esta é uma das questões fundamentais desta pesquisa: investigamos as manifestações que se inscrevem nas discursividades, vemos no movimento de instâncias-sujeito, no encaminhamento da enunciação, o aspecto primordial para compreender como uma anterioridade histórica e sua memória discursiva, bem como as condições de produção subjacentes a essa anterioridade e a essa memória perfazem a

enunciatividade do discurso midiático por meio do funcionamento de enunciados operadores de interdiscurso.

Assim, a inscrição sujeitucional está suscetível à determinação de elementos do interdiscurso como manifestação de uma referencialidade polifônica dessa instância sujeitucional, enquanto “as bases discursivas que balizam o imaginário sócio-discursivo dos sujeitos actantes no processo enunciativo” (SANTOS, 2004b, p. 255). É assim que a instância-sujeito, enquanto forma-sujeito, advinda da experiência dos tempos vividos, se discursiviza e se insere no processo enunciativo.

Para os fins desta pesquisa, olhamos com lupa para os dizeres identificados de cientistas (prioritariamente aqui nutricionistas, geneticistas e médicos, enquanto sujeitos discursivos), a fim de registrar efeitos de ilusão de completude, autorizados por uma inscrição discursiva da ciência como lugar discursivo, atravessada por inscrições outras, localizadas em discursividades sobre nutrição, genética, saúde, profilaxia e outras discursividades científicas.

Gênero discursivo: *venenos ou tranquilizantes no discurso midiático*

O trabalho com o texto que propomos acarreta um cuidado adicional. É de praxe que se possa inserir textos em categorias previamente estabelecidas e questionadas naquilo que se dispõem para a produção de sentido. Assim, o *corpus* desta pesquisa oferece alguns questionamentos para essa categorização.

Não é simples e corre-se o risco de reduzir as possibilidades de um texto, a partir daquilo que ele se propõe, ao classificá-lo como midiático. Assim, introduzimos esta breve seção para discutir a noção de gênero e o tipo de texto que ora analisamos. Optamos por nos fundamentarmos teoricamente a partir da reflexão realizada por Bronckart (1999).

Este autor considera os textos como unidade com pretensa tendência a uma homogeneidade, principalmente quanto ao tema e na independência com relação a outros textos, ou seja, com fronteiras que singularizam e distinguem certo texto de outro com características similares.

A esse respeito, Bronckart (1999, p.138) afirma:

Seguindo muitos autores, (...) fizemos a constatação de que mesmo sendo intuitivamente diferenciáveis, os gêneros não podem nunca ser objeto de uma classificação racional, estável e definitiva. Primeiro, porque, do mesmo modo que as atividades de linguagem de que procedem, eles são em número de tendência ilimitado; segundo, porque os parâmetros que podem servir como critérios de classificação são, ao mesmo tempo, pouco delimitáveis e em constante interação; enfim, e sobretudo, porque uma tal classificação não pode se basear no único critério facilmente objetivável, a saber, nas unidades lingüísticas, que neles são empiricamente observáveis. (BRONCKART, 1999, p.138)

Bronckart tem inscrições na perspectiva interacionista de Vygotsky (BRONCKART, 1999, p.13), o que resulta em reflexões que concernem ao funcionamento de formações sociais.

Tendo em vista a pertinência do conceito de formação social para a Análise do Discurso e seus efeitos sobre a produção de sentido, bem como, considerando suas inscrições sujeitudoais, não podemos rejeitar esse possível vínculo que ligaria o gênero à posição sustentada pelo sujeito que enuncia.

Para os fins desta pesquisa, situamos o texto midiático no entremeio do discurso jornalístico e do discurso da propaganda, identificando-o a uma discursividade midiática. Presumimos que o discurso jornalístico tem a ilusão de completude, de considerar *expressa* uma “intencionalidade” de sua função social em comunicar e transmitir informações.

Não entraremos aqui, por enquanto, no mérito do funcionamento da ideologia nesse aparelho, até porque entendemos que esse funcionamento é constitutivo de uma discursividade jornalística. Antes, queremos pôr em causa seu caráter difundido e “crido” de imparcialidade, como forma de denegação de uma dada inscrição ideológica.

A propaganda, por sua vez, adere-se ao propósito da pesquisa pela causalidade econômica que a impele, e que, contudo, não se resume à venda de produtos, uma vez que é atravessada por discursividades outras que a interpelam em sua significação enunciativa.

A disseminação de idéias, inclusive políticas, é seu grande filão. Podemos usar como exemplo os grandes movimentos revolucionários, golpes de estado, ditaduras pelas quais o mundo passou no último século. A propaganda foi a materialidade que possibilitou tais eventos.

As pesquisas de G. Klaus levam Pêcheux a dedicar o primeiro anexo de sua obra *Semântica e Discurso*, a analisar e discutir “Uma teoria científica da propaganda”. Ali ele reforça os dizeres de Klaus: “*as palavras são armas, venenos ou tranqüilizantes*” (PÊCHEUX, 1988, p.281 – grifos do autor).

Sob o modelo platônico da caverna, Pêcheux comenta que “*as massas estão prisioneiras na caverna capitalista*” (PÊCHEUX, 1988, p.282 – grifos do autor). Além disso, a distribuição do espaço ideológico em três lugares, a saber, auditório, a cena e os bastidores, é argumento que Pêcheux aproveita para esclarecer a identificação/interpelação do sujeito pela ideologia.

Assim, Pêcheux lança luz à relação entre o sistema capitalista, enquanto bastidores; a cena, enquanto quadro das aparências; e o auditório que se configura como o povo encantado – uma instância-sujeito-assujeitada por uma inscrição constitutiva do e no processo enunciativo.

Descartadas as vinculações marxistas adequadas para a época, é pertinente a avaliação que Pêcheux faz da linguagem política, ainda mais quando a relaciona à Lógica, como o lugar do verdadeiro, e à Retórica, como o lugar da mentira, que caracteriza o espetáculo, a política, e daí, a ideologia que funciona como ancoragem do sujeito à formação discursiva que o domina.

Pensamos que a confluência dessas caracterizações determina, então, o que estamos chamando discurso midiático.

Nesse sentido, verificamos a relevância de jungir essas duas tipologias discursivas, a fim de identificar, inicialmente, os textos de caráter midiáticos pelo acoplamento de dois gêneros da antiguidade, a saber, o gênero apodítico e o retórico. Queremos justificar tal remissão pelos traços que delineiam e perfazem o caráter dos textos que compõem o *corpus* desta pesquisa.

O gênero apodítico se caracterizaria pela inquestionabilidade de suas afirmações, tendo como peculiaridade a afirmação de uma verdade que não se pode contestar. O gênero retórico, mais conhecido e influente, visa à condução de idéias de modo a induzir o interlocutor a construir um posicionamento.

Ao contrapor a Retórica à Lógica, Pêcheux nos oferece o apoio necessário para fazer a conexão entre os textos do *corpus* e o gênero midiático. Trata-se a Retórica, para Pêcheux, de uma “contrapartida” da Lógica, que, premia a Lingüística em sua ligação

com a Semântica, mostrando-se nas “técnicas da argumentação, manipulação de crença, fabulação e engano” (PÊCHEUX, 1988, p. 18).

Nesse ponto, Pêcheux deixa escapar a ligação da Retórica com a Política, apoiando-se em Hobbes para sugerir a diferença entre a verdade e a mentira: “as Matemáticas unem os homens, a Política os divide” (*op. cit.* p. 18).

O encaminhamento dos sentidos produzidos por textos como os do *corpus* desta pesquisa, situa-os como midiático, uma vez que podem ser evocados como pertencentes aos gêneros apodíticos e retóricos.

Há, porém, uma distinção feita por Orlandi (2001, p.15), que aborda aspectos relevantes para os estudos aqui realizados. Uma possível relação entre o gênero apodítico e o autoritário e entre o gênero retórico e o polêmico parecem configurar um panorama de relações de níveis tensivos que permitiriam um encaixe de significações possíveis no sentido de esclarecer os papéis desempenhados por interlocutores e o funcionamento discursivo.

Segundo esta autora,

Podemos caracterizar os três tipos de discursos da seguinte maneira, o discurso lúdico... o discurso polêmico (que) mantém a presença do seu objeto, sendo que os participantes não se expõem, mas ao contrário, procuram dominar o seu referente, dando-lhe uma direção, indicando perspectivas particularizantes pelas quais se olha e se o diz, o que resulta na polissemia controlada... No discurso autoritário, o referente está “ausente”, oculto pelo dizer; não há interlocutores, mas um agente exclusivo, o que resulta na polissemia contida. (ORLANDI, 2001, p. 15)

Será possível observar na análise do *corpus*, simultaneamente, a instauração de uma polêmica ao “permitir” liberdade de escolha, e uma imposição autoritária no enunciado que se oculta sob dizeres de autoridade, na forma de paráfrase. No entrecruzamento desses dizeres, estabelece-se um dizer outro que dissolve o “ponto de partida”, ou seja, os dizeres anteriores desaparecem, sob forma de re-significação desses dizeres.

Nessa circulação de efeitos, localizamos o *corpus* como pertencente a um tipo de discurso *autoritário*, sem esquecer, contudo, que os gêneros textuais atuam em diferentes esferas sociais. Verifica-se no fio do discurso a orientação de um enunciador, que impõe com seu dizer, um jugo de uma autoridade. Dessa forma, justifica-se a

sugestão de “apoditicidade” do gênero midiático, sem desprezar sua retoricidade, que trabalharia a persuasão.

Tomamos como ponto de convergência, entre a identificação do gênero e os textos que compõem o *corpus*, o tipo de atividade que dá existência ao texto, o qual relacionamos, nesta pesquisa, à atividade jornalística, sob a indicação de um efeito de persuasão.

É relevante mencionar que o suporte revista efetua a incidência de uma operação do conteúdo temático nutrição com atravessamentos de outros gêneros, como os efeitos do gênero didático que verificamos nos textos do *corpus*, a exemplo do que preconiza Bronckart (1999, p.73) ao afirmar que:

Os gêneros de textos continuam sendo entidades profundamente vagas; (...) Essa dificuldade de classificação deve-se, primeiramente, à diversidade de critérios que podem ser legitimamente utilizados para definir um gênero: critérios referentes ao tipo de atividade humana implicada (gênero literário, científico, jornalístico, etc.); critérios centrados no efeito comunicativo visado (gênero épico, poético, lírico, mimético, etc.); critérios referentes ao tamanho e/ou à natureza do suporte utilizado (romance, novela, artigo de jornal, reportagem, etc.); critérios referentes ao conteúdo temático abordado (ficção científica, romance policial, receita de cozinha, etc.)

Achamos, ainda, relevante, não desconsiderar a postulação básica de Bakhtin, que atribui à linguagem o vínculo comum de interação da espécie humana. Ele põe em evidência a natureza essencial da linguagem para as relações pessoais. Segundo este autor: “Todas as esferas da atividade humana, por mais variadas que sejam, estão sempre relacionadas com a utilização da língua” (BAKHTIN, 1992, p.279).

Ao estilo e ao conteúdo, Bakhtin congrega a construção composicional que, mesmo na individualidade do enunciado, compõe a categorização de “*tipos relativamente estáveis* de enunciados” (BAKHTIN, 1992, p.279, grifos do autor).

A finalidade social do gênero é, para Bakhtin, a marca do gênero do discurso. Assim, sua dicotomização em gêneros primários e secundários abrange, inclusive, o estar só, ou seja, a introspecção do enunciador. Com isso, Bakhtin cita Humboldt: “Abstraindo-se a necessidade de comunicação do homem, a língua lhe é indispensável para pensar, mesmo que tivesse de estar sozinho” (BAKHTIN, 1992, p.289).

Assim, podem-se considerar, sob a perspectiva bakhtiniana, duas formas composicionais que um texto deve atender. Suas relações contextuais no âmbito interno e externo.

As regras de coerência, no âmbito interno, permitem ao leitor um rastreamento definido das possibilidades de sentidos presentes no texto. Seu funcionamento proporciona ao texto elementos de ligação entre as idéias, o que está no texto. Já no âmbito externo, verificam-se as condições sócio-históricas, a exterioridade que transparecem quase sempre sem a “autorização” do enunciador.

Na infinita possibilidade de heterogeneidade de gêneros, Bakhtin agrupa-os em dois macro-universos: dos gêneros primários, identificados com as relações cotidianas, como a conversa face a face, e dos secundários, que relacionam outras esferas de interação social, mais complexas. Residindo o texto escrito na segunda categoria, dos gêneros secundários.

Assim é que Bakhtin situa a enunciação na relação social, como seu produto, ligando a possibilidade de enunciação ao gênero, sem o que, a inexistência deste, torna inviável a existência daquele. É assim que, para Bakhtin a enunciação é materialidade lingüística, a grande apreensão, no sentido de captação intelectual da idéia de um objeto.

A contraparte dessa materialidade corresponde ao não-verbal. Aliás, a tomada da linguagem como materialidade, é fundamental.

Considerando o destaque que Bronckart coloca sobre o gênero textual, enquanto múltiplas possibilidades das atividades humanas, a interpelação ideológica que constitui tal elaboração em paralelo com a fundamentalidade da linguagem para a sociedade, proposta por Bakhtin, pensamos reunir, assim, a pertinência daquilo que referimos como discurso midiático e seus atravessamentos jornalísticos e da propaganda para a presente pesquisa.

Considerações finais

Neste capítulo, quisemos abordar os conceitos relevantes para a análise do *corpus*, com o intuito de buscar caminhos que respondessem as interrogações sobre

manifestações enunciativas do interdiscurso e seu funcionamento. Para tanto, retomamos que a interdiscursividade tem na forma-sujeito sua noção fundante.

Assim, observamos que a investigação do *corpus* de análise se dará levando em conta a instância enunciativa sujeitucional *Seleções* como um lugar social midiático em alteridade com um lugar discursivo marcado pela injunção e pela ressalva, no qual se vê interpelada por múltiplas inscrições discursivas que a atravessam e a constituem numa referencialidade polifônica.

Entendemos que o engendramento dos conceitos ora apresentados são relevantes para dar suporte para as análises que passamos a empreender.

CAPÍTULO 3

A INTERDISCURSIVIDADE NA ENUNCIACÃO “SELEÇÕES”

CAPÍTULO 3

A Interdiscursividade na Enunciação “Seleções”

“Acho a maior graça. Tomate previne isso, cebola previne aquilo, chocolate faz bem, chocolate faz mal, um cálice diário de vinho não tem problema, qualquer gole de álcool é nocivo, tome água em abundância, mas não exagere... Diante desta profusão de descobertas, acho mais seguro não mudar de hábitos.”
Luis Fernando Veríssimo

Este capítulo destina-se à análise do *corpus* desta pesquisa. A partir da instauração de enunciados operadores, buscamos tecer uma rede de inscrições interdiscursivas que atravessam a enunciatividade dos textos analisados e convergem para um potencial enunciativo de demarcações, projeções, deslocamentos, afirmações e denegações.

Justificamos, aqui, o termo inscrição interdiscursiva para discernir elementos oriundos de discursividades outras, tomando essas discursividades como elementos sócio-históricos que confluem na significância do enunciado.

Assumimos, também, que o potencial enunciativo de uma inscrição interdiscursiva tem a ver com a eficácia de significância que o enunciado estabelece sob o escopo de uma dada formação discursiva.

Na amplitude de sentidos que examinamos no *corpus*, tomamos como primado essencial ao gênero midiático, as circunstâncias advindas da exposição da imagem humana a partir do surgimento da fotografia, segundo as considerações de Benjamin (1996, p.82). Para este autor, a aproximação do rosto humano desencadeou o que ele chamou de “perda da aura”, o princípio originário da arte como ritual.

A partir da fotografia, segundo as considerações de Benjamin, é possível visualizar rostos desconhecidos e distantes; fenômeno, até então, possível apenas por meio de pinturas, forma essa, já subjetiva de representar o outro, e, por isso mesmo, duvidosa quanto à veracidade de informações. Nesse sentido, queremos nos referir à forma como a discursividade midiática interpela a instância enunciativa sujeitucional, pela aparente proximidade que determina uma regulação de direções possíveis aos efeitos de sentidos nos atravessamentos discursivos.

Com respeito à aproximação do rosto humano, torna-se possível, ter uma noção de aspectos antes produzidos pela interpretação de algum pintor, levando-se em conta, ainda, as relações que este pintor pudesse manter com o objeto de sua arte.

O falso efeito de imparcialidade causado pela fotografia produz a “perda da aura”, que, para os fins desta pesquisa, está restrito ao efeito de massificação, de padronização de elementos. Assim, o conceito de perda da aura, quando tomado no escopo desta pesquisa, envolve noções complexas de unicidade.

Estamos nos referindo em parte à noção de esquecimento número dois, ilusão de que o dizer só pode ser dito de uma maneira, mas também, entendemos que um dizer será único, até que outro dizer o suceda e torne-se também único. É assim que apreendemos os sucessivos dizeres da voz da ciência que se estabelecem como verdade por um tempo e são substituídos por “novas” outras “verdades”. No escopo desta pesquisa, essa sucessão de dizeres pode ser observada como uma reatualização da voz da ciência sob a consequência dos resultados de uma nova pesquisa.

Julgamos que haja um desajuste entre o objeto *informação* e o efeito *veracidade*, uma vez que a veracidade da informação não se conserva, pois se trata do efeito de uma reprodução em série, “reprodutibilidade técnica”, nas palavras de Benjamim, algo próximo à produção industrial, que, por se dirigir às massas, tem como característica uma natureza idêntica. No escopo da análise discursiva a ser construída aqui, esse desajuste diz respeito, por exemplo, à afirmação de que uma dieta não serve para todas as pessoas, seguida de orientações sobre as escolhas alimentares, que, afinal, produz o efeito de uniformidade negado anteriormente.

Isso significa que uma das características dos enunciados operadores é que eles estão sujeitos a efeitos transversais que tentarão compatibilizar contradições, apagando os realces que poderiam tornar mais aparentes tais oposições.

É desse desajuste, uma espécie de fenda, precisamente, que vemos emergir os sentidos daquilo que enunciaria uma discursividade midiática¹².

Os textos, tomados como manifestações enunciativas, escolhidos para o *corpus* são os seguintes: “Alimentos que renovam sua energia”, (*Seleções Reader’s Digest*, dezembro de 1997); “A dieta: *adoro comer*”, (Id., janeiro de 2002); “Volte a comer o

¹² Tal qual a caracterizamos na p. 61 desta pesquisa.

que era proibido”, (Id., setembro de 2002); “A dieta do leite”, (Id., dezembro de 2002); “Fast food já!”, (Id., maio de 2003); e, “Comer o que quiser...”, (Id., novembro de 2006).

A opção por esses textos seguiu um critério que privilegiou, no universo de outros textos, os que apontassem, de alguma forma, um paralelismo, uma certa identidade enunciativa paritária. Estamos chamando de identidade enunciativa paritária, aqui as relações possíveis entre os textos, desde sua temática até sua abordagem – uma relação de identidade – numa discursividade midiática constituída pelos atravessamentos interdiscursivos que interpelam cada texto pela via da discursividade, ora da saúde, ora da estética, ora da nutrição, entre outras que se configurarão ao longo da análise. A esses elementos de atravessamento, estamos chamando, aqui, de identidade enunciativa. Ao relacionar os textos em pares, considerando suas repercussões possíveis de sentidos, reveladas, de alguma forma, pela interdiscursividade, chegamos ao conceito de identidade enunciativa paritária.

Dessa forma, optamos por não trabalhá-los em ordem cronológica, tendo em vista as relações que pretendemos demonstrar, tais sejam, suas inscrições interdiscursivas.

A partir dessa decisão, organizamos os textos, paritariamente, da seguinte maneira:

- Texto I: **“Comer o que quiser...”** e Texto II: **“Alimentos que renovam sua energia”**;
- Texto III: **“Volte a comer o que era proibido”** e Texto IV: **“Fast-food já!”**;
- Texto V: **“A dieta adoro comer”** e Texto VI: **“A dieta do leite”**.

Prevenimos, no entanto, que, mesmo que os tenhamos relacionado paritariamente, os textos não coincidem quanto aos seus objetivos e abordagens. O que quisemos foi construir uma relação de identidade interdiscursiva.

Outro aspecto que antecipamos diz respeito à identificação de, basicamente, três tipos de enunciados operadores de interdiscursividade, localizados, ora no corpo dos textos, ora nos títulos e subtítulos. Entendemos, portanto, se tratar de inscrições interdiscursivas em diferentes instâncias enunciativas.

Quando esses enunciados aparecem no corpo do texto, hipotetizamos que eles se inscrevem enquanto instância enunciativa sentidural, porque instauram um sentido para a relação interdiscursiva na qual operam.

Quando aparecem nos títulos, hipotetizamos que se inscrevem enquanto instância enunciativa sujeitudinal, porque instituem um sujeito discursivo que ocupa um lugar discursivo, determinante da/na relação interdiscursiva.

Já quando aparecem nos subtítulos, hipotetizamos que possa existir uma alteridade enunciativa, pela qual o enunciado operador de interdiscurso possa ocupar o espaço discursivo de uma instância enunciativa sentidural, ou de uma instância enunciativa sujeitudinal, dependendo, portanto, se ocupa um lugar de significação na produção de sentido, demarcada pela relação interdiscursiva; ou se ocupa um lugar discursivo de inscrição sujeitudinal nessa relação interdiscursiva.

O primeiro tipo de enunciado, pertencendo à instância enunciativa sentidural, relaciona uma forma-sujeito que se inscreve em uma discursividade científica. Tais enunciados reproduzem, em quase todos os casos – exceto em dois deles no Texto III – dizeres pertencentes a uma forma-sujeito – cientista – e, por isso, pode-se afirmar sobre sua amplitude enunciativa estar vinculada a uma ordem sentidural.

Esse pertencimento a uma ordem sentidural diz respeito a uma afirmação que, ao ser tomada como verdade no interior de um campo científico, também se restringe ao campo científico específico de tal comunidade científica, na qual o dizer é tomado como verdade. Isso quer dizer que é preciso uma inscrição específica numa forma-sujeito específica para o dizer significar de uma forma específica, em oposição a outras formas de o mesmo dizer significar se inscrito numa comunidade científica outra.

A forma-sujeito está relacionada, aqui, à forma pela qual o sujeito do discurso se identifica com uma dada formação discursiva, que, neste caso, liga-se à discursividade científica.

Ao segundo tipo de enunciados, dizemos que pertencem a uma ordem sujeitudinal, porque ora se referem a um sujeito discursivo, constituído por uma relação de outricidade e, portanto, constitutivamente heterogêneo; ora se referindo a um lugar discursivo, no qual uma instância-sujeito se inscreve na enunciação.

No que se refere ao terceiro tipo de enunciados, aqueles que se colocam em alteridade, ora significando uma instância enunciativa sentidural, ora uma instância

enunciativa sujeitucional, é preciso observar a natureza enunciativa da operação interdiscursiva para identificar se constituem um sentido dessa interdiscursividade ou ocupam um lugar de enunciação nela. Nessa perspectiva, os enunciados de subtítulos aparecem como operadores de uma interdiscursividade, ocupando um espaço de significação sentidural ou ocupando uma tomada de posição de um sujeito discursivo, ocupando um lugar discursivo inscrito na enunciação.

Essa alteridade se deve ao fato de que as operações interdiscursivas que interpelam a enunciação midiática em *Seleções* por vezes se colocam enquanto significações de um dizer (instância enunciativa sentidural); outras vezes se colocam como um já-dito instaurado (daí a denominação de uma instância enunciativa sujeitucional).

Assim, os enunciados do tipo sentidural, significando o dizer de um cientista, identificam uma materialidade enunciativa, representada por pesquisadores de áreas ligadas à biologia/medicina/saúde. Trata-se de cientistas de alimentos, bioquímicos de nutrição, nutricionistas, professores de nutrição, médicos, fisiologistas, alguém do departamento de agricultura dos EUA, pesquisadores de nutrição, com ênfase para diretores de departamentos de nutrição, entre outros, que, enquanto forma-sujeito desses dizeres, os autorizam enquanto sentidos de uma inscrição discursiva.

No que tange aos enunciados do tipo sujeitucional, estes denotam tomadas de posição de um sujeito discursivo (lugar social de um dado dizer ou lugar discursivo de uma dada inscrição sobre o dizer).

É possível representar essa identificação com a tabela abaixo, prevenindo que não nos referimos a fronteiras rígidas entre o aspecto sujeitucional e sentidural:

1.º tipo: Corpo do texto	2.º tipo: Título	3.º tipo: Subtítulo
Instância enunciativa sentidural	Instância enunciativa sujeitucional	Alteridade enunciativa
Instaura um sentido para a relação interdiscursiva na qual opera. Forma-sujeito que se inscreve na discursividade científica . Amplitude enunciativa esta vinculada a uma ordem sentidural.	Institui um sujeito discursivo que ocupa um lugar discursivo, determinante da/na relação interdiscursiva. O sujeito discursivo é constituído por uma relação de outricidade	Ocupa o espaço discursivo de uma instância enunciativa sentidural (se ocupa um lugar de significação na produção de sentido, demarcada pela relação interdiscursiva), ou de uma instância enunciativa sujeitucional (se ocupa um lugar discursivo de inscrição sujeitucional nessa relação interdiscursiva).

	(heterogêneo)	
Sujeito do discurso identificado com uma dada formação discursiva	Refere-se a um lugar discursivo, no qual uma instância-sujeito se inscreve	Depende da natureza enunciativa da operação interdiscursiva : a. Na interdiscursividade : espaço de significação sentidural; b. Ocupando um lugar de enunciação : tomada de posição de um sujeito discursivo e de um lugar discursivo inscrito na enunciação

Apresentamos, também, à guisa de uma prévia exemplificação dessa alteridade, o Texto I, no qual os dizeres de um cientista de alimento – “Como as pessoas são diferentes em termos de genética e metabolismo, uma única dieta não serve para todos” – anunciam particularidades físico-corporais que, segundo as hipóteses que buscamos comprovar pela análise da interdiscursividade, a ciência conhece e não tem tornado público, em nível de mídia.

Adiante, na análise, poderemos observar outros casos, como nos enunciados que não têm sua origem a partir de uma voz da ciência, e sim, na voz de um paciente. Inicialmente, a enunciação do paciente corrobora a ordem do médico. Trata-se de uma prescrição previsível que se localiza na discursividade médica tradicional, mas não surte o efeito esperado, em nível de significação enunciativa.

Ao enunciar do lugar da medicina tradicional sem o equivalente resultado, verifica-se que a inscrição de um enunciado operador de interdiscursividade, apreendido por uma instância enunciativa sentidural conduz a uma significação de denegação de uma anterioridade discursiva. Tal denegação é re-significada em uma discursividade outra, que se inscreve enquanto atualização científica de um dado campo de conhecimento. Essa atualização, por sua vez, vem significar a substituição de termos da medicina tradicional por outros que mascarariam essa anterioridade discursiva e passariam a permitir o consumo de alimentos, antes considerados proibidos.

O inverso ocorre com outro enunciador, que, conhecedor das orientações médicas tradicionais, se antecipa e as cumpre. Esse enunciador não obtém o resultado

esperado, ou seja, tendo cortado de sua dieta ovos e nozes, considerados responsáveis pelas altas taxas de colesterol, ao não conseguir baixá-las, vai em busca de outra orientação médica que não se inscreve nos dizeres tradicionais da medicina. Sintomaticamente, a alteridade que se configura pelas diferentes instâncias enunciativas sentidurais, colocadas a partir de tomadas de posição distintas, em diferentes instâncias enunciativas subjetivas (lugares discursivos distintos dos dizeres tradicionais), produz significações outras, resultantes de uma interdiscursividade em dialogismo.

Essa interdiscursividade, muitas vezes, é marcada por uma operação retórica de refutação, o que produz um efeito de denúncia, de que algo interpela a discursividade de uma instância-sujeito autorizada pela ciência. Outras vezes prevalece uma voz que se opõe a um saber tradicional. Esses indícios tendem a demonstrar como as manifestações enunciativas em *Seleções* têm seu funcionamento determinado pela interdiscursividade.

Essa ilustração visa a esclarecer o aspecto de contradição que predomina nos textos. Há um dizer que se singulariza, ou seja, identifica que há “diferenças genéticas e metabólicas”, apontando para uma significação de “uma única dieta não serve para todos”. No entanto, existe uma prática, preconizada pelo próprio texto em si, que generaliza e prescreve orientações. Essa contradição não seria apenas constitutiva dos textos do *corpus* em análise, mas, sobretudo, de significações que emergem a partir de uma interdiscursividade em dialogismo que coloca uma discursividade científica, médica, profilática e econômica, determinando sentidos ideologicamente crivados por esse e nesse atravessamento, no interior do discurso midiático.

Podemos dizer que buscamos as marcas lingüísticas que evidenciam os deslocamentos, as inversões de formulação, as retomadas, para, assim, explicitar esse jogo de oposições opacificadas, ora pela aparência de uma discursividade em aliança – uma pseudo-identificação – ora por uma discursividade em discordância – uma tomada de posição por desidentificação.

Essas contradições revelam um lugar de interpelação, constituído por essa interdiscursividade, considerando um lugar discursivo da tradição médica, fortemente interpelado, para dar lugar a uma discursividade outra que, pretensamente, se alie aos “novos” tempos, de uma prática médica não tradicional; adequada a pesquisas mais recentes, constituindo, assim, o sentido de uma necessidade de atualização profissional.

Como mencionamos no arcabouço teórico, o sujeito, ao sustentar uma posição entre outras, identifica-se com uma ou mais formações discursivas, que recebem uma intervenção constitutiva da ideologia. Por intermédio dessa interpelação ideológica, o enunciador faz uma tomada de posição por um dado lugar discursivo a ele atribuído no contexto sócio-histórico e ideológico, a saber, seu lugar de autoridade para enunciar, seja médico, nutricionista, diretor de laboratório, entre os outros mencionados no *corpus*. Nesse lugar, essa instância-sujeito é assujeitada, no sentido de constituir-se, tornar-se sujeito e sentido em descontínua alteridade.

Assim, vamos às análises!

Análise de *corpus*

A análise segue o procedimento descrito na p. 54, tomando a proposta de visualizar os atravessamentos interdiscursivos por meio de uma matriz de discursividades (conforme o anexo I). Partimos de um enunciado operador, princípio e direção das relações sujeitacionais e sentidurais, cuja interdiscursividade determina uma enunciatividade¹³. Tais relações produzem o potencial enunciativo desse enunciado operador. Elas também se constituem pela natureza de significância que o enunciado estabelece ao se inscrever em uma dada formação discursiva.

Tomamos, inicialmente, os Textos I e II, para verificar elementos de paridade discursiva, bem como suas discrepâncias. Chamamos de elemento de paridade discursiva a identificação temática que permite apreender nos textos, paritariamente, marcas discursivas que os aproximam e evidenciam o funcionamento das manifestações enunciativas, subjacentes aos enunciados operadores de interdiscurso.

Quanto às discrepâncias, esperamos poder evidenciar as contradições entre as discursividades científicas sobre nutrição, saúde e genética, que aparecem enquanto atravessamentos interdiscursivos.

Em seguida, examinaremos os Textos III e IV e, depois, os Textos V e VI. Finalmente, pretendemos pontuar possíveis atravessamentos, observando a conjuntura interdiscursiva dos seis textos em análise.

¹³ Veja nota 1 na p. 21.

Textos I e II: “Comer o que quiser...” e “Alimentos que renovam sua energia”

Uma das razões de escolher esses dois textos para construir relações diz respeito ao distanciamento temporal entre eles. O Texto I “Comer o que quiser ...” foi publicado em novembro de 2006 e o Texto II “Alimentos que renovam sua energia” em dezembro de 1997.

Observamos que as condições de produção que constituem a discursividade científica ligada à nutrição, em ambos os textos, têm a ver com as pesquisas que circulavam na época de sua produção.

Entendemos que a informação mais recente predomina sobre a informação antiga e que estabelecer a análise nesses termos é considerar, também, uma historicidade que se produziu, tendo em vista que assim podemos usar as afirmações de um texto no outro. Isso permite tomar como postas as mudanças de atitude em relação a alimentos que por muito tempo ficaram relegados à posição de “perigosos”, para usar um termo da instância-sujeito.

Notamos que, ao tempo da publicação do Texto II, “Alimentos que renovam a energia”, em dezembro de 1997, a *Reader’s Digest*, responsável pela publicação de *Seleções*, adaptou para o Brasil seus livros “Dicionário de Medicina Natural” e “Alimentos saudáveis, alimentos perigosos”, que se propõem a apresentar respostas àqueles que buscam, na alimentação, saúde e qualidade de vida.

Nesse sentido, tomamos como fundamentação para a discursividade nutricional, a pesquisa de Susana Inez Bleil (1998), “O padrão alimentar ocidental”, publicada pela UNICAMP. Julgamos, de acordo com as posições científicas dessa autora, que nessa época, as pesquisas apontassem para uma inquietação a respeito da substituição de alimentos naturais por outros artificiais, criados pela indústria alimentar.

A relação instaurada na sobreposição de um texto sobre o outro diz respeito a questões que tratam de melhorias na saúde pela nutrição. Nesse sentido, observamos um certo retorno “às origens”, no sentido de que alimentos, sobre os quais por muito tempo se questionou a reputação, foram reintegrados. Da mesma maneira, a forma de preparo

de alimentos (cozidos, fritos, assados) foi colocada sob suspeita. Eis as razões pelas quais tomamos esses textos paritariamente.

Entendemos que a pesquisa de Bleil (1988) permite contextualizar o texto da análise em relação ao que os pesquisadores da época pensavam sobre o tema. A relevância de fazer emergir esse aspecto tem o objetivo de explicitar o direcionamento das pesquisas acadêmicas como interdiscursividade que incide sobre a instância enunciativa sujeitudinal *Seleções*, colocado, inclusive como forma de assujeitamento discursivo ao cânone científico da época, como inscrição ideológica e discursiva.

Isso significa que, talvez, o Texto II possa funcionar como um indício de oposição às novidades industrializadas, mas também, de “atualização científica” dos alimentos naturais, ou seja, afirma-se que esses alimentos naturais são o que o corpo necessita para permanecer saudável e ter energia.

Da mesma forma, o Texto I, “Comer o que quiser” se aproxima de outros textos que olham para a genômica nutricional como a resposta para as diferenças individuais. A genômica, “ciência que mapeia e descreve nosso código genético”, na nutrição seria responsável por prescrever dietas personalizadas, que atendessem, pela nutrição, às necessidades individuais de saúde, energia, estética, bem-estar e outros estados das pessoas.

Como condições de produção do Texto I, podemos nos deparar com uma esfera tecnológica na qual os resultados da genômica, antes hipotetizados, encontrariam comprovação enquanto uma projeção científica. Nesse sentido, verificamos a publicação da UFRJ, “Genômica nutricional: o guia para a alimentação do futuro”¹⁴. Nesse texto, Bonisolo (2006) traz considerações de Glorimar Rosa, do Instituto de Nutrição Josué de Castro, do Rio de Janeiro, para quem:

O mapeamento genético nos possibilitará detectar os riscos para o desenvolvimento das doenças crônicas e, assim, poderemos atuar diretamente na prevenção das mesmas. Além disso, a tecnologia gênica na produção dos transgênicos permitirá uma maior produtividade e qualidade nutricional dos alimentos, contribuindo efetivamente para a prevenção e tratamento das

¹⁴ BONISOLO, I. **Genômica nutricional: o guia para a alimentação do futuro** www.olharvital.ufrj.br, edição 055, 28 de setembro de 2006 – acessada em 12 de maio de 2008, às 8h46.

doenças de carência nutricional ou decorrente de alterações metabólicas (BONISOLO, 2006, seção Ciência e Vida).

Bonisololo destaca ainda que: “Nos Estados Unidos, alguns laboratórios já são capazes de traçar as características genéticas de algumas enzimas, porém, um mapeamento completo da cadeia gênica ainda é coisa do futuro” (BONISOLO, 2006, seção Ciência e Vida).

Não localizamos, no entanto, qualquer referência às “técnicas de modificações genéticas (MG)”, da forma como citadas pelo texto do *corpus*. Nele, a partir de “uma correlação entre genes e papilas gustativas”, seria possível criar “uma alimentação perfeita” que combatesse doenças, aumentasse a longevidade, e melhorasse o desempenho físico e mental, tudo isso agradando ao paladar.

Entendemos que haja nessa não-coincidência discursiva algo que se configura como uma inscrição discursiva de devir, de uma transformação *in potentia* cujo dizer produz significações de transformações. Essas transformações apontam para a efetivação de uma “revolução” – ponto desencadeador da interdiscursividade – que mesmo não coincidindo com a “verdade dos fatos” realiza-se discursivamente no devir.

No intervalo entre os dois textos, devem-se verificar as transformações causadas pelo progresso das pesquisas. Percebemos isso no Texto I ao reinscrever alimentos, que ficaram sob suspeita por um período, para o rol dos alimentos saudáveis. Tal reinscrição passa por projeções que se referem às possibilidades da genômica, ao considerar, por exemplo, que o sabor de uma fritura pode ser integralmente preservado e se elimina, apenas, os fatores nocivos que podem gerar doenças e obesidade.

Compararemos, mediante esse distanciamento, a interdiscursividade do Texto II, de 1997, que repercute no Texto I, de 2006. É possível observar que nesses textos há uma prescrição de hábitos, indicados para o desempenho adequado do corpo na relação entre o funcionamento do organismo e a alimentação que permite que esse funcionamento se dê.

Entendemos que a enunciação dos efeitos preocupantes da alimentação na modernidade, colocados enquanto sentidos de uma discursividade sobre a nutrição, a saúde, a profilaxia e, mesmo, o prazer, se apóiam numa discursividade sobre um devir-máquina, aquilo que se acrescenta ao princípio biológico, enquanto aparelhamento maquínico de funcionamento de um corpo.

As relações que podem ser estabelecidas entre os dois textos é a outra razão que nos levou a reuni-los paritariamente.

O Texto I começa confirmando que há uma epidemia de obesidade e que uma “alimentação saudável” tem se mostrado um conceito instável. Em contrapartida, declara os progressos da ciência na área e apresenta uma “nova” ciência que se encarrega de avaliar e modificar o fator nutricional dos alimentos em relação à necessidade e ao gosto pessoal de cada indivíduo, a genômica.

Assevera-se que essa ciência fará coisas inesperadas como transformar guloseimas calóricas nos alimentos mais necessários para uma vida prazerosa, saudável e livre de obesidade. É, precisamente, por conta dessa novidade científica, a genômica, que o texto introduz o termo “revolução”, por duas vezes.

No fechamento, o texto reafirma o papel social da alimentação, cujo aspecto acolhedor do relacionamento em família ou em comunidade é mostrado.

SD1¹⁵

A ciência, porém, não pode substituir o aspecto social de comer e compartilhar uma refeição. Essas necessidades não podem ser mapeadas ou copiadas, nem pelo mais elaborado sistema de combinação de alimentos – e elas jamais desaparecerão. (Texto I)

Esse aspecto social é posto em evidência como fator demarcador entre as possibilidades da ciência, o que ela pode fazer, até onde ela pode ir e o que só depende da disposição humana, que não pode ser resolvido tecnologicamente. É possível perceber nessa demarcação o valor que é atribuído à humanidade, ao que é especificamente humano, em oposição às realizações da ciência como resolução para todas as dificuldades.

No Texto I, propagam-se as promessas idealistas de um devir, de uma revolução produzida pela intervenção, no nível das discursividades, da genética na nutrição. Dessa forma, as discursividades articulam o devir, um futuro ideal em seus atravessamentos constitutivos, mas sempre na descontinuidade de uma alteridade, ora apagando as contradições, ora exaltando-as. Se por um lado, assegura-se saúde, por outro, afirma-se que as doenças relacionadas à saúde *apenas* reduzirão.

¹⁵ SDn = Seqüência Discursiva + número de ocorrência em seqüência numérica.

SD2

... seria possível mapear um dedo para detectar biomarcadores na oleosidade da pele; eles mostrariam se você tem uma carência nutricional específica. “Os novos sensores nos ajudarão a escolher a comida certa para as próximas 24 horas”...

Clemens e Newell-McGloughlin concordam que, com esses avanços, doenças relacionadas à alimentação, como diabetes e certos tipos de câncer, serão reduzidas enormemente. (Texto I)

Nesse sentido, o aspecto revolucionário da genômica é refreado, pois uma voz ecoaria desses sentidos ideais, afirmando que uma redução de doenças ainda não é suficiente. A partir dessa afirmação, demonstra-se que a ciência não “consegue” fazer tudo e é possível localizar aqui uma inscrição discursiva voltada para se considerar as escolhas humanas e sua conseqüente incompletude.

A ilusão de completude é a grande arma da discursividade midiática. Ela se instala como devir sobre a humanidade. Comer tudo, de tudo, sempre e... manter-se esteticamente agradável e saudável garante um “sujeito/cliente satisfeito”. O cliente satisfeito é o que, como se sabe, garante a prosperidade do sistema capitalista.

No escopo desta pesquisa, tendo em vista que buscamos problematizar as manifestações enunciativas do discurso midiático, trata-se, pois, de pontuar índices de enunciatividade, funcionando pelo trabalho dos enunciados operadores de interdiscurso. Tal caminho levou-nos a selecionar dois enunciados operadores no Texto I, como ponto de partida.

Verificando inscrições interdiscursivas presentes no texto e suas relações com os enunciados operadores, partimos do pressuposto de que, na introdução do texto, o uso do termo “revolução”, determina uma inscrição discursiva de mudança, de evolução e ilusão de devir. Assim, identificamos dois enunciados operadores, fragmentos que fazem funcionar a interdiscursividade de modo que sua enunciatividade produza significação. O primeiro enunciado operador¹⁶ afirma:

EOI-1¹⁷

É uma verdadeira revolução. (Texto I)

¹⁶ Conforme descrevemos na p. 21 desta pesquisa.

¹⁷ EOI-N – Enunciado Operador de Interdiscurso + número de seqüência do enunciado em análise.

O segundo enunciado operador acrescenta uma memória de devir, pois retoma a anterioridade histórica que atravessa a significação, pelos efeitos transformadores de uma outra revolução que se atualiza pela memória discursiva:

EOI-2

Essa revolução vai acontecer. (Texto I)

Observamos, porém, que EOI-2 não se compromete com o “estar realizado” do enunciado no mundo, pois adiciona um futuro progressivo que representa um devir, as mudanças que derivam o *tornar-se*:

EOI-3

e está se tornando mais real a cada dia. (Texto I)

Inferimos, então, que EOI-2 e EOI-3, no que se refere à memória discursiva

seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ser lido, vem restabelecer os ‘implícitos’ (quer dizer, mais tecnicamente, os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos, etc.) de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível (Pêcheux, 1999, p. 52).

Notamos que tais implícitos e transversalidades, introduzidos pelos elementos sócio-históricos e relacionados aos tempos vividos, possibilitam a legibilidade do enunciado e fazem avançar sua inscrição discursiva, em termos de transposições de efeitos de sentidos, num devir, uma significação sucedida por outra que vai conformando uma realidade outra sob a circunstancialidade dos resultados das pesquisas da genômica.

Sinaliza-se que “a revolução (*certamente*) vai acontecer” e isso parece ser um acontecimento, uma transformação, uma mudança, à semelhança das transformações decorrentes da Revolução Industrial. É relevante assinalar que entendemos que a Revolução Industrial marcou o estabelecimento de uma nova realidade na relação entre a pessoa e o trabalho. Nesse sentido, a genômica parece estabelecer uma nova relação entre a pessoa e o modo de se alimentar.

Julgamos, assim, que a escolha do termo “revolução” suscite as significações de transformações como revolvimento, substituição de uma efetividade ou um processo usual por outro de forma drástica e, por isso, demonstra um movimento tensivo, no qual trabalham forças que se supõem consolidadas e forças empreendem desestabilizar essa suposição.

Atentamos que esse movimento compõe as bases do que o discurso midiático propõe pela exigência da Indústria Cultural. Dizemos isto, pela determinação econômica que a move. Além disso, emerge na memória discursiva as transformações advindas da Revolução Industrial e uma conseqüente percepção da cultura vinculada ao consumo.

É preciso dizer, aqui, que em outra instância enunciativa, que não *Seleções*, a abordagem dos enunciados seguiria caminhos outros, que poderiam se diferenciar de acordo com a inscrição ideológica da instância enunciativa em questão. A inscrição sócio-histórica e ideológica da instância enunciativa sujeitucional *Seleções* abarca reflexões que direcionam a significação pela própria conjuntura enunciativa da discursividade midiática, ou seja, este trabalho sobre interdiscursividades está vinculado às condições sócio-históricas da instância enunciativa sujeitucional *Seleções*.

Com isso, nos reportamos ao conceito inicial da Revista *Seleções* de “contar histórias que emocionam, abordando importantes assuntos relevantes do dia-a-dia e inspirando uma vida melhor” ao disponibilizar “uma seleção dos melhores e mais úteis artigos já publicados, utilizando uma linguagem condensada”, sem perder de vista que a escolha dos textos se acomoda à apreciação e aos critérios ideológicos de *Seleções*, enquanto instância enunciativa.

Aliás, o funcionamento dos três tipos de enunciados, citados anteriormente, que se inscrevem discursivamente em diferentes instâncias enunciativas, permitirá esclarecer como a instância enunciativa sujeitucional *Seleções* reveste de credibilidade seus dizeres de modo que a significação seja interpelada por um valor de verdade.

Veja-se na SD a seguir:

SD3

Segundo J. Bruce German, cientista de alimentos da Universidade da Califórnia, “os alimentos de que mais gostamos serão os mais saudáveis para nós”. (Texto I)

Os dizeres do cientista referem-se à instância enunciativa sentidural ‘alimentos saudáveis’, relacionada à forma-sujeito especialista, que, como o sujeito do discurso, se identifica com a formação discursiva de uma discursividade científica. Isso quer dizer que as afirmações do cientista vêm apoiadas em duas instâncias enunciativas sujeitudinais que são: o lugar discursivo (cientista de alimentos da Universidade da Califórnia) e o sujeito discursivo (J. Bruce German).

O minucioso planejamento do dizer midiático trabalha com a antecipação. A antecipação procede da imagem que os participantes de uma cena enunciativa (o local da enunciação em seu sentido mais abrangente) fazem de si e do outro, da forma como as relações de força hierarquizam a sociedade.

Desse modo, o fenômeno de antecipação funciona, trazendo à discursividade midiática, uma autoridade auto-outorgada (a própria mídia atribui a si mesma essa autoridade) que se estabeleceu pelo jogo de imagem entre a instância enunciativa sentidural ‘alimentos saudáveis’ e o sujeito discursivo J. Bruce German. Nesse jogo, o sujeito discursivo ocupando o lugar discursivo ‘cientista de alimentos da Universidade da Califórnia’, aí colocado como instância-sujeito hierarquicamente superior, se autoriza a responder questões apenas supostas, como na SD que segue:

SD4

Sim, estamos no meio de uma epidemia de obesidade e, sim, a definição de “alimentação saudável” parece mudar a cada dois meses. (Texto I)

As questões implícitas, “há uma epidemia de obesidade?” e “a definição de “alimentação saudável” parece estar mudando a cada dois meses?”, reforçam a influência ideológica, no sentido de direcionar uma tomada de posição da instância enunciativa sujeitudinal articulista, que se manifesta por meio da instância enunciativa sujeitudinal *Seleções* para afirmar e produzir enunciados como esses.

Naturalmente, essa presunção de autoridade leva a outro questionamento. Como já adiantáramos no primeiro capítulo, tomamos a instância enunciativa sujeitudinal *Seleções* como produto da Indústria cultural. Esse ponto que poderia parecer evidente, dada sua circulação midiática, de orientação capitalista, bem como suas finalidades

assumidamente lucrativas, necessita de esclarecimento quanto aos efeitos discursivos, principalmente pela sua característica esquemática.

Dada a forma resumida que caracteriza o texto esquemático, é possível verificar em sua superfície um *déficit* de informações. Podemos dizer que o texto esquemático é uma estratégia para racionalizar o espaço midiático, de modo a fazer com que os textos tenham uma determinada extensão que atenda, entre outras exigências, ao espaço de impressão¹⁸.

Levando em conta que o espaço de impressão determina, de certa forma, uma seleção de informações que podem/não-podem ser veiculadas, podemos afirmar que a significação, nos textos esquemáticos, dependerá da leitura de implícitos, não-ditos e silenciamentos. Nesse caso, “O implícito é o *não-dito* que se define em relação ao dizer. O silêncio, ao contrário, não é o *não-dito* que sustenta o dizer, mas é aquilo que é apagado, colocado de lado, excluído” (Orlandi, 1992, p. 105). Isso quer dizer que, quando o enunciador diz: “Sim”, ele responde a um implícito, no qual é possível “ler” a pergunta respondida pelo “Sim”.

Da mesma forma, a expressão “alimentação saudável” tão aparentemente óbvia, encobre um não-saber detectável pelos dizeres subjacentes a “parece mudar a cada dois meses”. O que fazer com as orientações nutricionais que prescrevem o que pode/não-pode ou deve/não-deve ser seguido pelos diabéticos, obesos, hipertensos, pessoas com níveis altos de colesterol LDL (chamado de colesterol ruim) e de triglicérides.

Nota-se que o silêncio pode produzir, com muita facilidade, significações que se contrapõem ao princípio deflagrador desse tipo de texto. Para um texto midiático com essa natureza enunciativa não é cogitável apresentar informações minuciosamente detalhadas, justamente para resguardar a instância enunciativa sujeitudinal *Seleções* de se embrenhar por territórios não autorizados, não institucionalizáveis pela ciência.

É possível verificar na SD abaixo como se dá esse funcionamento:

SD5

... laboratórios e centros de pesquisa espalhados pelo mundo, os cientistas se apressam em estabelecer uma correlação entre genes e papilas gustativas, criando uma alimentação perfeita para cada um de nós, que poderá combater

¹⁸ No jargão jornalístico, um espaço de impressão é a extensão pré-definida que um texto pode e deve ocupar, sendo para tal editado (cortado ou ampliado) de acordo com a área disponível.

doenças, aumentar a longevidade, melhorar o desempenho físico e mental e, além disso, agradar ao paladar. (Texto I)

Não há designação específica dos laboratórios e centros de pesquisas que empreendem as pesquisas aqui referidas, apenas uma universidade é citada. Da mesma forma, não se identifica com precisão os cientistas envolvidos. Ao longo do texto existe a menção a três nomes de autoridades científicas, tomadas como sujeitos discursivos da ciência.

O texto afirma que “cientistas se *apressam* em estabelecer uma correlação entre genes e papilas gustativas” (grifo nosso). Então, com vistas a distinguir as relações que compõem as significações na instância enunciativa sujeitudinal *Seleções*, é possível assinalar discursividades referentes à genética e à profilaxia.

Há marcas lingüísticas de uma discursividade genética: “genes e papilas gustativas”, referindo-se aos elementos ligados à Biologia e à transmissão de caracteres genéticos, representando o objeto a ser pesquisado, e há expressões que podem ser relacionadas a uma discursividade sobre a profilaxia: “combater doenças, aumentar a longevidade, melhorar o desempenho físico e mental”, evidenciando medidas preventivas contra doenças, principalmente as causadas pelo envelhecimento.

Percebe-se, também, uma inscrição ideológica, tomada enquanto influência midiática, com uma finalidade econômica – a de se apresentar como uma discursividade ligada ao prazer: “agradar ao paladar”, aquilo que agrada ao paladar é prazeroso e, porquanto, em termos econômicos, mais procurado, mais vantajoso e mais facilmente vendável.

As inscrições discursivas podem ser reconhecidas pela via da memória social, o que, nesta pesquisa, incide sobre hábitos de alimentação, discursivizados a partir de padrões estabelecidos pela longevidade, saúde, estética. A afirmação do título, “Comer o que quiser”, poderia contrariar um anterioridade histórica que afirma a restrição alimentar como necessária para a convivência com doenças de origem metabólica.

Com o exame das seqüências discursivas, foi possível localizar e reconhecer pelos menos seis inscrições de discursividade, entre elas, a discursividade da saúde, da estética, da nutrição, da genética, da profilaxia e do prazer, de acordo com as significações apreendidas no interior dos enunciados no texto, conforme as condições sócio-históricas que as constituíram.

Dessa forma, as relações interdiscursivas entre os enunciados operadores e o encadeamento interdiscursivo evidenciaram inscrições de uma ordem discursiva da saúde, da nutrição, da genética, da profilaxia e do prazer, enquanto significações constituintes e constitutivas dos enunciados operadores.

Tal relação como princípio discursivo se apóia, em “pontos de tangência”, pontos de contato entre os discursos – o primeiro aspecto do interdiscurso identificado por Pêcheux – quando afirma que os discursos, ao se tocarem, mobilizam sentidos – e aqui nos referimos a sentidos outros que constituem o enunciado operador, numa relação de dependência interna. Nesse sentido, nos remetemos a Pêcheux, quando afirma que o sentido não existe “em si mesmo” (PÊCHEUX, 1988, p.160), ou seja, há a intervenção de fatores sócio-históricos e ideológicos que o constituem. Desse modo, a significação se efetua pelo funcionamento das relações de dependência entre os enunciados operadores.

Analizamos os dois textos em paridade, verificando que se distanciam no que tange, mais especificamente, aos seguintes pontos: se o Texto I é idealista, no sentido de se projetar no devir, nas transformações e possibilidades; o Texto II trabalha sobre o “real”, aquilo que se supõe conhecido, mesmo pelo fato de romper com a discursividade tradicional.

No Texto I, o devir, como a efetivação de uma “revolução”, legitima o mundo em movimento, a contradição, o ser ou não-ser. O devir, enquanto transformação determinada pela nutrição. No Texto II, é o devir-máquina, revelado na transformação do alimento em combustível, que rompe com uma humanidade assinalada pelo alimento, que adota o combustível para se afirmar devir-máquina.

Nesse sentido, entendemos que o Texto I subsiste pelos atravessamentos discursivos. Afirmações como “capacidade de manipular ... está aumentando rapidamente ... A saúde e o gosto pessoais serão saciados ... poderemos aumentar a qualidade dos alimentos existentes e criar novos que atendam às preferências nutricionais individuais” manifestam que o discurso midiático se empenha em demonstrar uma possibilidade de completude ansiada pelo sujeito e possibilitada pela tecnologia. Sua proposta se articula a partir do enunciado operador, que oferece transformação por meio de uma “revolução”. Nesse sentido, o discurso midiático apóia-se na discursividade científica, que o autoriza, enunciativamente, a funcionar sustentado

pelas inscrições discursivas (sobre a saúde, a nutrição, a genética, a profilaxia, o prazer, entre outras não mobilizadas) que o atravessam.

O Texto II, “Alimentos que renovam a energia”, lista e faz uma breve análise, com base em orientações científicas, principalmente de nutricionistas, sobre alguns alimentos que podem ajudar a melhorar os níveis de energia das pessoas. Quatro pessoas ligadas à nutrição, um professor de medicina, um fisiologista, e alguém do departamento de Agricultura dos EUA significam a enunciação enquanto sujeitos discursivos da ciência.

Para introduzir as considerações sobre o Texto II, “Alimentos que renovam a energia”, observamos que, mesmo seguindo a temática referente à alimentação, condições de produção diversas às do texto anterior aparecem, orientando para a existência de um potencial enunciativo recorrente de uma idéia genérica de designação de eventos patológicos, inscrita no entremeio do senso comum e da ciência.

Eventos patológicos, aqui colocados como algo que se manifesta em alguém por decorrência de uma perturbação de saúde, possível de assumir o caráter de doença, num sentido abrangente, que pode incluir desde um simples mal-estar passageiro até um conjunto de sintomas que podem desencadear uma doença propriamente dita.

O senso comum também aparece como encaminhamento linguageiro na instância enunciativa sujeitudinal *Seleções*. O que ocorre com esses dizeres do senso comum é que, na maioria das vezes, eles estão vinculados a uma percepção científica, enquanto lugar discursivo das instâncias-sujeito que compõem a enunciação. Vejamos as SDs abaixo:

SD6

“Esta verdura está cheia de magnésio, mineral que a maior parte das mulheres- particularmente as que vivem sob estresse ou que fazem muito exercício físico consome em quantidades abaixo do necessário”, revela Mildred Seelig, ex-presidente da Escola Americana de nutrição. (Texto II)

SD7

“No entanto pesquisas recentes mostram que comer mais alimentos ricos em cálcio, como iogurte pode ajudar”, explica James Penland, do departamento de Agricultura dos EUA. (Texto II)

Na primeira seqüência, a especialidade da ex-presidente da Escola Americana de nutrição é silenciada. Na segunda seqüência, não é expressa área de conhecimento

específica de James Penland, do departamento de Agricultura. No primeiro caso, levamos em conta que nem sempre os cargos de direção de uma instituição são assumidos por um profissional da área. No segundo, consideramos que não é obrigatório que todos os membros de um departamento sejam especialistas. Nos dois casos supracitados e nos demais dizeres deste e dos outros textos do *corpus*, é possível observar que os dizeres se apóiam em um lugar discursivo, no qual se inscreve o sujeito discursivo que produz um valor de verdade sobre o seu dizer.

A partir dessa perspectiva enunciativa, apresentamos, então, o enunciado operador do Texto II:

EOI-4 “Você se sente esgotado no meio de seu dia de trabalho? Tente mudar a dieta.” (Texto II)

Entendemos que o potencial linguageira do enunciado operador de interdiscursividade (EOI-4) trabalhe a partir da negação, identificando um interlocutor que, presumivelmente, sente-se esgotado e precisa de energia. Um enunciado injuntivo afirma a necessidade do interlocutor, determinando a razão (do esgotamento) e a ação a ser realizada: “mudar a dieta”.

A transformação provocada pelos efeitos discursivos do termo “revolução” no Texto I é substituída por uma interpelação, inscrita numa relação interdiscursiva entre a saúde e a nutrição no Texto II. Assim, não se manifesta no Texto II o efeito interdiscursivo gerado pela discursividade da nutrição, atravessada pela discursividade da genética. Se no Texto I é dito que o alimento é transformado para atender às necessidades biológicas e do paladar; no Texto II apresentam-se informações majoritariamente ditas “científicas” sobre que alimento oferece o provimento de necessidades fisiológicas específicas como a de prover energia para o corpo.

Dessa forma, a instância enunciativa sujeitudinal *Seleções* sinaliza para o movimento de sentidos no interior da formação discursiva sobre a nutrição interpelado pelo atravessamento interdiscursivo de discursividades sobre saúde, profilaxia, prazer e devir-máquina, entre outras.

A negação, como técnica argumentativa que conduz à determinação de uma significação (o esgotamento se deve a uma dieta deficiente, logo mude a dieta e terá

energia), pelo enunciado operador, se sustenta pelas inscrições discursivas da instância enunciativa nas discursividades supracitadas. Assim, os dizeres vão significando num processo de denegação. Denega-se esgotamento físico e afirma-se energia. Desse modo, a alimentação deficitária, sobre a qual se silencia, é substituída por uma que faça a “engrenagem” funcionar “em força máxima”.

Característica do veículo midiático que pesquisamos, detecta-se, com frequência, uma opção por termos menos técnicos, mesmo inscrevendo-se numa discursividade cientificista e apoiada sobre um “discurso de autoridade”, enquanto um dizer sustentado historicamente a partir de uma pretensa hierarquização. Dessa forma, *Seleções* se identifica com um formação discursiva de cientificidade, ao mesmo tempo em que oferece significância em seus enunciados para inscrições discursivas do senso comum.

Em vez de pregar uma projeção ilusória de que não há limites, o enunciado operador antecipa uma restrição. Diz antecipadamente que se tratará apenas dos “alimentos que renovam a energia”. Tal dizer inscreve-se numa discursividade sobre a nutrição, interpelado pela discursividade sobre a saúde, uma vez que uma renovação energética, nestes termos, pressupõe normalidade, pelo menos orgânica.

Isso significa que a formação discursiva de cientificidade assume uma relação de prescrição, exigindo cumprimento. Podemos dizer que essa ação caracteriza influência, que se impõe com um dizer de autoridade, que se sobrepõe a outros dizeres que por acaso apresentem resistência. Os eventos patológicos que designamos anteriormente apontam para uma determinação que, se não for atendida provoca sentidos de intimidação por meio dos males que indicam: esgotamento, cansaço, fadiga, reflexos mais lentos, sensação de confusão, etc.

Dessa inscrição, identificada discursivamente com a saúde, acreditar que haja alimentos certos e alimentos errados e que os alimentos defendidos no texto sejam certos é um efeito de sentido, que se institui pela mobilização do devir-máquina, com o termo “combustível”, significando a eficácia do alimento como elemento disponibilizador de energia para o corpo. É efeito de sentido, também, identificar um devir-máquina que atenda as especificações de uma ingestão de alimentos, comparada a um suprimento de combustível abastecido.

A SD que tomamos para a ilustração desse devir-máquina vem a seguir:

SD8

a comida é o *combustível* do corpo, e escolher *alimentos* altamente energéticos fará com que sua *engrenagem funcione* em *força máxima*. Isso significa tomar um bom café da manhã, fazer pequenas refeições a cada quatro ou cinco horas e escolher os alimentos certos. (grifos nossos) (Texto II)

A afirmação implica negação. Assim, “escolher alimentos altamente energéticos” na constituição do devir-máquina, que necessita do combustível “alimentos altamente energéticos” para funcionar, implica que a não escolha impedirá a “engrenagem” de funcionar com “força máxima”. Também implica que “força máxima” é a completude. Menos alimentos energéticos, ou não “altamente” energéticos, implicarão “força” na proporção de energia oferecida pelo alimento, se mais ou menos energético.

O trabalho simbólico do discurso entre a linguagem e o sentido produz significações que esse *continuum* enunciativo determina, a saber, uma relação de exatidão orientada pela noção de devir-máquina. Supõe-se que uma máquina funcione com precisão conforme sua manutenção, porém há um silenciamento sobre o corpo humano estar sujeito a eventualidades outras que pudessem interferir no rigor de seu funcionamento. No conjunto, os sentidos de humano se deslocam para os sentidos de máquina.

Nessas circunstâncias, o processo de significação determina relações entre as significações dicotômicas “força X energia” e “alimento X combustível”, no sentido de estabelecer correspondências entre a espécie humana e a máquina. Segue-se, então, a prescrição para que a transformação produza resultados de produção de energia: comer bem e em intervalos regulares, representando aqui o “combustível” necessário para fazer a “máquina” funcionar.

A transformação que se faz por meio da linguagem reinicia, permanentemente, um processo de maquinização. O movimento instaurado se estabelece por uma inscrição discursiva de devir-máquina e é marcado de forma sêmica pelas palavras “combustível” e “engrenagem” que, sofrendo a transversalidade da discursividade sobre a saúde, a nutrição, a ciência, constituiu-se em naturalização maquínica.

Isso significa um deslocamento de sentidos que se sobrepõe a dizeres anteriores. Tais dizeres anteriores podem direcionar sentidos a respeito de uma dieta deficiente, que

como conseqüência faz a “máquina funcionar mal”. O deslocamento anula a condição de esgotamento inicial, pela inscrição numa discursividade de devir-máquina, gerando um efeito de sentido que se impõe à discursividade da nutrição, enquanto responsável pelo bom funcionamento do “mecanismo” humano.

Como se vê, o devir não consiste em simples comparação, no sentido metafórico.

SD9

Afinal de contas, a comida é o combustível do corpo, e escolher alimentos altamente energéticos *fará* com que sua engrenagem funcione em força máxima. (grifo nosso) (Texto II)

O devir se institui por meio da asserção representada pelo verbo no futuro do presente do modo indicativo, “fará”, que intervém com sentido pela via do interdiscurso. Se a ação é deslocada para o futuro, ainda não se realizou, isso determina que a condição de completude, buscada pelo sujeito em sua incompletude, permanece sem definir-se.

Assim, o devir propõe a perfeição da “engrenagem”, que funcionará “em força máxima”, mas esse é um tempo ao qual nunca se chega, pois está no futuro. Dessa forma, o sujeito continua limitado, e apenas a ilusão de que basta comer o que está sendo ordenado, para atingir o objetivo proposto, permanece.

Dessa maneira, é possível interpretar que, se houver abastecimento com o combustível adequado, o equipamento-corpo terá um rendimento compatível com o esforço diligente em fazê-lo não depender das *intempéries* humanas, que significa que “Comer bem *pode* melhorar a energia das pessoas”.

Ao inscrever-se como devir-máquina, a discursividade sobre a nutrição faz com que o enunciado produza sentidos que indiquem a transformação pela qual o corpo passa, da fraqueza à força, e que essa transformação que corresponde ao aumento de energia física, depende de uma relação entre devir-máquina e nutrição. Ainda admite-se que, sendo máquina, seu funcionamento seja previsível.

Então, sobre esse corpo em transformação pela discursividade, processos outros não de interferir e provocar, por meio da transversalidade discursiva, instituída pelo devir-máquina, o efeito de repetição ao qual está sujeito a máquina. Isso ocorre porque

seu padrão não admite conjecturas ou mudanças. Instaure-se, aí, uma contradição: há transformação porque há devir e não há transformação porque é máquina.

É nessa discrepância que a modalização revela e justifica a ação da opacidade que recai sobre o enunciado. A significação indica, pelo silenciamento, que há limites nessa “força máxima”, que não é apenas humano – há uma humanidade que excede às condições peculiares de si própria, mas que não chega à perfeição e estabilidade de uma máquina, mesmo que, ainda em boas condições de manutenção.

Dessa forma, o enunciado se afirma pela repetição que o faz prevalecer. A repetição se realiza transversalmente no interdiscurso, o alimento indicado funciona como combustível e transforma esgotamento em energia. As divergências de realização – transformação e imutabilidade são, então, apagadas.

Parece, então, haver uma influência política do conhecimento científico que faz emergir o atravessamento da inscrição de uma discursividade sobre a nutrição como permissão de consumo. Permite-se “bagel”; “espinafre”; “feijão”; “atum”; “morango”; “farinha de aveia”; “iogurte desnatado” e “banana”. Se, por um lado, os alimentos citados são tomados como renovadores de energia, se interdita os que não se acham listados, e, nesse caso, a causa da interpelação pode ser tanto considerar os alimentos inócuos, quanto considerá-los nocivos, no âmbito de serem renovadores de energia. Além disso, há que se considerar, também, outras questões sobre a saúde, ou, mesmo, a estética.

Há de se reparar, também, que, enquanto os demais alimentos são devidamente aprovados pela autoridade científica, os morangos e as bananas não recebem essa garantia, como é possível observarmos na SD que se segue:

SD10

Frutas são fontes de carboidratos, e o *morango* é especialmente rico em vitamina C. Essa vitamina ajuda o corpo a absorver o ferro necessário para nutrir as células. Nutricionistas concordam que a ingestão de 60 mg de vitaminas C pode auxiliar a pessoa a se sentir energizada. (Texto II)

O que nos parece é que existem controvérsias científicas acerca das propriedades do morango enquanto metabolizador de energia. É notório que marcas como “*absorver o ferro*” e “*nutrir as células*” são inscritas numa discursividade científica de nutrição. A

não designação de um lugar discursivo na ciência não acontece por acaso. Dada a ideologia que ronda a prática científica e as transformações históricas que, assimetricamente, vão estabelecendo a discursividade científica em seus variados campos disciplinares, não há um “discurso científico puro” (PÊCHEUX, 1988, p. 198).

Na verdade, o que Pêcheux aventa é o fato de se delegar a um sujeito a voz da ciência pela luta ideológica que subjaz a ela. Conforme ele mesmo afirma:

Na raiz dessa confusão está, finalmente, a idéia de que existe um *discurso da ciência*, isto é, um *discurso do sujeito da ciência*, cuja característica seria a de que esse sujeito está apagado nela, isto é, “presente por sua ausência”, exatamente como Deus sobre esta terra no discurso religioso!
O único meio de esclarecer esta confusão é reconhecer que não há “discurso da ciência” (nem mesmo, a rigor, “discurso de uma ciência”) porque todo discurso é discurso de um sujeito – não, obviamente, no sentido behaviorista de “comportamento discursivo de um indivíduo concreto”, mas entendendo que todo discurso funciona com relação à forma-sujeito, ao passo que o processo de conhecimento é um “processo sem sujeito”. (*op. cit.*, 198)

O fato de Pêcheux afirmar que é um enigma reconhecer que a ciência não tem sujeito e que, por isso, não haveria um sujeito apagado nela, não apenas justifica a ausência de um cientista que asseverasse a posição colocada, mas corrobora, a nosso ver, a influência ideológica, a qual hipotetizamos ser exercida, pela instância enunciativa sujeitudinal *Seleções*.

Essa proposição se confirma na SD que descreve o poder energético da banana:

SD11

A *banana* é um alimento muito *energético*. Por uma razão: os açúcares contidos nas bananas e em outras frutas são carboidratos facilmente digeríveis. Além disso, a banana fornece altas doses de potássio, eletrólito que ajuda a manter as funções normais de nervos e músculos, prevenindo o superaquecimento. Ao contrário de outros nutrientes o potássio não é armazenado no organismo por longos períodos. Por isso seus níveis podem cair durante exercícios pesados, quando esse nutriente se perde através do suor excessivo ou como resultado dos problemas de saúde não detectados. Sinais evidentes de queda de potássio são dores musculares, batimento cardíaco irregular, reflexos mais lentos e sensação de confusão. Comer bananas talvez não sirva para curar problemas de saúde – afinal, nenhum alimento é uma panacéia –, mas sem dúvida pode deixar nosso organismo transbordando de energia. (Grifos nossos) (Texto II)

Como é possível observar, há uma série de afirmações não nomeadas. Marcas tais como “carboidratos facilmente digeríveis” e “a banana fornece altas doses de

potássio, eletrólito que ajuda a manter as funções normais de nervos e músculos, prevenindo o superaquecimento”, se inscrevem na discursividade científica da nutrição e, da mesma forma, como em outros enunciados do *corpus*, inscrevem-se nos dizeres de um sujeito discursivo da ciência, que são incorporados e assumidos pela instância enunciativa sujeitudinal.

Nesse sentido, é relevante afirmarmos que todo dizer se assenta sobre outros dizeres, resultantes de tomadas de posições de instâncias-sujeito. As escolhas enunciativas de uma dada instância-sujeito dependem das condições sócio-históricas que a interpelam. Assim, não há como identificar-se com um dizer e desidentificar-se de outro, sem tomadas de posições de uma instância-sujeito, determinadas pelo atravessamento interdiscursivo.

A SD abaixo demonstra a natureza enunciativa dessa escolha:

SD12

“Os *bagels* são, portanto, refeição leve e energética, perfeita para matar a fome no intervalo entre as principais refeições”, assinala o professor (de nutrição Shortie Mckinney). (Texto II)

O uso do modificador “perfeito” assinala um atributo valorativo, que, sob uma leitura superficial, indicaria uma imposição de unicidade, ou seja, supor-se-ia que “apenas” os *bagels* servem para petiscos, porque eles são “leves” e “energéticos”. A intervenção da memória discursiva, pela ausência do determinante que defina se *uma* ou *a* “refeição leve e energética”, atenua uma absolutização do sentido, pelo modificador “perfeita” que impõe uma idéia de completude, e o “bagel” pode se inscrever em uma entre outras opções de refeição leve e energética.

Assim, observamos na conjuntura dos elementos inscritos nas discursividades analisadas, certas regularidades, análogas às “palavras, expressões, proposições” que Pêcheux menciona ao discorrer sobre as formações discursivas (1988, p.160). A esse respeito percebamos a forma como o texto diz que alguns alimentos renovam a energia do corpo, identificando-os como sendo aqueles que aumentam a energia. Outra evidência pode estar na regularidade de que, na maioria das vezes, essas afirmações se ancoram em dizeres de nutricionistas.

Essas regularidades permitem identificar, no texto, as discursividades que o atravessam. É assim que apreendemos uma formação discursiva dominante que se propõe “doutrinadora”. Não se trata de uma inscrição de áreas como nutrição, saúde ou prazer, mas do “modo de dizer”, da determinação em ordenar que diante de tal situação, falta de energia, no caso, obedeça-se aquilo que está determinado no texto. O indício que tomamos para esta afirmação é, primeiramente, o imperativo na proposição: “Tente mudar a dieta”. O imperativo, porém, se apresenta de outras formas não explícitas, como:

SD13

Isso significa *tomar* um bom café da manhã, *fazer* pequenas refeições a cada quatro ou cinco horas e *escolher* os alimentos certos, como por exemplo... (Texto II)

O infinitivo, na seqüência, está mascarando o imperativo. Assim, é possível afirmar que “tomar”, “fazer” e “escolher” são ordens, prescrições. O demarcador de ordem pode estar também opaco no modificador “perfeita” em SD12 “Os bagels são, portanto, refeição leve e energética, *perfeita* para matar a fome no intervalo entre as principais refeições”. Sob o implícito oculta-se a determinação. O dizer, “perfeita para matar a fome”, direciona o sentido para uma submissão. Se for “perfeita”, então é a opção de refeição no intervalo das principais refeições. O não-dito é que se não comer bagels, estará consumindo algo que pode ser danoso à saúde, ou menos energético para o funcionamento do organismo humano.

O indicativo do verbo também pode ocultar o sentido de imperativo. Na SD abaixo, grifamos os indicativos que encobrem uma ordem:

SD14

Especialistas *recomendam* que se *comam* espinafre e outros alimentos ricos em magnésio para uma dieta balanceada. Mas *advertem* que tomar suplementos minerais em excesso pode ocasionar efeitos colaterais perigosos. (grifos nossos) (Texto II)

As marcas sígnicas: “Recomendam”, “comam” e “advertem” são formas de prescrições no texto. Aplicam-se como orientações a serem seguidas. Sob a ordem de um não-dito, o alerta para suplementos sintéticos, quando seus elementos nutricionais

não estão em seu ambiente, *in natura*, devem, segundo a orientação, ser vistos com reservas.

Há, também, uma maneira de esconder um sentido autoritário, que se constitui pela estrutura frasal.

SD15

Pode-se comer um doce ou pedaço de bolo para ingerir carboidratos, *mas* o fluxo de energia dos açúcares comuns é tão rápido que é seguido por queda brusca.

Uma porção média de farinha de aveia, *ao contrário*, *mantém* níveis de açúcar do sangue altos por períodos maiores. (grifos nossos) (Texto II)

Enuncia-se, “Pode-se”, para, em seguida deter, “mas”, com um mecanismo de coesão que opera contraste ou oposição. O contraste denega a primeira autorização: “Pode-se comer um doce”. Sob outro operador, “ao contrário”, outra mudança determina a primeira autorização que não apenas se revela ineficaz como prejudicial.

Mas por que, então, houve essa autorização?

Um dizer do senso comum declara que doces são fontes de energia. Esse dizer pode ter encontrado sustentação em dizeres decorrentes de propagandas de açúcar, tomadas pelo senso comum e materializadas nos *slogans*: “Açúcar é energia”, ou a propaganda do Nescau – “energia que dá gosto”. Nesse caso, é possível observar o trabalho da argumentação em contestar esse dizer do senso comum.

O enunciado operador “Você se sente esgotado no meio de seu dia de trabalho?”, inscrito, enunciativamente, em discursividades como as da nutrição, da profilaxia, da saúde, do devir-máquina e do prazer, se apresenta como condição linguageira para significar uma atitude, um dispositivo político-ideológico que possa determinar uma mudança.

Esse dispositivo é construído pelos efeitos de sentido gerados pelas inscrições discursivas que apresentam o alimento como materialidade. Tal materialidade se traduz enquanto devir por afirmar que os alimentos funcionam como fonte de energia, aumentam a massa muscular, aliviam a fraqueza e a predisposição a gripes, reduzem cólicas e inchaços decorrentes da TPM, além de regularizam os batimentos cardíacos. Essa atitude produtora da movência discursiva sustenta uma argumentação científica, ao

ponto de atribuir à ciência o poder de estabelecer um valor de verdade sobre os efeitos de tais significações no corpo do Texto II.

É, justamente, mediante a determinação de tal valor de verdade que se organiza o deslocamento de uma anterioridade enunciativa. Essa anterioridade preconiza um funcionamento físico-corporal deficitário. Assim, para instituir a ilusão de haver um “perfeito” funcionamento, propiciado pelo devir-máquina, enuncia-se uma verdade, cujo valor incidirá sobre essa anterioridade enunciativa. Não fosse essa verdade instaurada, o funcionamento humano (em oposição ao maquínico) poderia “permanecer” com seu ritmo próprio, sujeito às múltiplas possibilidades de ação do alimento energético no organismo.

Seguindo essa orientação, o devir-máquina, reconhecido no enunciado, “a comida é o combustível do corpo”, emerge enquanto atravessamento discursivo, resultante da dicotomia “esgotamento” X “energia”, que se realiza numa discursividade sobre a saúde, a partir de escolhas alimentares. Trata-se, portanto, de um atravessamento que produz efeito de descontinuidade enunciativa, já que a oposição “esgotamento” X “energia” efetua a passagem de sujeição às circunstâncias, as quais se agrega um valor de verdade, explicitado pela formulação científica: “...carboidratos são armazenados nos músculos e no fígado em forma de glicogênio”.

A forma-sujeito, que se inscrevera na discursividade do cotidiano, interpreta os dizeres científicos “Afinal de contas, a comida é o combustível do corpo, e escolher alimentos altamente energéticos fará com que sua engrenagem funcione em força máxima” como a inserção do devir-máquina, funcionando como metáfora. Nesse deslocamento interdiscursivo de discursividades do cotidiano para uma discursividade científica representa-se a discursividade da saúde. Esse deslocamento produz uma ilusão de completude por provocar na enunciação uma correspondência de sentidos com termos mais próximos de uma cientificidade: “...carboidratos são armazenados nos músculos e no fígado em forma de glicogênio”.

Mostra-se, assim, uma correspondência de enunciados:

Enunciados vinculados ao EO14	Relação de significação instaurada pela interdiscursividade
“Afinal de contas, a comida é o combustível do corpo, e escolher alimentos altamente energéticos fará com que sua engrenagem funcione em força máxima”	Relação “combustível/carboidratos”
“...carboidratos são armazenados nos músculos e no fígado em forma de glicogênio”	Relação “alimentos energéticos/glicogênio”

O efeito de sentido se instaura pelo discurso transversal, no qual transformações das condições físico-corporais previamente ordenadas como devir-máquina são expressas. A descontinuidade textual é verificada pelas aparentes rupturas temáticas, enquanto mecanismo de funcionamento dos enunciados operadores, pelos quais se pode observar a negação de significação das anterioridades ‘esgotamento’ e ‘cansaço’. Isso se verifica na confrontação dos pares: esgotamento X energia. Se a negação da anterioridade funciona como deslocamento interdiscursivo de uma ‘causalidade circunstancial’¹⁹, que assenta as direções possíveis das significações do termo “energia”, então, as significações derivadas da palavra “esgotamento” constituem-se em ‘causalidade mecânica’.

Tal causalidade equivale a uma tomada de posição por desidentificação, oriunda de uma má escolha de alimentos. Podemos observar isso pelas significações decorrentes da palavra “esgotamento”, ao enunciarem que o mau funcionamento do equipamento–corpo (devir-máquina), decorre de uma causalidade circunstancial, cujas

¹⁹ As causalidades circunstancial e mecânica estão relacionadas ao que Santos (2007a, p. 187) denomina de ‘causalidade canônica’, uma conjuntura enunciativa que “compõe um repertório de relações sentidurais, constituintes do imaginário epistemo-pragmático de campos de saberes distintos.” Assim, uma ‘causalidade circunstancial’ diz respeito às condições de produção de uma dada enunciação e uma ‘causalidade mecânica’ diz respeito às escolhas lingüísticas que constituem uma materialidade discursiva.

condições de produção evidenciam sentidos de uma nutrição inadequada, na interseção entre uma discursividade sobre a saúde e uma discursividade sobre a alimentação.

Visualiza-se, assim, um atravessamento interdiscursivo que interpela o sujeito por meio do funcionamento do enunciado enquanto projeção ilusória de um benefício. Dizemos “ilusória” porque as afirmações são explicadas pelo uso do recurso retórico da demonstração. Esse “benefício” se constitui, pois, como um devir, ao significar que a alimentação ideal se responsabiliza por “melhorar a energia das pessoas”.

Sendo assim, a interpelação da instância enunciativa sentidural ‘alimentos saudáveis’ pelo cientificismo apresenta-se como diagnóstico que atribui uma significação de ‘valor energético’ aos alimentos listados e projetados enquanto devir de um programa nutricional indicado como adequado por ‘autoridades científicas’, constituídas como sujeitos discursivos na enunciação. É possível, então, constatar que a discursividade sobre o devir-máquina evidencia um deslocamento permanente entre a discursividade sobre a profilaxia e sobre a nutrição. Da mesma forma, as discursividades sobre a saúde e sobre a nutrição apresentam uma ambivalência sentidural de funcionamento dos enunciados operadores de interdiscursividade no sentido de um devir-máquina.

Textos III e IV: “Volte a comer o que era proibido” e “Fast-food já!”

O Texto III “Volte a comer o que era proibido”, foi publicado em setembro de 2002 e o Texto IV “Fast food já!”, em maio de 2003. São pontos comuns a esses dois textos, a desinterdição de alimentos, muito embora, essa liberação venha envolvida numa imagem de restrição que aponta para uma concessão: alimentos permitidos não se configuram como totalmente saudáveis. Encontram-se sob vigilância.

Ambos os textos partem dessa anterioridade enunciativa. O Texto III se apóia em conclusões de pesquisas sobre nutrição, e o Texto IV se empenha em atenuar fatores do consumo de *fast-food* considerado nocivo.

Dessa forma, investigamos as significações constantes em marcadores temporais que fazem funcionar os enunciados operadores enquanto re-significação de uma discursividade científica. Enunciados como: “*Ultimamente* venho revendo a atitude de

minha mãe. *Agora* que somos mais bem informados”, bem como: “*Hoje* as orientações dietéticas da Associação Americana do Coração permite o consumo de um ovo por dia”, sinalizam tal reformulação. A significação decorrente das marcas temporais, ‘ultimamente’, ‘hoje’, ‘agora’, demonstra uma reversão sentidural das discursividades que compunham a enunciação sobre alimentos. Assim, a partir de uma anterioridade enunciativa de denegação, uma discursividade outra se instaura, reabilitando os alimentos outrora sob suspeição.

No Texto IV, no entanto, seu caráter apologético levanta questionamentos relevantes para a análise, no sentido de que a abordagem retórica do texto midiático dá visibilidade a um movimento de interpelação que quer apagar uma incoerência, a partir do trabalho de significação que é construído por meio do interdiscurso.

Como esta pesquisa tem por finalidade abordar discursividades que atravessam uma enunciação sobre alimentação, é possível reconhecer pontos de significação em discursividades que se apresentam antagônicas, a exemplo do que ocorre entre as discursividades sobre a saúde e sobre o prazer.

Dizemos que as discursividades sobre a saúde e sobre o prazer se apresentam antagônicas pela natureza enunciativa do comportamento linguageiro em ambas que respaldam dizeres populares como: “O que é bom faz mal, é pecado ou engorda”. Relacionamos o adjetivo ‘bom’ à discursividade do prazer, vinculada às sensações agradáveis e de liberdade; ao passo que as expressões ‘faz mal’ e ‘engorda’, estão ligadas à discursividade da saúde, a qual comporta dizeres sobre o impedimento e sobre os efeitos maléficos da alimentação em termos de doenças, incluindo entre elas, a obesidade.

É assim que trabalhamos este par de textos, verificando que eles se encontram, ao mesmo tempo em que se opõem, num processo de identificar, ora o que é ruim, como uma anterioridade, ora o que é bom, como devir. A anterioridade enunciativa em movência visa apresentar um outro valor de verdade, num deslocamento que se dá por recobrimento re-valorização de uma significação, assentando sobre um enunciado outro que o substitua e que o faça re-significar.

Isolamos, do Texto III, dois enunciados operadores a partir dos quais se regem as discursividades a ele constitutivas enquanto atravessamentos interdiscursivos. O primeiro aparece na introdução do texto:

EOI-5

Lembro-me de mamãe, na minha infância, misturando nozes e castanhas dentro de um belo pote, sempre que recebia convidados. Terminada a festa, meus irmãos e eu avançávamos nas sobras dos petiscos, disputando nossas preferidas.

Um dia as nozes foram substituídas por *pretzels*; mamãe havia descoberto o valor calórico dos alimentos. (Texto III)

O deslocamento mobilizado pela descoberta do valor calórico dos alimentos interpela a anterioridade enunciativa, transformando-a. Essa transformação funda-se na transversalidade de uma discursividade sobre a nutrição e sobre a saúde. Como consequência, na substituição das nozes por *pretzels* se faz o atravessamento de uma discursividade sobre a profilaxia, que em busca de prevenção, projeta-se como uma antecipação, que, no entanto é ilusória, tendo em vista a imprevisibilidade de outra transformação.

O segundo enunciado operador situa-se, justamente, nesse lugar de imprevisto.

EOI-6

Ultimamente venho revendo a atitude de minha mãe. Agora que somos mais bem informados – graças às novas pesquisas –, podemos classificar os alimentos com base numa série de fatores, e não em um único aspecto negativo, como “rico em colesterol”, por exemplo. (Texto III)

Como já dissemos, a imprevisibilidade é o lugar em que as transformações podem ou não ocorrer. O campo científico está repleto de exemplos que demonstram a instabilidade acerca do que o imprevisto pode provocar na sociedade. Parece ser verdade que as mudanças científicas derivem, ocasionalmente, do inesperado. Este é um aspecto que demonstra a imagem que se tem da ciência como algo que, se propondo estável, pode se tornar instável. Por outro lado, as condições sócio-históricas também intervêm, pelas variáveis, nos resultados das pesquisas, quer seja por seus objetivos, pelos interesses do pesquisador, ou mesmo, dos investidores, aqui referidos como uma determinação econômica que atinge a história.

Esse movimento presente na instância enunciativa sentidural ciência, representada pelos dizeres da instância enunciativa *Seleções*, inscreve os dizeres científicos de forma a autorizar enunciados como: “podemos classificar os alimentos

com base numa série de fatores”. No entanto, enunciados como esses podem derivar apagamentos de outros enunciados que a eles se opõem, produzindo, como consequência, o retorno a uma anterioridade por meio da denegação de um dizer científico em proveito de outro.

Conseqüentemente, verifica-se, no enunciado operador acima, o atravessamento de uma discursividade sobre a saúde em conjunção com a discursividade sobre a nutrição que, sob um efeito de reformulação, trabalha a instauração de um devir, enquanto transformação ideal, imprevista e obrigatória. O enunciado: “Agora que somos mais bem informados – graças às novas pesquisas”, expressa o apagamento de variáveis que intervêm nas condições sócio-históricas, atribuindo à ciência efeitos de estabilidade que desconsideram transformações mediadas pelo conhecimento científico numa diversidade de momentos.

O trabalho da discursividade da nutrição, aliada da saúde, se incumbe de evitar que um único fator desconsidere o universo de possibilidades que um alimento possa oferecer à saúde. Toma-se o abacate, um alimento comumente evitado por seu valor calórico e se propõe, a partir dele, problematizar o fator das gorduras “monoinsaturadas – que pode ser benéfica para o coração”. Antes disso, fora dito que “Cem gramas de abacate têm 17 gramas de gordura, quase a mesma quantidade de um hambúrguer com queijo”. O efeito dessa significação joga com dizeres do senso comum e os aproximam das discursividades da saúde e do prazer. Em outras palavras poderíamos dizer que o “que é bom, na verdade, pode não fazer mal nem engordar, se forem considerados outros fatores”.

É nesse processo que se abriga, sob o escopo da discursividade da ciência, uma espécie de relativismo científico acerca de posições teóricas no que concerne ao consumo ou não de determinados alimentos. No enunciado: “O camarão tem a péssima reputação de rico em colesterol, diz Breslow, mas a mesma porção de carne bovina contém dez vezes mais gordura saturada.” Verifica-se nesse enunciado uma espécie de confluência de dizeres que são enunciados com o intuito de contrariar um hábito. Diz-se que o camarão não tem tanto colesterol e é preferível à gordura saturada da carne bovina.

O que se quer dizer é que a reputação do camarão vem pelo senso comum. Essa inscrição discursiva é autorizada pelo dizer do cientista quando acrescenta que: “o

camarão tem a metade das calorias e algumas das gorduras saudáveis encontradas nos peixes”. Primeiro se discute o aspecto negativo no camarão, “rico em colesterol”, para em seguida, balizá-lo em relação à carne bovina, que não estava em discussão. Então, os efeitos se estendem para o que se diz sobre os peixes, que eles têm gordura saudável, carne magra e Omega 3, porém, contraditoriamente, o enunciado afirma que os peixes têm mais gordura que o “mal-afamado” camarão.

No entanto, a determinação do devir pela discursividade da ciência se mostra ilusória ao apelar para uma noção de certeza que sugere e esbarra numa constitutiva contradição discursiva, como no exemplo anterior, em que se “comprova” discursivamente que o que se fala de o camarão ser “rico em colesterol” não tem fundamentação nos estudos nutricionais. Do mesmo modo, verifica-se na SD abaixo, a contradição entre o dizer do médico e os efeitos na saúde:

SD16

Anos atrás, meu colesterol era alto, cerca de 230, conta Dee Torza, 39 anos. O médico me disse que cortasse da dieta ovos e outros alimentos ricos em colesterol, mas a taxa não se alterava. (Texto III)

E ainda, a contradição entre o conhecimento do senso comum e a afirmação do médico:

SD17

“Em 1999, Mike Loewen, 53 anos, piloto do Novo México, detectou níveis pouco saudáveis de triglicerídeos. De imediato, cortou a gordura e parou de comer um de seus alimentos preferidos: nozes e castanhas. No entanto, o médico o aconselhou a ingerir quantidades saudáveis de proteínas, inclusive nozes e castanhas, e a não exagerar nos carboidratos. ‘Meus triglicerídeos caíram pela metade’, conta Loewen”. (Texto III)

Observa-se, além disso, uma discrepância entre as afirmações dos dois médicos: um inscrito numa discursividade tradicional da medicina e o outro, contextualizado com as pesquisas divulgadas pela instância enunciativa sujeitucional *Seleções*.

Como citamos acima, há no Texto III um tipo de enunciado que é exceção entre os demais textos do *corpus*, a voz do paciente. Tomamos esta peculiaridade como relevante, precisamente pelo seu caráter contraditório de refutação/confirmação da voz científica. É preciso observar que a voz da paciente re-significa a voz do cientista.

Assim, pela via de uma ordem sujeitucional, de uma forma-sujeito cientista, aparece um dizer científico em oposições.

Nos dizeres de ambos os pacientes verifica-se uma heterogeneidade mostrada e marcada, numa explícita atribuição ao dizer científico. O dizer da primeira paciente, entretanto, denegaria o dizer científico, afirmando não ter obtido resultado positivo. Trata-se, porém, de uma anterioridade discursiva contestada por uma prática alimentar outra. O dizer da paciente põe em circulação dizeres tradicionais, em relação a uma formação discursiva da medicina que não se inscreve em sentidos como “estar de acordo com as últimas pesquisas”, para, em seguida, apresentar “o que se diz hoje”, uma mudança:

SD18

Quando Dee trocou de médico e adotou um programa de alimentação atualizado, que incluía ovos, a taxa caiu para um nível saudável. “Eu como ovos com frequência e o nível do meu colesterol está normal”, diz ela. (Texto III)

O enunciado do segundo paciente opõe a discursividade científica ao senso comum. Nesse ponto, o senso comum, o modo de pensar da maioria das pessoas, parece coincidir com o dizer do médico de Dee Tozza. Essa circularidade deixa à vista a possibilidade de que uma estabilização da ciência tradicional possa ter se tornado senso comum, mas um senso comum que se julga “científico”. Uma estabilização da ciência tradicional, nesse sentido, refere-se à discursividade científica institucionalizada, aceita como verdadeira.

Observa-se que há uma ruptura na relação entre os dizeres científicos em nossos dias e, por exemplo, há uns dez anos, ou seja, a ciência hoje “diz” outra coisa. Assim o senso comum, apoiado na cientificidade de outras épocas, voltou a ser apenas senso comum, em detrimento de ser um senso comum, balizado por um conhecimento científico.

Essa afirmação se apóia em mudanças significativas no modo de se tratar doenças que pesquisas científicas anteriores utilizavam no âmbito da medicina. O câncer, por exemplo, se mostrava mais mortal tempos atrás do que o é hoje, devido à continuidade das pesquisas sobre seus efeitos, inclusive, de tratamentos outrora considerados adequados, mas rejeitados em nossos dias.

Dessa forma, a ciência mantém seu modo de dizer diferenciado, em sua movência de sentidos com o tempo, e sua discursividade intervém, sob o efeito de evidência que seus dizeres produzem por serem impostos como uma verdade preestabelecida, demonstrando o predomínio do dizer científico sobre discursividades do senso comum.

Essa intervenção da discursividade científica, porém, não pode ser destacada da instância enunciativa sujeitucional *Seleções*, que assume os dizeres que publica e os direciona para determinar que dizeres podem ser tomados como verdade ou não.

Observemos na SD que se segue a forma de encaminhamento das significações que conduzem o termo “moderação” na seqüência do Texto IV:

SD19

Mas quem não abre mão dessas arriscadas delícias precisa apenas de um pouco de *moderação*. (Texto IV)

Ainda nessa mesma perspectiva, observemos, também, a forma de encaminhamento da expressão “quantidades saudáveis”, inscrito em uma discursividade sobre profilaxia na SD do Texto III:

SD20

No entanto, o médico o aconselhou a ingerir **quantidades saudáveis** de proteínas, inclusive nozes e castanhas, e a não exagerar nos carboidratos. “Meus triglicerídeos caíram pela metade”, conta Loewen. (Texto III)

Percebemos que o termo “quantidades saudáveis” do Texto III parece estar implícito no Texto IV, se o considerarmos como uma anterioridade enunciativa sobre conselhos médicos acerca de quantidades de alimentos a serem ingeridas. No entanto, é possível inferir que a expressão “quantidades saudáveis” parece não funcionar na mesma conjuntura do termo “moderação”. A primeira expressão diz respeito a uma prescrição, via de regra, decorrente de uma orientação científica. Já a segunda, se encaminha mais enunciativamente para um caráter de aconselhamento, sem a necessidade de um respaldo científico.

Para compreendermos o funcionamento discursivo que se estabelece no Texto IV nos apoiamos no trabalho de Suzana Bleil (1998) e sua pesquisa sobre os hábitos

alimentares no Brasil, modificados gradativamente pela implantação da indústria alimentar. O conceito de indústria alimentar será relevante na análise do Texto IV e se refere a uma indústria que se movimenta a partir da introdução de outras formas de se alimentar, como é o caso da *fast-food*. Esta autora designa a *fast-food* como um ícone da modernidade, relacionando-a com as facilidades que emergem de um estilo de vida cheio de compromissos.

Segundo Bleil, a aceitação da *fast-food* como substituição a uma alimentação dita “normal” (arroz, feijão, carne, verduras) tem origem no valor atribuído à carne como um alimento forte, cuja ingestão não demandaria uma complementação com outros tipos de alimentos. Assim, a *fast-food* contou, também, com o fato de a carne receber, de seus consumidores, o acolhimento e a crença de sinalizar saúde e prosperidade:

O consumo de hambúrguer também foi bem recebido tendo em vista o valor que o brasileiro deposita na carne. Inúmeros estudos comprovam que a carne no Brasil tem um valor inestimável, em todas as classes sociais. O clássico estudo de Antônio Cândido sobre o caipira paulista revelou que a fome psíquica, ou seja, o desejo do homem rural era voltado para a carne, em primeiro lugar. (BLEIL, 1998, p. 21)

Uma particularidade no Texto IV diz respeito a uma forma-sujeito que enuncia formas de resistência ou não, quanto à ingestão de determinados alimentos: “Todo mundo tem *fraquezas*; uma das minhas é um saboroso cheeseburger” (grifo nosso).

Partiremos, então para uma análise de outro enunciado operador, o título e o subtítulo, que introduzem sentidos de reivindicação, ajustamento/conivência e auxílio:

EOI-7
FAST-FOOD JÁ! Nem sempre ela é ruim. *Seleções* avalia as melhores e piores opções (Texto IV)

O enunciador, enquanto uma forma-sujeito inscrita numa formação discursiva que se identifica com este tipo de alimentação, enuncia no interior de uma discursividade da *fast-food*; assume um lugar discursivo de sujeito de um saber sobre bem alimentar-se. O viés apodístico do discurso midiático transparece pela assunção de um lugar de autoridade.

As SDs abaixo mostram um deslocamento enunciativo da instância-sujeito que atribui a enunciação para um outro, por meio do quantificador “todo” e do adjetivo “chamado”, que produz um sentido que generaliza “a fraqueza” e a mostra como evidente, como constitutiva das pessoas:

SD21

Todo mundo tem fraquezas; uma das minhas é um saboroso cheeseburger.
(Texto IV)

SD22

Com frequência, na hora do almoço, ouço o chamado. (Texto IV)

É possível dizer que há um certo misticismo subjacente a este dizer, atribuir uma ação a uma força que não é nomeada claramente como a própria vontade do enunciador: “ouço um chamado” configura-se como um atravessamento de uma inscrição discursiva mística, que se inscreve nas crenças advindas do misticismo como uma figurativização. Tal figuração, também se verifica na SD abaixo:

SD23

Quando dou por mim, meus pés já estão me levando para uma lanchonete.
(Texto IV)

A instância enunciativa sujeitudinal atribui a uma influência mística, sua autocoação em dirigir-se “para uma lanchonete”, independentemente de sua vontade. Sob uma significação que denota “fraqueza”, o enunciador se exime de uma possível culpa que o impulso de comer *fast-food* pudesse provocar. Ele constrói uma ilusão de unidade e coerência na via de um deslocamento de significação da palavra “fraqueza”, aqui tomada como um atributo vinculado a uma influência mística.

Vejamos como uma relação de outricidade se configura a partir da SD abaixo:

SD24

É bem provável que *você* saiba do que estou falando. (grifo nosso) (Texto IV)

O dêitico “você” indica um movimento de interpelação, pois a forma como esse outro participa do texto tem a ver com uma inscrição imaginária acerca das opções gastronômicas do enunciador. Já a expressão de modalização, “É bem provável”, assume a dupla função de identificar e opacificar, porque desloca a responsabilidade do sujeito discursivo para um possível interlocutor, ao mesmo tempo em que, simultaneamente, (se) critica e deixa implícito que a pessoa à qual se dirige pode fazer a mesma coisa.

Levando em conta a contradição que se instaura no enunciado do sujeito discursivo, notamos que ocorre um direcionamento na significação que recai sobre uma contra-identificação, uma proposição antagônica que o enunciador reluta em enunciar:

EOI-8

No entanto, todos sabemos que há um preço a ser pago por tal prazer. (Texto IV)

A expressão “preço a ser pago” evidencia uma forma de redundância que expõe a denegação do sujeito discursivo em sua forma-sujeito inscrita numa discursividade ligada à saúde. A inscrição inicial, quando o enunciador descreve sua interpelação gastronômica, pode ser identificada como uma discursividade sobre o prazer. O fato de ser inserida pela presença do modificador “fraqueza” manifesta o atravessamento de sentidos ligados aos problemas de saúde que tal alimentação possa acarretar. Dessa forma, uma idéia de punição emerge pela transversalidade de sentidos que passam a funcionar, mostrando as facilidades que a tecnologia, a fartura de alimentos e os resultados de pesquisas sobre a saúde proporcionam àqueles que optam por esse tipo de alimentação.

Gostaríamos de marcar, aqui, a generalização que produz uma ilusão de evidência, pontuada pela expressão, “todos sabemos”, funcionando apoditicamente, de forma autoritária, comum na enunciação do discurso midiático. Na seqüência, o enunciador assume uma forma-sujeito, inscrita numa formação discursiva vinculada à nutrição para descrever o que uma alimentação do tipo *fast-food* acarreta ao organismo:

SD25

... esse tipo de comida é normalmente sobrecarregado de calorias, gordura saturada e sódio, o que nos faz engordar, obstruem as artérias e leva a pressão sanguínea às alturas. (Texto IV)

A inscrição na discursividade da nutrição faz emergir uma contradição entre o que é saudável e não é saudável, inscrita num entrecruzamento das discursividades sobre a saúde e sobre o prazer, que é como identificamos a discursividade de não-resistência ao sabor da *fast-food*. Esse atravessamento é carregado de denegação, pela recusa que intervém nos dizeres sobre os efeitos negativos da *fast-food*, mas se apaga, pela sobreposição quase simultânea da discursividade sobre o prazer.

Atentemos para este aspecto na SD que se segue:

SD26

Na maior parte dos dias, porém, é preciso ter refeições bem equilibradas. E, quando fugirmos à regra, não devemos exagerar nos recheios e molhos. (Texto IV)

Se por um lado é preciso ter uma alimentação saudável, por outro há o momento de “fugirmos às regras”. Dessa forma, a idéia de “moderação”, que já vinha sendo trabalhada no texto, aparece em “não devemos exagerar”, atenua as fronteiras rígidas entre os dizeres da saúde pela nutrição e do prazer pela má alimentação. A inscrição discursiva da nutrição se insere para, ao mesmo tempo, apoiar os dizeres que resistem a *fast-food*. A permissão de consumo desse tipo de alimento, sob as significações de nociva à saúde, deve ser concedida por uma autoridade que fale do lugar da nutrição. É por isso que os dizeres da nutricionista representam uma instância enunciativa sentidural, que intervém nos dizeres do sujeito discursivo pelo seu lugar discursivo, significando a autoridade que tem o poder de enunciar.

Vejamos a SD que se segue:

SD27

Neste mundo de pizzas de quatro queijos e hambúrgueres gigantescos, você precisa ter cuidado - e uma pequena ajuda - para separar o joio do trigo. “Não é proibido comer *fast-food* de vez em quando”, diz Mara Andréia Valverde, nutricionista e co-autora do livro ‘Uma medida de peso’, que tem um capítulo dedicado à típica comida de lanchonete. (Texto IV)

Assim, o sujeito discursivo representado pelo lugar discursivo da nutricionista, enuncia interpelado por uma formação discursiva inscrita na defesa da *fast-food* como escolha alimentar. Dessa forma, esse sujeito discursivo se distancia de um lugar discursivo da ciência, num movimento de denegação. Contudo, por estar inscrito num lugar discursivo que autoriza o seu dizer, o lugar da nutricionista. Assim, dizeres como: “Não é proibido comer *fast-food* de vez em quando”, mostram uma referencialidade polifônica relacionada a uma forma-sujeito inscrita tanto numa discursividade científica quanto numa discursividade do prazer, que apóia o consumo da *fast-food*.

Além dos sujeitos discursivos inscritos na discursividade científica e na discursividade do prazer, como vimos acima, outra tomada de posição que o sujeito discursivo pode assumir, enquanto lugar social, diz respeito a uma inscrição em uma formação discursiva capitalista, no momento em que considera os efeitos econômicos pelo movimento dos restaurantes de comida rápida, mostrado na seqüência abaixo:

SD28

Afinal de contas, sozinhas, as três maiores redes de *fast-food* no Brasil (McDonald's, Habib's e Bob's) faturaram R\$ 2,35 bilhões em 2002. Quantia que representa um bocado de sanduíches! E é também a comprovação de algumas das qualidades da *fast-food*: prática, rápida e deliciosa. (Texto IV)

O enunciador recai na discursividade sobre o prazer pelo uso dos qualificadores: “prática, rápida e deliciosa”. Na seqüência de adjetivos usados, os dois primeiros não estão diretamente ligados ao prazer, mas acham-se atravessados por uma discursividade ligada aos efeitos de uma vida moderna, que exige praticidade, no sentido de facilidades que agilizam as tarefas do cotidiano. Quase redundante é o adjetivo “rápida”, já que *fast-food* é traduzido por “comida rápida”. O termo “deliciosa” relaciona-se, então, diretamente ao prazer, produzindo uma significação que também se relaciona à idéia de exatidão: “...é também a *comprovação* de algumas das qualidades da *fast-food*”. O que se observa é que há um atravessamento entre discursividades que designam preferências, embora a discursividade dominante pareça ser a do prazer.

Vamos, pois, retomar a SD21 inscrita na discursividade sobre o prazer para relacioná-la com o EO19:

SD21

“Todo mundo tem fraquezas; uma das minhas é um saboroso cheeseburger.”... (Texto III)

EOI-9

“Mas quem não abre mão dessas *arriscadas* delícias precisa apenas de um pouco de moderação.”(grifo nosso) (Texto IV)

O qualificador “arriscadas” pode ser relacionado ao termo “fraquezas” e, também, se referir ao termo *fast-food*. Nessa circunstância, os sentidos referentes à idéia de perigo são deslocados e podem qualificar tanto a idéia de “fraquezas”, quanto à idéia de perigo à saúde, representada pela ingestão de “*fast-food*”. A significação que pode ser inferida dessa relação é que por mais que haja uma preferência em relação a esse tipo de alimento, ele representa uma ameaça.

Contudo, essa não é a última palavra do texto sobre essa significação que fica bastante evidente, pois para concluir, a instância enunciativa sujeitucional *Seleções*, que desde o subtítulo assumiu a responsabilidade de prescrever as opções de *fast-food* menos prejudiciais, define o que, segundo suas inscrições sócio-ideológicas, deve ser evitado com maior empenho:

SD29

“...demos uma olhada nos itens oferecidos e descobrimos os oito vilões mais calóricos, ricos em gordura saturada e sódio. E também opções para satisfazer seus impulsos sem prejudicar a saúde.” (Texto IV)

Verifica-se aí, o atravessamento de uma inscrição discursiva sobre o prazer como anterioridade discursiva, determinante da satisfação de um desejo. Uma inscrição, também, ligada à saúde, como prevenção de doenças, determinando um sujeito discursivo que sustenta uma tomada de posição, vinculada a uma discursividade de nutrição.

Diante do exposto, podemos afirmar que a permissão/interdição de alimentos é o ponto de centralidade para o funcionamento interdiscursivo dos Textos III e IV, cada qual sob uma perspectiva que se propaga, a partir de uma anterioridade discursiva.

Encontramos no Texto III dizeres da tradição, que se referem às restrições nutricionais que em dado momento passou a acontecer sob uma orientação científica da época. Tais dizeres perpassaram dizeres outros oriundos, ora de uma discursividade

científica, ora de uma discursividade sobre o senso comum, instaurando um valor de verdade, derivado da credibilidade que se atribui sob essa inscrição sócio-histórica à discursividade científica. Porém, é no interior de uma discursividade científica que funcionam relações entre os dizeres das pesquisas recentes e daquelas feitas sob outras bases metodológicas ligadas à mentalidade de um outro tempo.

No Texto IV, o engendramento discursivo produz uma enunciatividade a partir de dizeres sobre a saúde, especificamente sobre os efeitos do consumo de *fast-food* sobre a saúde. Há uma instância-sujeito que se apóia nos dizeres de um sujeito discursivo inscrito na discursividade da saúde e que ocupa o lugar discursivo de nutricionista. A estratégia discursiva que se estabelece no Texto IV faz significar os dizeres de uma instância-sujeito em conflito que tenta justificar o consumo de *fast-food*, se for feito com moderação. Assim, a enunciação é continuamente re-significada, não para uma tomada de posição de desidentificação com o consumo de fast-food, mas para re-significar seu conceito, inserindo-a na formação discursiva de uma alimentação saudável.

O que se detecta é uma sucessão de re-significações de dizeres nos quais há contradições entre dizeres da nutrição e da medicina em contraposição aos do prazer, que faz circular dizeres sobre preferências “gastronômicas” da fast-food. Nessas re-significações atravessam-se, também, uma discursividade jurídica e outra política que se colocam como elementos de interpelação para questionamentos em torno da *fast food*.

Vejamos a SD30:

SD30

A tal ponto que nos Estados Unidos algumas pessoas decidiram recorrer à Justiça contra as redes de lanchonete, enquanto no Brasil já há iniciativas públicas com relação aos problemas de saúde decorrentes do consumo de *fast-food*. (Texto IV)

Um aspecto relevante, no Texto IV, é o deslocamento que se faz da responsabilidade com o autocuidado, delegando a um outro exterior o encargo de evitar hábitos nocivos que possam ocasionar problemas de saúde. Parece-nos que a instauração de um dizer outro tenha se apresentado mais evidente no Texto III, ao

relacionar os alimentos sobre os quais se poderia enunciar outras perspectivas que não fossem prejudiciais à saúde. Essa forma de qualificar os alimentos contrapõe dizeres, ora enunciando-os como alimentos saudáveis, ora os recomendando cautela na ingestão.

De uma certa forma isso também acontece no Texto IV, que toma como temática um hábito alimentar polêmico: a fast-food. No decorrer do texto, instaura-se uma alteridade enunciativa para defender um consumo “moderado” da fast-food. Assim, concluímos que há um processo de interdição, que faz funcionar dizeres que polemiza a temática principal do texto.

Dessa forma, então, podemos entender que a significação em torno da escolha de alimentos em ambos os textos não se distancia completamente, mas é abordada ora pela via da substituição dos dizeres sobre uma alimentação saudável, ora sobre um devir-alimentar. Sob o crivo de um dizer outro, o alimento para ser aceito é re-significado de modo que os efeitos de sentido produzidos pelos atravessamentos discursivos que intepelam essa interdiscursividade vão resultar em uma alteridade descontínua acerca de uma tomada de posição sobre a questão dos alimentos que são saudáveis.

Textos V e VI: “A dieta *adoro comer*” e “A dieta do leite”

O Texto V “A dieta: *adoro comer*” foi publicado em janeiro de 2002, e o Texto VI “A dieta do leite” foi publicado em dezembro de 2002. Tomaremos como potencial enunciativo desses dois últimos textos a questão do emagrecimento. A abordagem dessa temática se distingue por inscrever-se em aspectos que garantem uma demanda de mercado, isso quer dizer que o emagrecimento tem sido um dos produtos mais procurados e assegura um fim principal da mídia que é a venda.

O Texto V, “A dieta *adoro comer*”, traz como correspondência com o texto “A dieta do leite”, Texto VI, o termo “dieta”. Esse termo refere-se à prescrição de alimentos sob condições específicas para a restauração da saúde. Refere-se, ainda, à orientação alimentar de um indivíduo ou grupo de indivíduo, sob uma causalidade circunstancial, que diz respeito ao valor relativo da alimentação sobre a estética. É

possível perceber que um deslocamento de sentido ocorre e o termo “dieta” torna-se sinônimo de “programa de emagrecimento”.

Diremos sobre o Texto V, antes de recortarmos o enunciado operador escolhido, que há outra característica distintiva que geralmente incide sobre a circulação do significante dieta: as oposições “satisfação” e “sacrifício” que aparecem no subtítulo. Entendemos que os atravessamentos interdiscursivos do título “A dieta “adoro comer”” produzem efeitos de sentidos antagônicos: “satisfação” X “sacrifício”, pela conjunção dos elementos “adoro” e “comer”, que funcionam em oposição.

Nesse sentido, selecionamos como enunciado operador:

EOI-10

Seu apetite pode parecer uma criatura selvagem que vive dentro de você, exigindo comida. (Texto V)

O apetite é personificado como uma “criatura”, no sentido de não se identificar a algo humano, pois é “selvagem”. Na busca por significações nessa enunciação, é possível localizar atravessamentos discursivos de sentidos sobre apetite, a exigência de comida, a criatura e o selvagem, que constroem um outro que “aterroriza” uma instância-sujeito inscrita nessa discursividade.

A modalização “pode parecer” também exime a instância-sujeito de afirmar algo como certo, pois o modo indicativo do verbo “poder” junto com o infinitivo “parecer”, deixa em aberto uma sugestão sem determinação final, quer dizer, não afirma que o apetite seja realmente um animal. Dessa forma, consegue deslocar-se do dizer por meio de um não-dito. O enunciado operador mobiliza, assim, incursões interdiscursivas que, atravessando o texto, fazem desencadear sua enunciatividade. Desse modo, uma série de inscrições discursivas significam pela designação do potencial enunciativo, o devir-animal, uma vez que:

o devir animal não consiste em se fazer de animal ou imitá-lo, é evidente também que o homem não se torna “realmente” animal, como tampouco o animal se torna “realmente” outra coisa. O devir não produz outra coisa senão ele próprio (Deleuze & Guatarri , 1997, p. 18).

Então, podemos observar que acontece um deslocamento de sentidos, pela intervenção interdiscursiva, quando afirma que o apetite não é totalmente dominável e que seu controle não depende de decisões racionais. Assim, cliva-se o sujeito.

Analiseemos, pois, a SD31:

SD31

Nem fala a sua língua: palavras... nada significam para ele. (Texto V)

Trata-se, especificamente, de identificar o atravessamento pela discursividade de um devir-animal, um elemento estranho, uma “criatura selvagem”, ou estrangeiro “nem fala sua língua”. A inscrição discursiva do devir-animal produz significação de separação entre o sujeito e seu apetite. Dirigir-se ao apetite como um outro que cliva o sujeito do discurso, tornado aqui sujeito do discurso por uma correspondência especular entre o “você” a quem se dirige o texto e o “eu” que fala no fio do discurso, levanta uma necessidade de estratégias para sobrepor-se a esse sujeito do discurso. Não se trata, no entanto, de uma estratégia enunciativa, mas de uma resistência, no nível lingüístico, a uma tomada de posição que resulta numa oposição a um dizer que revela restrição alimentar.

Vejamos a SD32:

SD32

Você poderia drogá-lo com inibidores do apetite, arriscando-se a sofrer efeitos colaterais como insônia e pressão alta (*discursividade da saúde*). Poderia combatê-lo pela força de vontade evitando alimentos calóricos, e acabaria passando fome (*discursividade da nutrição*). Ou ainda aprisioná-lo seguindo uma daquelas dietas cruéis e artificiais (*discursividade da estética/violência*). (Os comentários são nossos) (Texto V)

As discursividades da saúde, da nutrição, da estética/violência e do prazer ficam, assim, à disposição da direção que os efeitos de sentidos produzem no enunciado operador, de tal modo que a inscrição discursiva do prazer “reorganiza” os critérios pela denegação, num “continuum” que afirma os problemas de saúde causados por uma alimentação prejudicial à saúde.

Na SD33, como uma réplica, a instância-sujeito parece redirecionar seus dizeres, produzindo um efeito de imprevisibilidade, que não se espera, contradizendo o encaminhamento que a enunciação vinha tomando:

SD33

Nem tente dominar o seu apetite – em vez disso satisfaça-o. (Texto V)

Essa “reorganização”, evidenciada pelos atravessamentos interdiscursivos identificados nos comentários da citação acima, é realizada pelas restrições à “criatura selvagem”, ao mesmo tempo em que aconselha a satisfação, a saciedade. Um outro enunciado operador passa a trabalhar a partir da inserção do significante “saciedade”.

EOI-11

a saciedade – a sensação de estar satisfeito ao fim de uma refeição – é o ingrediente que falta ao controle do peso. (Texto V)

Esse elemento, a saciedade, seria o argumento necessário que faria funcionar as inscrições discursivas que constituem a interdiscursividade, de modo que as discursividades da nutrição, da saúde da estética, da violência, que compõem os atravessamentos interdiscursivos, produzam significação e componham, assim, a enunciatividade.

Visto que a lista: sopas, sucos e vegetais, flocos de farelo, vitaminas, frutas silvestres, molho picante de tomate, sobremesas congeladas, constitui o que se adequa ou não aos padrões exigidos para que o alimento pertença ao grupo daqueles de “baixa densidade energética”, verificamos como a enunciatividade se constitui na transversalidade de sentidos entre as discursividades aliadas à nutrição nos limites do enunciado operador.

Verificamos que a prescrição desses alimentos fomenta significações de sentidos relativos à saúde, pela extensão da questão nutricional, numa abordagem de valoração à citada lista, ao papel de coadjuvante no tratamento de doenças ligadas ao sistema endócrino.

Dessa forma, a seqüência abaixo significa uma interpretação:

SD34

Essa combinação sacia porque, contém nutrientes densos. Além disso, como equilibra proteínas, gorduras e carboidratos, ajuda a manter estáveis os níveis de açúcar no sangue. (Texto V)

Este enunciado produz sentidos de interpretação porque as explicações “contém nutrientes densos” e “equilibra proteínas, gorduras e carboidratos”, evidenciam uma inscrição discursiva referente à nutrição. Essa inscrição assevera a listagem de alimentos permitidos. Percebemos, então, que a instância-sujeito modaliza seu dizer, inscrevendo-o no eixo das tendências (modalizadores deônticos), deixa-o em aberto. Atentemos para o uso do verbo “acreditar” na SD35:

SD35

Tremblay *acredita* que a pimenta atue como um “estimulante não-farmacológico”, aumentando a atividade do sistema nervoso simpático. Isso reduz o apetite, embora não se saiba por quê (grifo nosso). (Texto V)

A instância-sujeito faz uso de um argumento contundente: “Isso reduz o apetite”, assumindo um lugar discursivo de cientista, colocado enquanto contradição pelo enunciado “...embora não se saiba por que”. Se examinarmos a relação entre o dito e o não-dito, concluiremos que a afirmação de Tremblay, “embora não se saiba por quê” representa um dizer que é da ciência, mas não se coloca institucionalmente.

Esse enunciado nos remete a uma retomada de nossa hipótese de pesquisa, quando afirmamos que “um dizer que possuía *status* de “dogma” é desautorizado, sem explicações plausíveis que justifiquem essa inversão de costumes e hábitos”. Assim, não dizemos que as explicações não sejam plausíveis pela cientificidade que as interpela, mas pelo ponto de vista de aceitabilidade da instância-sujeito que se inscreveu, “acreditou”, num dizer científico. Ao enunciar “...embora não se saiba por quê”, a instância-sujeito parece tomar uma posição de identificação com o dizer de que, “...a capsina...aumenta o número de calorias queimadas”.

Vejamos como este enunciado se realiza na SD36:

SD36

...descobriu ainda que a capsina da pimenta-malagueta aumenta ligeiramente o número de calorias queimadas, processo fisiológico chamado termogênese. (Texto V)

É possível afirmar que a interpelação exercida pelo enunciado, “...embora não se saiba por quê”, corresponde à idéia de que a pimenta reduz o apetite porque contém capsina. Essa conclusão entra na ordem de um não-dito. A instância-sujeito parece inscrever-se num dizer que afirma que a pimenta atua como um “estimulante não-farmacológico”, que aumenta a atividade do sistema nervoso simpático e que isso reduz o apetite, porque a capsina da pimenta-malagueta aumenta ligeiramente o número de calorias queimadas, um processo fisiológico chamado termogênese.

O cientista afirma que a pimenta-malagueta faz queimar mais calorias, mas não significa que isso reduza o apetite. Levando em conta que as conexões que produzem o sentido são de ordem sócio-histórica, e que têm a ver, também, com a constituição do sujeito, podemos afirmar que essa significação pode ser estabelecida, mesmo não havendo uma correspondência exata: reduz o apetite porque queima calorias.

A instância-sujeito não se inscreve discursivamente numa afirmação que supõe que alguém queira perder peso. O sujeito do discurso enuncia a necessidade de queimar calorias e não ter fome. No entanto, não é possível estabelecer essa relação de sentido, pois no espaço amplo da enunciação, a queima de calorias pode significar *fome*. Optamos por separar as discursividades da nutrição, da saúde, da estética, da pesquisa científica, da biologia, pelos sinais que as distinguem nos enunciados reveladores de discursividade. Da nutrição e da saúde, é possível dizer que são discursividades que centralizam um potencial enunciativo que aponta para a idéia de emagrecimento como anseio, ligado a padrões de estética e de saúde, mobilizados pela nutrição.

Apenas para redirecionar os objetivos, lembramos que nesta pesquisa, estamos condicionando o fator emagrecimento apenas à discursividade da nutrição, e não à atividade física ou outros fatores que também o compõem, porque nosso objetivo é uma análise discursiva do processo de interdiscursividade em torno da temática da alimentação. No que se refere à discursividade sobre a pesquisa científica, afirmamos que ela se dirige às etapas de desenvolvimento que envolvem o processo de estabelecimento de um conhecimento, no caso, os fatores que determinam o emagrecimento pelos alimentos que se consome. Essas etapas fazem parte do cuidado do cientista em conhecer e propiciar certa segurança aos resultados encontrados.

Concluir com a discursividade sobre o prazer tende a produzir efeitos de reflexão (retorno). O texto coloca em evidência a circunstância de não ser prazeroso

estar fora do peso, mas ser prazeroso comer. Então, a argumentação se dirige para “como conseguir não estar fora do peso e comer” e, em seguida, “como é possível comer **para** tornar-se magro”.

Considerando que a obesidade não seja um problema específico da pós-modernidade, entendemos que inscrições discursivas começam a produzir divergência sobre o sofrimento que vinha caracterizando tentativas frustradas de emagrecer. Instabilidade, descrédito, medo e permanente deslocamento entre constrangimento (de ser incapaz de manter o regime) e prazer (no momento em que se quebra o regime), são apagados a fim de dar lugar aos resultados positivos que funcionam como engendramento de “final feliz”, que funciona perfeitamente na discursividade, mas não deixa produzir suspeita.

Vejamos como essa problematização se coloca a partir da SD37:

SD37

Coma uma quantidade satisfatória de baixa densidade energética e, de sobremesa, saboreie um pedaço do chocolate mais delicioso que encontrar.
(Texto V)

Trata-se de uma tentativa de transformar o sofrimento e demais repercussões negativas de um regime de restrição alimentar para um estado motivado, no qual as tensões causadas pela exigência sobre essas restrições são substituídas por “homeopáticos” prazeres, ou seja, o prazer em pequenas doses: “Coma uma quantidade satisfatória...”, “...saboreie um pedaço do chocolate mais delicioso que encontrar”.

Sobre o texto “A dieta ‘adoro comer’”, então, entendemos que sua discursividade gira em torno de, a partir dos atravessamentos interdiscursivos, fazer convergir sentidos de uma necessidade de atenuação na rigidez dos regimes.

Dessa forma, o apetite, uma vez, relacionado a um devir-animal, para ser “amansado” precisa encontrar saciedade. Contudo, segundo Deleuze e Guatarri, “O devir não produz outra coisa senão ele próprio” (1997, p. 15) e ainda, “é da ordem da aliança” (id.ib.), isso quer dizer que a força instintiva de animal domina uma instância de interpelação, na condição humana, que é o apetite. Esse lugar é inacessível e, pela inscrição discursiva do devir-animal, incide sobre uma necessidade de se manter humano.

O último texto de análise, “A dieta do leite” encontra-se em paridade com o texto anterior pela temática do emagrecimento, o que determina o potencial enunciativo de ambos. A predominância da discursividade sobre o prazer, que no texto anterior privilegiava o gosto pessoal, o movimento de evitar qualquer atividade que não seja agradável, é substituída pela desmistificação, uma denúncia de engano, pela lembrança de dietas (da toranja, da sopa de repolho) que propunham o emagrecimento na mesma proporção daquilo que se comia. Tomando o título e subtítulo como a primeira instância de enunciação, podemos verificar uma derivação de sentidos, no termo “dietas mágicas”, que incita uma forma mística de pensar.

Atribuir aos alimentos funções de emagrecedores, agregando ainda poderes que funcionam antagonicamente às leis naturais, em termos de o consumo de alimentos produzir emagrecimento e não aumento de peso, diz respeito a essa espécie de magia, que, nesses termos restringe-se à crença de que coisas acontecem inexplicavelmente.

O imaginário trabalha para simular mistério a respeito de coisas naturais, de forma que elas não sejam questionadas, antes se tornem irreplicáveis. A desmistificação acontece quando o texto revela que as dietas são enganadoras, conforme a seqüência:

SD38

Essas não eram simples dietas; eram mágicas. Ofereciam calorias negativas: quanto mais você comia, mais quilo perdia. E, é claro, não funcionavam como na propaganda. A toranja, na verdade, não acelera o metabolismo. O repolho também não elimina as calorias armazenadas. (Texto VI)

Trata-se de demonstrar pelas marcas lingüísticas: “mágicas”, “calorias negativas” e “é claro, não funcionavam como na propaganda”, que as afirmações da instância-sujeito se referem a argumentos não fundados em resultados. Assim, como verificamos uma quebra de paradigmas no Texto V, pela oposição que o enunciado faz a dizeres tradicionais, no Texto VI, voltamos a este aspecto, pois emerge outro objeto em disputa, que em vista das anterioridades enunciativas estabelecidas pela desmistificação dos valores da toranja e do repolho, se revelará polêmico: o leite.

Retomando que o termo dieta refere-se, ora à prescrição de alimentos sob condições específicas para a restauração da saúde, ora, à orientação alimentar de um indivíduo ou grupo de indivíduos, atualiza-se mais fortemente em uma discursividade sobre a estética na contraposição à obesidade.

Assim, no Texto VI indicamos como enunciado operador seu título e subtítulo:

EOI-11

A DIETA DO LEITE: Veja por que ele pode deixar você magra.

Pelos fatores anteriormente comentados sobre a noção de dieta, constante para esses textos, observamos a idéia de condição como inscrição discursiva de anseio e ilusão de devir²⁰. Além disso, a condição se explicita no anseio estético, evidenciada, também pela marca no modificador “magra”, que denuncia o direcionamento ao público feminino. Depois de contextualizar a sua pesquisa sobre os efeitos do leite nas dietas de emagrecimento, a instância enunciativa sujeitidual *Seleções*, assumida pelo lugar discursivo ‘diretor do departamento de Nutrição da Universidade do Tennessee’ e pelo sujeito discursivo Michel Zemel, apresenta resultados de modo a produzir um efeito de verdade e sustentar as afirmações inicialmente feitas: a de que toranja e repolho não são eficazes como calorias negativas, “Mas o leite, sim”.

Assim declara em SD39:

SD39

Zemel (...)acrescentou duas xícaras de iogurte ao cardápio diário de um grupo de homens obesos e hipertensos. Um ano depois, a pressão havia baixado. E a quantidade de gordura corporal também: cinco quilos em média. (Texto VI)

Na introdução desse texto, a expressão “dietas mágicas” é apresentada e contestada. A inserção desse termo tem a ver com uma inscrição enunciativa na memória discursiva acerca das dietas. Aliás, as primeiras palavras do texto: “Você deve se lembrar...”, se configura como uma estratégia discursiva, utilizada para interpelar o interlocutor no enunciado e levá-lo a uma tomada de posição na enunciação.

Pela maneira como as discursividades inscrevem os dizeres que costumam ser atribuídos ao universo feminino, a instância-sujeito declara que essas temáticas exercem uma influência sobre as mulheres. Trata-se de uma anterioridade enunciativa advinda de condições sócio-históricas, que incidem, portanto, sobre o dizer, “...ele pode deixar você *magra*”, silenciando o universo masculino, nesse momento.

²⁰ Devir que se desprende da realidade, compara-se ao ideal, inatingível.

Relacionar a expressão “propaganda” aos efeitos produzidos pela Toranja e pelo Repolho, poderia produzir sentidos contrários para o propósito do texto, o de identificar o leite como um alimento eficaz no emagrecimento. Restaria, então, uma pergunta: não seriam essas recomendações sobre o leite outra propaganda?

Para evitar essa possível significação, relaciona-se a questão do leite a uma inscrição enunciativa em uma discursividade científica que se coloca como instância de autoridade da ciência, contradizendo a uma discursividade mística, atribuída às dietas anteriores, pelo uso da expressão “dietas mágicas” e também pela ressalva de que o leite não é uma “nova moda”, conforme se observa a seguir:

SD40

Não estamos falando de uma nova moda alimentar, mas de ciência. Pergunte a Michel Zemel, diretor do Departamento de Nutrição da Universidade do Tennessee (Texto VI)

A afirmação assumida pela instância enunciativa sujeitidual *Seleções* relaciona-se, sob um efeito de dissimulação enunciativa, à forma-sujeito da discursividade científica, compartilhando uma inscrição discursiva com seu dizer. Trata-se, como afirmamos acima, do sujeito discursivo inscrito no lugar discursivo de “diretor do Departamento de Nutrição da Universidade do Tennessee”.

A relação constitutiva saúde-nutrição se interpõe na contradição de dizeres que circularam antes e que serviram de base para os dizeres enunciados no texto, ora pelo senso-comum, ora por uma anterioridade oriunda do próprio discurso científico. A prioridade da saúde é visível nas afirmações sobre o consumo, um direcionamento para a saúde e não para a estética, pois, a instância-sujeito alerta para a questão da gordura, vinculada às doenças do coração, como podemos verificar em SD41:

SD41

E a gordura que eles perderam localiza-se ao redor da cintura – o tipo mais perigoso para o coração. (Texto VI)

Os efeitos da discursividade midiática são perceptíveis enquanto discursividade dominante, porquanto, não é por acaso que o termo “dogma” aparece no texto, considerando a predominância do gênero apodítico e seu atributo de incontestabilidade.

Nesse sentido, o texto se dirige àqueles que tomam essas dietas como verdadeiras, nomeados de ‘adeptos’, como podemos observar em SD42:

SD42

“Contrariando o *dogma* dos adeptos das dietas, o leite e seus derivados potencializam quase todas elas” (grifo nosso). (Texto VI)

Entender que o leite e seus derivados potencializam quase todas as dietas é, então, romper com uma anterioridade enunciativa e instaurar outra discursividade, na qual os efeitos negativos do leite, costumeiramente preconizados, são apagados, sob efeitos de uma causalidade circunstancial. Seguindo os procedimentos de verificação da ciência que interpelam a discursividade da nutrição, antecipa-se uma possível censura à livre utilização do leite nas dietas de emagrecimento, como se pode observar na SD43 abaixo:

SD43

Para as pessoas que se julgam intolerantes à lactose, a simples idéia de ingerir tantos derivados de leite deve ser suficiente para fazer com que se sintam inchadas e cheias de gases. *Estudos sugerem*, porém, que *até mesmo essas pessoas podem se adaptar*, após algum tempo, a esses produtos (grifos nossos). (Texto VI)

A abordagem da questão da intolerância à lactose é atribuída a “estudos” que “sugerem”. Tais afirmações silenciam dizeres anteriores que abrigam sentidos sobre as transformações fisiológicas do corpo humano após o período de amamentação. Na seqüência, surge uma re-significação nos dizeres da seqüência citada, que aponta para uma melhor adequação às orientações sobre a intolerância à lactose. Trata-se de reafirmar adaptações que possibilitem uma pessoa seguir a dieta do leite, como podemos observar em SD44:

SD44

Os iogurtes e os queijos de consistência firme são mais fáceis de digerir – o açúcar deles já foi quebrado em parte durante o processamento. É claro que os produtos lácteos sem lactose ou com seu teor reduzido podem ajudar os intolerantes, da mesma forma que os comprimidos de lactase. (Texto VI)

A relação interdiscursiva entre as discursividades econômica e midiática são, então, significadas por meio de um jogo de imagens. Um imaginário especular que

reflete um direcionamento apologético às virtudes do leite. Como efeito de enunciação, a instância-sujeito levanta suspeitas que se projetam sobre um questionamento de natureza ideológica, como podemos verificar em SD45:

SD45

Não está acreditando? Se a dieta do leite não é de fato um modismo, você deve estar pensando, então é o *sonho dourado das indústrias* de laticínios! (Texto VI)

Parece existir uma perspectiva de conjunção midiática e econômica sobre as posições da ciência enquanto valor de verdade. Assim, os sentidos são deslocados por meio de “uma singularidade que se instaura na dialética entre o simbólico (significações do inconsciente) e o real (a ordem dos sentidos)” (SANTOS, 2004, p. 110)

Nessa perspectiva, observemos o que afirma a SD46

SD46

Pessoas que ingerem muitos alimentos ricos em cálcio tendem a ter uma alimentação mais saudável; já a sua ausência quase sempre indica uma alimentação ruim e altamente calórica, capaz de elevar o peso. (Texto VI)

Ao longo do texto, a instância-sujeito re-significa a enunciação para destacar os benefícios do consumo de leite como veículo de cálcio e como mantenedor da saúde e detentor da obesidade. Parece que a sobreposição de exemplos conduzem a uma mesma direção, revelando uma certa ilusão de objetividade apreensível na repetição. Essa repetição, pela semelhança com uma aparelhagem maquinica, termina por atribuir-lhe o estatuto de um devir-máquina. Esse estatuto de devir-máquina parece ter se deslocado de um devir-humano, pelo atravessamento interdiscursivo, envolvendo as discursividades da saúde, das estatísticas e da cientificidade.

Vejamos como isso se apresenta em SD47 e SD48:

SD47

Seis meses depois, todos tinham emagrecido. Mas aqueles que aderiram à dieta do leite perderam mais peso – cerca de 70% a mais (ou 8,5 quilos, em comparação aos 5 quilos do outro grupo). O que é mais interessante: o grupo da dieta do leite perdeu 64% a mais de gordura corporal, trocando-a por massa muscular magra.

SD48

a gordura que eles perderam localiza-se ao redor da cintura – o tipo mais perigoso para o coração.

Temos aí o atravessamento de uma discursividade acadêmica que se destaca por levantar hipóteses sobre os processos que impedem a célula de gordura inchar como consequência do uso de laticínios, apresentando e respondendo questões que comprovem a eficácia de seus postulados, conforme vemos em SD49:

SD49

Como algumas porções de leite ou queijo atuam sobre o peso? “

O cálcio provavelmente desempenha um papel-chave nesse processo. Note como o mineral age no organismo – não apenas nos ossos, mas também nos vasos sanguíneos, fazendo-os contrair-se e dilatar-se, e nos nervos, ajudando a regular o fluxo de mensagens. O cálcio é um agente sinalizador crítico, que ajuda todos os tipos de células a decidirem o que precisam fazer, afirma Zemel.

Aparentemente, um tipo de célula que ouve quando o cálcio fala é a adiposa. Em estudos de laboratório, Zemel descobriu que, quando há uma boa quantidade de cálcio no sangue, elas recebem a mensagem para deixar de armazenar gordura e começar a queimá-la. Quando os níveis de cálcio estão baixos, as células acumulam gordura... “Você ganha uma célula adiposa maior e mais gorda. E muitas células maiores e mais gordas resultam em pessoas maiores e mais gordas também”.

Finalmente, duas questões que se interpõem na enunciação: em primeiro lugar, se as pessoas tratadas com leite não perceberam que emagreceram; e, em seguida o que ocorreu com as pessoas intolerantes à lactose. A esse respeito, nos remetemos a SD50 e a SD51:

SD50

Será que seus pacientes haviam emagrecido sem que eles tivessem se dado conta? Repetidamente a resposta era “sim”.

SD51

Estudos sugerem, porém, que até mesmo essas pessoas podem se adaptar, após algum tempo, a esses produtos”.

O que se percebe é que há uma causalidade circunstancial que interpela os enunciados operadores de interdiscurso, na relação entre *leite* e *emagrecimento*. Além de denegar a condição de evidência, emagrecer sem perceber, por exemplo, denega a sensibilidade que algumas pessoas têm a laticínios. A tomada de posição da instância-sujeito em torno do enunciado “podem se adaptar”, denega que pessoas possam ter essa patologia. Essa afirmação é demonstrada na modalização: “as pessoas que se *julgam* intolerantes à lactose”. Assim, os três direcionamentos finais de valor prescritivo na enunciação do texto são: “o leite não faz mágica”, “cuidado ao comer” e “faça exercícios”. Esses direcionamentos parecem retomar a discursividade mística para denegá-la.

Portanto, afirmar que “o leite não faz mágica” seria denegar a discursividade sobre o prazer, da recompensa sem esforço, pois valorizaria os outros dois direcionamentos – a redução de alimentos calóricos e a prática de exercícios – que propiciam o emagrecimento e uma vida saudável.

Considerações finais

Os seis textos trabalhados aos pares apresentam, no que se refere à temática da nutrição e da saúde vários pontos de convergência, aparentemente óbvios. Os questionamentos sobre os sentidos constitutivos dessas discursividades como as questões sobre a genética, a profilaxia e a estética, entre outras analisadas, demonstram a natureza enunciativa da discursividade midiática.

Trata-se de pontos de convergência que não se referem apenas a uma identidade conteudística. São inscrições discursivas que colocaram em funcionamento manifestações enunciativas do discurso midiático, por meio de um processo de interdiscursividade. A escolha do procedimento de análise pela via do enunciado operador como direcionador das discursividades favoreceu a confirmação da hipótese de que o atravessamento interdiscursivo não apenas integra como faz funcionar a enunciatividade na instância *Seleções*.

Tendo cindido as questões conceituais da Análise do Discurso das questões sócio-históricas das condições de produção que regem os princípios das discursividades, foi possível constatar que a transversalidade interdiscursiva perpassa a significação dos textos e controla seus sentidos no âmbito das condições sócio-históricas da pós-modernidade, pela sua fragmentação, instabilidade e inconsistência de relações.

Como consequência desta análise, foi possível perceber nos textos analisados, os princípios ideológicos assumidos como canônicos pela instância enunciativa sujeitucional *Seleções*. Seus textos interpelam continuamente a sociedade, e temas como ‘vida saudável como decorrência de uma alimentação saudável’ provocam na instância-sujeito a eterna ilusão de uma busca por completude.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerações Finais

Nesta dissertação nos propusemos a investigar a interdiscursividade que se apresenta, pelo repetível, no universo das práticas languageiras, para investigar a enunciatividade que se realiza pelo atravessamento desses discursos outros. Para seguir o curso da pesquisa, elaboramos a seguinte hipótese: as manifestações enunciativas do discurso midiático são índices de enunciatividade no funcionamento de enunciados operadores de interdiscurso.

Tomamos como arcabouço teórico as noções de interdiscursividade, formação discursiva e forma-sujeito, partindo inicialmente das teorizações pecheutianas, que fixam na articulação sujeito-ideologia a determinação do sentido. Assim, as relações de sentido são efeitos das tomadas de posições sócio-históricas do sujeito, que se realizam por meio da interdiscursividade.

Quanto ao gênero discursivo, fundamentamo-nos nos conceitos do funcionamento de formações sociais de Bronckart e na natureza essencial da linguagem para as relações pessoais, observada por Bakhtin, com a finalidade de identificar o gênero midiático no entremeio do discurso jornalístico e do discurso da propaganda, verificando a forte influência que sofre da esfera econômica e política.

Nossa proposta de análise era visualizar os atravessamentos interdiscursivos por meio de uma matriz de interdiscursividade. Para tal, utilizamos um enunciado operador, que conduzisse o potencial enunciativo à interdiscursividade de modo a determinar a enunciatividade das seqüências discursivas.

Como encaminhamentos de pesquisa percebemos que as questões midiáticas exigiam um esclarecimento das condições tecnológicas que incidem sobre as condições sociais e, sendo assim, as noções de Indústria Cultural, Pós-modernidade e Devir seriam relevantes. Observamos, também, que a noção de Devir se ramificava em Devir-máquina e Devir-animal, pela dinâmica humana, deflagrada pelos desdobramentos da aplicação do conhecimento teórico que derivou os avanços tecnológicos, produzindo a ilusão de ser possível se tornar máquina (evoluir), ou retornar ao animal.

Assim sendo, verificamos que tivemos nossos objetivos alcançados, pois a análise demonstrou que enunciatividade de *Seleções* se produz pela interdiscursividade,

que como dissemos acima, não apenas integra, mas também faz funcionar a enunciatividade na instância enunciativa sujeitucional *Seleções*.

Pudemos observar a transversalidade discursiva, orientando sentidos, pois, assim, procuramos comprovar que é essencial à enunciação de *Seleções* o funcionamento simultâneo da afirmação e da negação. Entendemos que seu processo enunciativo se efetua por meio desse paradoxo: se por um lado um alimento é tido como benéfico, por outro ele pode ser considerado perigoso.

Notamos, também, que as asseverações das diferenças individuais são explícitas, visto que *Seleções* admite que cada pessoa reage de forma diferente a alimentos, exercícios, remédios; contudo, sem a inserção de “receitas”, ou seja, textos que prescrevem o que pode ou não servir para se obter saúde e estética perfeitas, a necessidade de subsistência de tais textos seria reduzida ou nula.

Essa convivência entre a afirmação e a refutação é possibilitada pela discursividade midiática que simula a veracidade, mas também encobre questionamentos. Esse trabalho só é possível por meio do funcionamento da interdiscursividade.

Resta reafirmar a interpelação que conduz e sustenta a circulação de informações em conjunto com as lógicas de mercado, numa conformação ideológica de cunho político-econômica que se assenta naquilo que Rolnik (1997) chama “identidades *prêt-à-porter*”: uma subjetividade construída pela mídia, que assume o lugar da perfeição que oferece o ideal da completude.

Segundo Rolnik, na busca de completude, o sujeito procura entre outras drogas:

As drogas oferecidas pelas tecnologias *diet/light*. Múltiplas fórmulas para uma purificação orgânica e a produção de um corpo minimalista, maximamente flexível. É o corpo *top model*, fundo neutro em branco e preto, sobre o qual se vestirá diferentes identidades *prêt-à-porter*. (ROLNIK, 1997, p. 3)

Referências Bibliográficas

ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M. “A Indústria Cultural”. In: COSTA LIMA, L. (Org.) **Teoria da Cultura de Massa**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982. p. 159-204.

_____. **Dialética do Esclarecimento- Fragmentos Filosóficos**. trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar Editor. 1985. p.113-117.

ALTHUSSER, Louis. **Aparelhos Ideológicos de Estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ACHARD, P. “Memória e produção discursiva do sentido”. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da Memória**. Campinas: Pontes, 1999. p. 11-17.

AUTHIER-REVUZ, J. “Heterogeneidade(s) enunciativa(s)”. In: **Caderno de Estudos Lingüísticos**. v. 19. Campinas:IEL/UNICAMP. 1990. p. 25-42.

_____. **Palavras Incertas - As não-coincidências do dizer**. trad. de C. R. C. Pfeiffer *et al.* Campinas. Editora da UNICAMP. 1998.

_____. **Entre a transparência e a opacidade: um estudo enunciativo do sentido**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2004. p. 11-79.

BAKHTIN, M. “Os gêneros do discurso”. In: **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 277-326.

_____. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 7. ed. São Paulo: Hucitec, 1995.

_____. **Dialogismo e Construção do Sentido**. In: BRAIT, B. (org.) 2 Ed. Revista. Campinas: Ed. UNICAMP. 2005.

BAUMAN, Z. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. trad. Mauro Gama e Claudia Martinelli Gama. Rio de Janeiro: Zahar. 1998.

BAVARESCO, A. “A crise do estado-nação e a teoria da soberania em Hegel”. In: Denis Rosenfield (Org.) **Estado e política: a filosofia política de Hegel**. Rio de Janeiro: Zahar, 2003. p. 134-145.

BENJAMIN, Walter. Obras escolhidas vol. I – Magia e Técnica, arte e política. Tradução de Sergio Buarque Rovanet. São Paulo: Brasiliense. 1996.

BLEIL, S. I. “O Padrão Alimentar Ocidental: considerações sobre a mudança de hábitos no Brasil”. In: **Revista Cadernos de Debate**. Vol. VI. Campinas:UNICAMP. Núcleo de Estudos e Pesquisas em Alimentação. 1998. p. 1-25.

BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos – por um interacionismo sócio-discursivo**. São Paulo: EDUC. 1999.

BONISOLO, I. **Genômica nutricional: o guia para a alimentação do futuro**. In: www.olharvital.ufrj.br. edição 055. 28 de setembro de 2006 – acessada em 12 de maio de 2008, às 8h46.

CAMÕES, L. **Obra completa**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar. 2003.

CHARTIER, R. “Cultura Popular”: revisitando um conceito historiográfico”. In: **Estudos Históricos**. v. 8, n. 16. Rio de Janeiro:UFRJ. 1995. p. 179-192.

CLARK, K.; HOLQUIST, M. “A Teoria do Romance”. In: **Mikhail Bakhtin**. São Paulo: Perspectiva. 1998.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 4. São Paulo: Ed. 34. 1997.

DIAS, L. F. “Significação e forma lingüística na visão de Bakhtin”. In: BRAIT, B. (Org.) **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas:Ed. UNICAMP. 1997. p. 105-113.

FERNANDES, C. A. **Análise do Discurso: reflexões introdutórias**. Goiânia: Trilhas Urbanas, 2005.

_____ & SANTOS, J. B. C. **Análise do Discurso: unidade e dispersão**. Uberlândia: EntreMeios, 2004.

FIGUEIRA, L. F. B. **Atravessamentos polêmicos em estudos literários**. Uberlândia: MEL/ILEEL/UFU. Dissertação de Mestrado. 2007.

FREGE, G. “Sobre o sentido e a referência”. In: **Lógica e filosofia da linguagem**. São Paulo: Cultrix. 1978. p. 59-86.

FOUCAULT, M. **O que é um autor**. Lisboa: Passagens/Veja. 1992a.

_____ El sujeto y el poder. In: DREYFUS, H. & RABINOW, P. (1992b) **Epílogo de Michel Foucault: más allá del estructuralismo y la hermeneútica**. Disponível em: <<http://www.campogrupal.com/poder.html>>. Tradução de Santiago Carassale y Angélica Vitale. Acesso em 17 de outubro 2005.

_____ **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, Forense Fluminense. 6.ed. 2002.

_____ **Ordem do Discurso**, Disponível em: <<http://alpha2.ubi.pt/~edcord/welcome.html>>. Tradução de Edmundo Cordeiro (edcord@mail.telepac.pt). Acesso em 29 de julho 2005.

GADET, F. & HAK, T. (org). **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas: Unicamp. 1990.

GADET, F. & PÊCHEUX, M. **A Língua Inatingível. O Discurso na História da Lingüística**. Campinas: Pontes. 2004.

GIDDENS, A., **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian. 4 ed. 2004.

GRAMSCI, A. **Concepção dialética da história**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 10 ed. 1995.

GREGOLIN, M.R.V. (Org.) **Filigranas do discurso: as vozes da história**. São Paulo: Cultura acadêmica. 2000.

_____. “Análise do Discurso: lugar de enfrentamentos teóricos”. In: FERNANDES, C.A. & SANTOS, J.B.C. (Org.) **Teorias Lingüísticas: problemáticas contemporâneas**. Uberlândia: EDUFU. 2003.

GUIMARÃES, E. (Org.) **História e sentido na linguagem**. Campinas: Pontes, 1989.

_____. **Os limites do sentido**. Campinas: Pontes, 1995.

HENRY, P. **A ferramenta imperfeita: língua, discurso e sujeito**. Campinas: Pontes/UNICAMP. 1992.

HÖSLE, Vittorio. **O Sistema de Hegel**. São Paulo: Loyola. 2007.

INDURSKY, F. & FERREIRA M.C.L. (orgs.) **Os múltiplos territórios da Análise do Discurso**. Porto Alegre. Sagra Luzzatto. 1999.

LE GOFF, J. “Documento/monumento”. In: **História e Memória**. Campinas: Ed.Unicamp. 1990.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: José Olympio. 2004.

MARCUSCHI, L. A. “Gêneros textuais: definição e funcionalidade”. In: DIONÍSIO, A. *et al.* (orgs.) . **Gêneros Textuais e Ensino**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003, p. 19-36

MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**, Curitiba: Criar, 2005.

NIETZSCHE, Friedrich. **Escritos sobre Educação**. Tradução de Noéli Correia de Melo Sobrinho. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.

OLIVEIRA, S.F.P. **Discurso, gênero e argumentação na auto-ajuda de Shinyashiki**. Tese (Doutorado em Lingüística e Língua Portuguesa) - Faculdade de Ciências e Letras,

Universidade Estadual Paulista, Araraquara. 2006. <http://www.biblioteca.unesp.br/bibliotecadigital/document/?did=4094>. acessado em 14 de fevereiro de 2007. às 14h26.

ORLANDI, E. P. **As formas do Silêncio. No movimento dos Sentidos**. Campinas: Ed. da UNICAMP. 1992.

_____. **A Linguagem e seu funcionamento**. 4 ed. Campinas; Pontes, 2001.

_____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas: Pontes. 2002.

_____. **Interpretação: autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. Campinas: Pontes, 2004b.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. Tradução Eni P. Orlandi et al. Campinas: EDUCAMP, 1988.

PÊCHEUX, M. e FUCHS, C. “A propósito da análise automática do discurso (1975)”. In: GADET, F. e HAK, T. (Org.) **Por uma análise automática do discurso: uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Campinas: UNICAMP, 1990a. p. 163-252

PECHEUX, M. “Análise automática do discurso (AAD-69)”. Trad. E.P. Orlandi. In: GADET, F. HAK, T. (orgs.). **Por uma análise automática do discurso. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux**. Trad. B. S. Mariani et al. Campinas: Ed. UNICAMP, 1990b. p. 61-162.

_____. “Remontons de Foucault à Spinoza”. In MALDIDIÉ, D. **L'inquiétude du discours**. Paris: Cendres. 1990c. p. 245-260.

_____. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas. Pontes. 1997.

_____. “Papel da Memória”. In: ACHARD, P. *et al.* **Papel da Memória**. Campinas: Pontes. 1999b. p. 49-56.

PEREIRA, Isidro, S.J. **Dicionário grego-português e português-grego**. Porto: Apostolado da Imprensa. 1951.

PESSOA, F. **Poesia Completa – Alberto Caetano**. São Paulo: Martin Claret. 2006.

RASIA, G. S. **A reinvenção da escrita**. In: Zero Hora, Porto Alegre, 12 ago. 2007.

RASIA, G. S. & CAZARIN, E. A. **Ensino e Aprendizagem de Línguas: Língua Portuguesa**. Ijuí: Ed. UNIJUÍ. 2007 p. 61-68.

ROLNIK, S. “Toxicômanos de identidade”. http://www.pucsp.br/nucleode_subjetividade/Textos/SUELY/Toxicoidentid.pdf acessado em 26 de dezembro de 2006. às 18h06. p. 1-5.

SANTOS, J. B. C. “Uma reflexão metodológica sobre análise de discursos” In: FERNANDES, C. A. & SANTOS, João Bôsko Cabral dos. *Análise do Discurso: unidade e dispersão*. Uberlândia: EntreMeios, 2004a. p. 109-118.

_____ “Manifestações de polifonia no discurso universitário institucional”. In: FERNANDES, C. A. *et al.* **Sujeito, Identidade e Memória**. Uberlândia:EDUFU. 2004b. p. 249-269.

_____ “Entremeios da Análise do Discurso com a Lingüística Aplicada”. In: FERNANDES, C. A. & SANTOS, J.B.C. **Percursos da Análise do Discurso no Brasil**. São Carlos: Claraluz. 2007a. p. 187-206.

_____ “Discurso e Texto na Análise do Discurso Francesa”. In: **Revista do SELL**. Volume 1. Uberaba: UFTM. 2007b. no prelo.

_____ **A instância enunciativa sujeitidual**. Uberlândia: LEP/GPAD/ ILEEL/ UFU. 2008. no prelo.

Anexo 1²¹

Texto I

Comer o que quiser...

...quando quiser, permanecer saudável e nunca engordar: esse é o ideal de todos nós, e está prestes a se tornar realidade

Por Joseph K. Vetter

É uma verdadeira revolução na forma como comemos e está se tornando mais real a cada dia. Sim, estamos no meio de uma epidemia de obesidade e, sim, a definição de “alimentação saudável” parece mudar a cada dois meses. Mas, nos laboratórios e centros de pesquisa espalhados pelo mundo, os cientistas se apressam em estabelecer uma correlação entre genes e papilas gustativas, criando uma alimentação perfeita para cada um de nós, que poderá combater doenças, aumentar a longevidade, melhorar o desempenho físico e mental e,



77

além disso, agradar ao paladar. Segundo J. Bruce German, cientista de alimentos da Universidade da Califórnia, “os alimentos de que mais gostamos serão os mais saudáveis para nós”. Isso não parece ótimo?

Você é o que você come

Essa revolução vai acontecer graças à genômica, ciência que mapeia e descreve nosso código genético. No futuro, *chips* de DNA personalizados nos permitirão avaliar nossas predisposições genéticas para determinar doenças e assim, adaptar nossa alimentação. Se você corre risco de ter uma doença cardiovascular, por exemplo, não mais iniciará uma dieta com baixo índice de gordura, mas, simplesmente, comerá os alimentos com a quantidade e os tipos exatos de gordura indicados ao seu caso. Você até poderá analisar seu metabolismo diário a fim de determinar que alimentos comer num determinado momento, de acordo com a atividade específica, “Como as pessoas são diferentes em termos de genética e metabolismo, uma única dieta não serve para todos”, diz German. Cada um de nós terá um código de barras nutrigenômico pessoal, que manterá todas as informações nutricionais ao nosso alcance. Ou, então, diz Martina Newell-McGloughlin, diretora do Programa de Biotecnologia de Sistemas da Universidade da Califórnia, seria possível mapear um dedo para detectar biomarcadores na oleosidade da pele; eles mostrariam se você tem uma carência nutricional específica. “Os novos sensores nos ajudarão a escolher a comida certa para as próximas 24 horas”, afirma

²¹ Os textos estão com a paginação, referente ao seu lugar na revista, inserida por divisões numeradas.

Roger Clemens, bioquímico de nutrição da Universidade do Sul da Califórnia, “para dias ou até semanas, esteja você saindo para se exercitar ou a caminho do trabalho”. Clemens e Newell-McGloughlin concordam que, com esses avanços, doenças relacionadas à alimentação, como diabetes e certos tipos de câncer, serão reduzidas enormemente. No entanto, que tal comer só por ser uma maravilhosa experiência sensorial? Se a comida se tornar apenas um sistema de transporte de nutrientes, estaremos eliminando um dos maiores prazeres que existem: comer.

Não tenha medo da gordura

Todos desejamos uma alimentação saborosa, e a gordura em geral é algo saborosíssimo. Se você já precisou comer alimentos de baixa caloria, provavelmente sabe do que estamos

_____ 78 _____

falando. Os cientistas estão experimentando uma nova maneira de resolver o problema: em vez de reduzir ou eliminar a gordura nociva dos alimentos, porque não substituí-la por tipos mais saudáveis, como os ácidos graxos ômega-3?

Utilizando técnicas de modificações genéticas (MG), pesquisadores já estão conseguindo essa mudança, pelo menos em laboratório. Apesar de a MG ser polêmica, Newell-McGloughlin acredita que, em algumas décadas, ela nos permitirá comer nossos alimentos gordurosos favoritos, ou algo que tenha aparência e sabor semelhantes, sem medo ou vergonha.

As gorduras tornam os alimentos saborosos. Portanto, se você altera o tipo de gordura, pode tornar mais saudáveis os alimentos de que as pessoas gostam, sem afetar sua qualidade. A MG também nos permitirá combinar os benefícios nutricionais dos alimentos saudáveis de que não gostamos com o prazer daqueles que satisfazem nosso paladar. Você não suporta brócolis? E se fosse possível extrair os nutrientes anticancerígenos nos brócolis e colocá-los numa crocante e suculenta maçã.

O alimento na hora certa

Nossa capacidade de manipular os componentes sensoriais dos alimentos – sabor, cheiro e textura – está aumentando rapidamente. Nas próximas décadas, isso nos permitirá maximizar o prazer de comer, elevando o sabor e o valor nutritivo a um nível jamais visto.

“A saúde e o gosto pessoais serão saciados”, afirma German. “Você saberá o que considera delicioso e, ao mesmo tempo, vai descobrir os nutrientes de que necessita. Tudo então será combinado no alimento específico para você.” Em outras palavras, poderemos aumentar a qualidade dos alimentos existentes e criar novos que atendam às preferências nutricionais individuais.

Digamos que você tenha tido uma manhã difícil no escritório e precise de um almoço tranquilo. “você talvez queira comer algo com a cremosidade de um sorvete”, diz German. Mas, e se você também precisar do valor nutritivo de um peito de peru? Um sistema de combinação permitirá reunir esses elementos em um alimento novo.

A ciência, porém, não pode substituir o aspecto social de comer e compartilhar uma refeição. Essas necessidades não podem ser mapeadas ou copiadas, nem pelo mais elaborado sistema de combinação de alimentos – e elas jamais desaparecerão.

Comer o que quiser...

INSCRIÇÕES INTERDISCURSIVAS		POTENCIAL ENUNCIATIVO
ENUNCIADO OPERADOR DE INTERDISCURSIVIDADE	“É uma verdadeira revolução” (p.77)	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia de revolução como inscrição discursiva de mudança, de evolução e ilusão de devir.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A SAÚDE	“Uma epidemia de obesidade” (p.77)	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a saúde como elemento demarcador de uma anterioridade discursiva interpelando o enunciado operador.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO	“A definição de ‘alimentação saudável’”. (p.77)	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a nutrição como projeção ilusória de um devir.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A GENÉTICA	“Nos laboratórios e centros de pesquisa espalhados pelo mundo, os cientistas se apressam em estabelecer uma correlação entre genes e papilas gustativas”. (p.77)	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a genética como suporte científico determinante de uma movência enunciativa a partir do enunciado operador.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A PROFILAXIA	“...que poderá combater doenças, aumentar a longevidade, melhorar o desempenho físico e mental...” (p.77)	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a da profilaxia como projeção de um devir enunciativo a partir do enunciado operador.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O PRAZER	“Segundo J. Bruce German, cientista de alimentos da universidade da Califórnia, ‘os alimentos de que mais gostamos serão os mais saudáveis para nós’”. (p.78)	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a prazer como asseveração enunciativa do enunciado operador.
ENUNCIADO OPERADOR DE INTERDISCURSIVIDADE	“Essa revolução vai acontecer”. (p.77)	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia de revolução como inscrição discursiva de mudança, de evolução e ilusão de devir.

<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A SAÚDE</p>	<p>“Clemens e Newell-McGloughlin concordam que, com esses avanços, doenças relacionadas à alimentação, como diabete e certos tipos de câncer, serão reduzidas enormemente.” (p.78)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a saúde como evidência de um deslocamento enunciativo no devir.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO</p>	<p>“ ‘Como as pessoas são diferentes em termos de genética e metabolismo, uma única dieta não serve para todos’, diz German.” (p.78)</p> <p>“Os novos sensores nos ajudarão a escolher a comida certa para as próximas 24 horas”, afirma Roger Clemens, bioquímico de nutrição da Universidade do Sul da Califórnia, “para dias ou até semanas, esteja você saindo para se exercitar ou a caminho do trabalho”. (p.78)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a nutrição como monumento sentidural de enunciação de anterioridade em deslocamento para o devir do enunciado operador.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A GENÉTICA</p>	<p>“...graças à genômica, ciência que mapeia e descreve nosso código genético. No futuro, <i>chips</i> de DNA personalizados nos permitirão avaliar nossas predisposições genéticas para determinar doenças e assim, adaptar nossa alimentação.” (p.78)</p> <p>“Cada um de nós terá um código de barras nutrigenômico pessoal, que manterá todas as informações nutricionais ao nosso alcance.” (p.78)</p> <p>“Ou, então, diz Martina Newell-McGloughlin, diretora do Programa de Biotecnologia de Sistemas da Universidade da Califórnia, seria possível mapear um dedo para detectar biomarcadores na oleosidade da pele; eles mostrariam se você tem uma carência nutricional específica”. (p.78)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a genética como monumento sentidural de enunciação do devir do enunciado operador.

<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A PROFILAXIA</p>	<p>“Se você corre risco de ter uma doença cardiovascular, por exemplo, não mais iniciará uma dieta com baixo índice de gordura, mas, simplesmente, comerá alimentos com a quantidade e o tipo exatos de gordura indicados para o seu caso”. (p.78) “Você poderá analisar o seu metabolismo diário a fim de determinar que alimentos comer num determinado momento, de acordo com a atividade específica”. (p.78)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a profilaxia como significação coadjuvante do funcionamento do devir do enunciado operador.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O PRAZER</p>	<p>“No entanto, que tal comer só por ser uma maravilhosa experiência sensorial? Se a comida se tornar apenas um sistema de transporte de nutrientes, estaremos eliminando um dos maiores prazeres que existem: comer”. (p.78)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento do discurso do prazer como projeção ilusória do devir enunciativo instaurado a partir do enunciado operador.
<p>ENUNCIADO OPERADOR DE INTERDISCURSIVIDADE</p>	<p>“É uma verdadeira revolução” “Essa revolução vai acontecer”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A interdiscursividade como elemento de movência no funcionamento dos enunciados operadores que significam a alimentação enquanto discursividade inscrita em uma “revolução”.

<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A SAÚDE</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Deslocamento de uma anterioridade enunciativa para uma projeção de devir. • Atravessamento discursivo resultante da dicotomia “epidemia” x “doenças ... serão reduzidas enormemente”, fazendo os enunciados operarem em descontinuidade enunciativa (da saúde curativa para saúde profilática). • Deslocamento interdiscursivo de uma forma-sujeito inscrita no discurso midiático para um lugar discursivo inscrito no discurso da saúde. • Transversalidade da discursividade sobre a saúde na descontinuidade textual enquanto mecanismo de funcionamento dos enunciados operadores na significação do devir “Comer o quiser”. • Deslocamento interdiscursivo de uma causalidade circunstancial a partir das significações da obesidade para uma causalidade mecânica significada a partir da proliferação de doenças decorrentes dessa causalidade circunstancial na intercessão do discursividade sobre a saúde com a discursividade sobre a alimentação. 	
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção interdiscursiva de um devir alimentar fundado na ilusão do “saudável”, interpelado por um cientificismo diagnóstico “metabolismo”, “dieta” e projetados enquanto devir de uma tecnologização acadêmica. • Transversalização interdiscursiva da discursividade sobre a nutrição com o discurso da genética e o discurso da saúde, enquanto projeção de um devir por meio do funcionamento dos enunciados operadores. 	

INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A GENÉTICA	<ul style="list-style-type: none"> • Deslocamento interdiscursivo de uma projeção de devir a partir de uma transversalidade com o discurso científico e com o discurso da nutrição. 	
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A PROFILAXIA	<ul style="list-style-type: none"> • Deslocamento interdiscursivo de uma projeção transversal da discursividade sobre a saúde, da discursividade sobre a nutrição e da discursividade sobre a genética como simbiose sentidural de funcionamento dos enunciados operadores da interdiscursividade 	
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O PRAZER	<ul style="list-style-type: none"> • Transversalidade interdiscursiva com o discurso acadêmico, promovendo um deslocamento interdiscursivo na direção de uma forma-sujeito “Comer o que quiser”. 	

Seleções – novembro/2006 – p. 76-79

Texto II

Alimentos que renovam sua energia

Se você estiver sentindo cansaço tente comer um deles

Jennifer Reid Holman

Você se sente esgotado no meio de seu trabalho? Tente mudar a dieta. “Comer bem pode melhorar a energia das pessoas”, diz a nutricionista Nancy Clark, autora do *Guia de nutrição para o esporte*. Afinal de contas, a comida é o combustível do corpo, e escolher alimentos altamente energéticos fará com que sua engrenagem funcione em força máxima. Isso significa tomar um bom café da manhã, fazer pequenas refeições a cada quatro ou cinco horas e escolher os alimentos certos, como por exemplo:

BEGEL (PÃO JUDAICO)

“Toda caloria é energia, mas os carboidratos complexos, presentes nos *bagels* são excelente fonte energética”, explica o professor de nutrição Shortie Mckinney. Ao contrário de gorduras e proteínas, carboidratos são armazena-

dos nos músculos e no fígado em forma de energia à qual nosso organismo pode ir recorrendo aos poucos, sempre que precisar. Essas reservas mantêm nossa energia em níveis adequados. “Os bagels são, portanto, refeições leve e energética, perfeita para matar a fome no intervalo entre as principais refeições”, assinala o professor. À medida

que os carboidratos complexos são liberados, entram de forma regular na corrente sanguínea, aumentando as taxas de açúcar, grande fonte de energia.

ESPINAFRE

”Esta verdura está cheia de magnésio, mineral que a maior parte das mulheres- particularmente as que vivem sob estresse ou que fazem muito exercício físico consome em quantidades abaixo do necessário”, revela Mildred Seelig, ex-presidente da Escola Americana de nutrição. Em média, as mulheres ingerem apenas três quartos da quantidade recomendada -280 mg de magnésio -, e isso pode provocar cansaço. Os músculos precisam do magnésio para transformar carboidratos em energia utilizável. Alguns pesquisadores têm estudado o efeito de doses suplementares de magnésio para aumentar a força muscular, porém os resultados ainda são controvertidos. Especialistas recomendam que se comam espinafre e outros alimentos ricos em magnésio para uma dieta balanceada. Mas advertem que tomar suplementos minerais em excesso pode ocasionar efeitos colaterais perigosos.

FEIJÃO

”Deficiências de ferro são causa comum de preguiça e desânimo, especialmente entre aqueles que não comem carne, fazem muito exercício ou estão tentando perder peso”, diz Nancy Clark. Embora carne vermelha magra seja a melhor fonte de ferro, duas ou

três porções de feijão- preto, mulatinho, branco, ou mesmo grão-de-bico podem ser um bom substituto. “O ferro é a espinha dorsal de todo o processo de produção de energia”, explica o doutor Sheldon Saul Hendler, professor adjunto de medicina da Universidade da Califórnia. E é de importância crucial que órgãos e músculos sejam alimentados com oxigênio.

”Não é preciso estar seriamente anêmico para sentir os efeitos da falta de ferro”, esclarece o doutor Hendler. Porções extras de feijão ou de qualquer outro alimento rico em proteína podem aliviar fadiga, fraqueza muscular e predisposição a gripes, que costumam aparecer quando há deficiência de ferro- ainda que branda. Tomar suplementos de ferro também pode ajudar. Entretanto, se você não apresentar deficiência, ingerir mais do que o necessário (10 mg para o homem, 15 para a mulher) não traz qualquer energia extra. É até possível que seja prejudicial.

ATUM

Carboidratos são excelentes para fornecer energia ao corpo. Mas, quando se trata de energia mental (habilidade para pensar com clareza e estar alerta), alguns carboidratos sem proteína podem provocar sonolência. Por essa razão, o peixe é conhecido como alimento para o cérebro. As altas doses de proteínas de peixes como o atum apresentam aminoácidos chamado tirosina. Quando digerida, a tirosina ajuda neurotransmissores chamados norepinefrina e dopamina. Esses estimulantes naturais do cérebro melhoram a capacidade de atenção, ajudando no desenvolvimento de atividades cerebrais, como o

poder de concentração sob estresse. A proteína também é importante para manter os músculos em ordem. “Sem a quantidade adequada de proteínas os músculos não se recuperam com a rapidez necessária após o desgaste”, diz John Ivy, fisiologista especializado em exercício.

MORANGO

Frutas são fontes de carboidratos, e o morango é especialmente rico em vitamina C. Essa vitamina ajuda o corpo a absorver o ferro necessário para nutrir as células. Nutricionistas concordam que a ingestão de 60 mg de vitaminas C pode auxiliar a pessoa a se sentir energizada.

FARINHA DE AVEIA

Nutricionistas confirmam que um café da manhã rico em fibras sustenta o corpo. A farinha de aveia apresenta rica mistura de fibras, que diminui a velocidade da digestão. Significa que o corpo recebe fluxo regular de energia, à medida que os carboidratos vão entrando na corrente sanguínea. Pode-se comer um doce ou pedaço de bolo para ingerir carboidratos, mas o fluxo de energia dos açúcares comuns é tão rápido que é seguido por queda brusca.

”Uma porção média de farinha de aveia, ao contrário, mantém níveis de açúcar do sangue altos por períodos maiores. Isso dá mais energia e faz com que a pessoa leve mais tempo para ficar com fome outra vez,” diz Brian Morgan, médico da Flórida, que já trabalhou no Instituto de Nutrição Humana da Universidade de Colúmbia.

IOGURTE DESNATADO

Algumas mulheres sentem fadiga e desconforto imediatamente antes do período menstrual. “No entanto pesquisas recentes mostram que comer mais alimentos ricos em cálcio, como iogurte pode ajudar”, explica James Penland, do departamento de Agricultura dos EUA.

Em suas experiências no Centro de Pesquisas de Nutrição Humana, dez mulheres foram submetidas a quatro dietas diferentes, com doses variadas de cálcio, ao longo de 39 dias. Entre as mulheres submetidas a regimes de baixas quantidades de cálcio, a maioria apresentou sintomas menstruais complicados. No entanto, cólicas retenção de líquidos cansaço e desânimo melhoraram entre as que ingeriam mais cálcio (o equivalente a três xícaras e meia de iogurte ou quatro de leite desnatado por dia). Pesquisadores acham que o cálcio pode reduzir cólicas menstruais e retenção de líquido típica do período pré-menstrual, agindo através dos músculos lisos e da secreção de hormônios.

BANANA

A banana é um alimento muito energético. Por uma razão: os açúcares contidos nas bananas e em outras frutas são carboidratos facilmente digeríveis. Além disso, a banana fornece altas doses de potássio, eletrólito que ajuda a manter as funções normais de

nervos e músculos, prevenindo o superaquecimento. Ao contrário de outros nutrientes o potássio não é armazenado no organismo por longos períodos. Por isso seus níveis podem cair durante exercícios pesados, quando esse nutriente se perde através do suor excessivo ou como resultado dos problemas de saúde não detectados. Sinais evidentes de queda de potássio são dores musculares, batimento cardíaco irregular, reflexos mais lentos e sensação de confusão. Comer bananas talvez não sirva para curar problemas de saúde- afinal, nenhum alimento é uma panacéia-, mas sem dúvida pode deixar nosso organismo transbordando de energia

INSCRIÇÕES INTERDISCURSIVAS		
		POTENCIAL ENUNCIATIVO
ENUNCIADO OPERADOR DE INTERDISCURSIVIDADE	“Você se sente esgotado no meio de seu dia de trabalho?”	<ul style="list-style-type: none"> A idéia genérica de designação de eventos patológicos ligados ao que pode ser chamado “vida moderna”, como inscrição discursiva, de “mal-estar”, sob um escopo antecipador da deficiência alimentar, que denega.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A SAÚDE	“Afinal de contas, a comida é o combustível do corpo, e escolher alimentos altamente energéticos fará com que sua engrenagem funcione em força máxima”.	<ul style="list-style-type: none"> O atravessamento da inscrição numa discursividade sobre a saúde como elemento demarcador de denegação a um estado indesejável, o evento patológico, para uma projeção imaginária de devir-máquina para eliminar as insuficiências físico-corporais.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO	“Comer bem pode melhorar a energia das pessoas”, diz a nutricionista Nancy Clark, autora do <i>Guia de nutrição para os esportes</i>	<ul style="list-style-type: none"> O atravessamento da inscrição numa discursividade sobre a nutrição como autoridade que credita, modalizadamente, um posicionamento oportunizador de transformação propícia.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O DEVIR-MÁQUINA	“...e escolher alimentos altamente energéticos fará com que sua engrenagem funcione em força máxima ”.	<ul style="list-style-type: none"> O atravessamento da inscrição numa discursividade sobre o devir-máquina como elemento demarcador de imposição sobre escolhas alimentares.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A PROFILAXIA	“Isso significa tomar um bom café da manhã, fazer pequenas refeições a cada quatro ou cinco horas e escolher os alimento certos”.	<ul style="list-style-type: none"> O atravessamento da inscrição numa discursividade sobre a profilaxia como desenvolvimento do enunciado operador sobre deficiência alimentar.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O DEVIR-	“...alimentos altamente energéticos fará com que sua engrenagem funcione	<ul style="list-style-type: none"> O atravessamento da inscrição discursiva numa discursividade sobre o devir-máquina como ideal/ilusão de completude.

MÁQUINA	em força máxima”.	
•		
ENUNCIADO OPERADOR DE INTERDISCURSIVIDADE	Subtítulo: “Se você estiver sentindo cansaço, tente comer um deles”	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia de superação (da fadiga) como inscrição discursiva de possibilidade de transformação, intento de mudança
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A SAÚDE	“...carboidratos são armazenados nos músculos e no fígado em forma de glicogênio”	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da inscrição numa discursividade sobre a saúde como elemento demarcador de uma justificativa, de uma fundamentação que propicie credibilidade
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO	<ol style="list-style-type: none"> 1. “Bagel”; 2. “Espinafre”; 3. “Feijão”; 4. “Atum”; 5. “Morango”; 6. “Farinha de Aveia”; 6. “Iogurte desnatado” e 7. “Banana”. <p>“Os <i>bagels</i> são, portanto, refeição leve e energética, perfeita para matar a fome no intervalo entre as principais refeições”, assinala o professor” (grifo do autor)</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da inscrição numa discursividade sobre a nutrição como permissão de consumo e, simultaneamente, interdição, no sentido de controle, sobre outros alimentos. • O atravessamento da inscrição numa discursividade sobre a ciência como indicador de autoridade pôr em circulação o controle (ideológico - permissão/interdição) do consumo
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A PROFILAXIA	“Os <i>bagels</i> são, portanto, refeição leve e energética, perfeita para matar a fome no intervalo entre as principais refeições”	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da inscrição discursiva numa discursividade sobre a profilaxia como projeção de ilusão de completude a partir da inscrição discursiva numa discursividade sobre a ciência.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O PRAZER	“...refeição leve e energética, perfeita...”	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da inscrição discursiva numa discursividade sobre o prazer como produtor de completude
•		
ENUNCIADOS OPERADORES DE INTERDISCURSIVIDADE	<p>“Você se sente esgotado no meio de seu dia de trabalho?”</p> <p>“Se você estiver sentindo cansaço, tente comer um deles”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Interdiscursividade como elemento de movência no funcionamento dos enunciados operadores que significam a alimentação enquanto discursividade inscrita num processo de dinamização

<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A SAÚDE</p>	<p>“Afinal de contas, a comida é o combustível do corpo, e escolher alimentos altamente energéticos fará com que sua engrenagem funcione em força máxima”.</p> <p>“...carboidratos são armazenados nos músculos e no fígado em forma de glicogênio”</p>	<p>corpórea, em oposição à exaustão.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Deslocamento de uma anterioridade enunciativa para uma ilusão de completude. • Atravessamento discursivo resultante da dicotomia “esgotamento” x “energia” perfazem um processo de substituição, fazendo os enunciados operarem em continuidade enunciativa (do esgotamento físico para a energia disponibilizada pela alimentação adequada). • Deslocamento interdiscursivo de uma forma-sujeito inscrita na inscrição discursiva numa discursividade sobre o midiático para um lugar discursivo inscrito na inscrição discursiva numa discursividade sobre a saúde. • Transversalidade da inscrição discursiva numa discursividade sobre a saúde na descontinuidade textual enquanto mecanismo de funcionamento dos enunciados operadores na significação do devir “Alimentos que renovam a energia”. • Deslocamento interdiscursivo de uma causalidade circunstancial a partir das significações do esgotamento físico e mental para uma causalidade mecânica significada a partir das conseqüências do uso dos alimentos indicados na intercessão da inscrição discursiva numa discursividade sobre a saúde com o inscrição discursiva numa discursividade sobre a nutrição, da ciência e da profilaxia.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO</p>	<p>“Comer bem pode melhorar a energia das pessoas”, diz a nutricionista Nancy Clark, autora do <i>Guia de nutrição para os esportes</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1. “Bagel”; 2. “Espinafre”; 3. “Feijão”; 4. “Atum”; 5. “Morango”; 6. “Farinha de Aveia”; 	<ul style="list-style-type: none"> • Projeção interdiscursiva de um devir alimentar fundado na ilusão de “melhorar a energia das pessoas”, interpelado por um cientificismo diagnóstico de atribuição de valor energético a alimentos listados e projetados enquanto devir de um programa nutricional indicado como adequado por “autoridades científicas”. • Transversalização interdiscursiva da inscrição discursiva numa

	6. “Iogurte desnatado” e 7. “Banana”.	discursividade sobre a nutrição e com a inscrição discursiva numa discursividade sobre a profilaxia e a inscrição discursiva numa discursividade sobre a saúde, enquanto projeção de um devir por meio do funcionamento dos enunciados operadores.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A DEVIR-MÁQUINA	“...e escolher alimentos altamente energéticos fará com que sua engrenagem funcione em força máxima”. “Os <i>bagels</i> são, portanto, refeição leve e energética, perfeita para matar a fome no intervalo entre as principais refeições”, assinala o professor” (grifo do autor)	<ul style="list-style-type: none"> • Deslocamento interdiscursivo de uma projeção de devir a partir de uma transversalidade com uma discursividade da profilaxia e com uma discursividade da nutrição.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A PROFILAXIA	“Os <i>bagels</i> são, portanto, refeição leve e energética, perfeita para matar a fome no intervalo entre as principais refeições” “Isso significa tomar um bom café da manhã, fazer pequenas refeições a cada quatro ou cinco horas e escolher os alimento certos”.	<ul style="list-style-type: none"> • Deslocamento interdiscursivo de uma projeção transversal de uma inscrição discursiva numa discursividade sobre a saúde, de uma inscrição discursiva numa discursividade sobre a nutrição e uma inscrição discursiva numa discursividade sobre a ciência como simbiose sentidural de funcionamento dos enunciados operadores da interdiscursividade

Texto III

Volte a comer o que antes era proibido

Chocolate? Abacate? Camarão? Nozes?

Você ficou louco?

Por Maureen Callahan

Lembro-me de mamãe, na minha infância, misturando nozes e castanhas dentro de um belo pote, sempre que recebia convidados. Terminada a festa, meus irmãos e eu avançávamos nas sobras dos petiscos, disputando nossas preferidas.

Um dia as nozes foram substituídas por *pretzels*; mamãe havia descoberto o valor calórico dos alimentos.

Ultimamente venho revendo a atitude de minha mãe. Agora que somos mais bem informados – graças às novas pesquisas –, podemos classificar os alimentos com base numa série de fatores, e não em um único aspecto negativo, como “rico em colesterol”, por exemplo.

A péssima fama de alguns alimentos, inclusive a das nozes vem sendo reconsiderada.

OVO -

“Anos atrás, meu colesterol era alto, cerca de 230”, conta Dee Torza, 39 anos. “O médico me disse que cortasse da dieta ovos e outros alimentos ricos em colesterol, mas a taxa não se alterava.” Quando Dee trocou de médico e adotou um programa de alimentação atualizado, que incluía ovos, a taxa caiu para um nível saudável. “Eu como ovos com frequência e o nível do meu colesterol está normal”, diz ela.

Hoje as orientações dietéticas da Associação Americana do Coração permite o consumo de um ovo por dia. E o colesterol? Não se pode ig-

norá-lo, mas, como muitos estudos mostram, as gorduras saturadas são as verdadeiras responsáveis pelo aumento do colesterol no sangue; um ovo te a quantidade insignificante de 1,5 grama dessas gorduras. O que os ovos tem de fato são luteína e zeaxantina, dois antioxidantes que ajudam a prevenir doenças oculares, como a catarata. Os ovos são especialmente recomendados para mulheres grávidas, pois possui grande quantidade de colina, substância imprescindível para o desenvolvimento do cérebro do feto.

“Os ovos são ricos em nutrientes importantes”, diz Liz Applegate, pesquisadora de nutrição da universidade da Califórnia. “Eles têm muitas proteínas e vitaminas do complexo B, além de outras substâncias benéficas. São muitos nutrientes para apenas 75 calorias.”

ABACATE -

“As pessoas não comem abacate porque é rico em gordura”, conta Liz. “Que desperdício!” Cem gramas de abacate têm 17 gramas de gordura, quase a mesma quantidade de um hambúrguer com queijo. Dois terços desse teor, porém, são de gorduras monoinsaturadas – que pode ser benéfica ao coração –, enquanto no hambúrguer predomina a gordura saturada. “O abacate também é uma excelente fonte de glutathione e fitosterol”, afirma David Heber, diretor do Centro de Nutrição Humana, da Universidade da Califórnia.

De acordo com Heber, o fitosterol parece ser um potente redutor do colesterol, e pesquisas indicam que a glutathione pode ajudar a prevenir certos tipos de câncer, especialmente os da boca e da faringe. Para completar, o abacate tem mais potássio e vitaminas E, K e B do que outras frutas consumidas *in natura*.

CHOCOLATE -

Podemos cometer a ousadia de dizer que essa delícia é um alimento saudável? Carl Keen, pesquisador de nutrição da Universidade da Califórnia observa que o chocolate não é apenas uma guloseima. “Estamos pesquisando o chocolate porque as

sementes de cacau são extremamente ricas em flavonóides, o mesmo antioxidante encontrado no vinho tinto e no chá-da-índia”, diz ele.

Keen e a pesquisadora Penny Kris-

75

Etherton da Universidade Estadual da Pensilvânia, realizaram estudos que indicam que esses flavonóides são benéficos ao coração. Penny, porém, alerta que o chocolate não é um superalimento. “Ele é gorduroso e calórico”, adverte. Ainda assim, esse produto acrescenta pouca gordura saturada ao total de gordura que a maioria das pessoas ingere – cerca de 1%. E trocando o chocolate ao leite pelo amargo, evita-se a gordura ruim.

CAMARÃO -

“Muitas pessoas preferem carne bovina a camarão”, diz Jan L. Breslow, chefe do Laboratório de Genética Bioquímica e Metabolismo, em Nova York. O camarão tem a péssima reputação de rico em colesterol, diz Breslow, mas a mesma porção de carne bovina contém dez vezes mais gordura saturada. “Além disso, o camarão tem a metade das calorias e algumas das gorduras saudáveis encontradas nos peixes”, ele completa.

Anos atrás, Breslow e colegas ofereceram a um grupo de voluntários uma dieta pobre em gordura com cerca de 280 gramas diários de camarão cozido no vapor (590 miligramas de colesterol – quase o dobro do limite recomendado). A dieta à base de camarão elevou a taxa do bom colesterol mais do que a do mau.

NOZES E CASTANHAS -

Em 1999, Mike Loewen, 53 anos, piloto do Novo México, detectou níveis pouco saudáveis de triglicérides. De imediato, cortou a gordura e parou de comer um de seus alimentos preferidos: nozes e castanhas. No entanto, o médico o aconselhou a ingerir quantidades saudáveis de proteínas, inclusive nozes e castanhas, e a não exagerar nos carboidratos. “Meus triglicérides caíram pela metade”, conta Loewen.

Muito gordurosas, as nozes e castanhas sempre entram na lista de alimentos a serem evitados. Hoje cientistas afirmam que essa visão é muito simplista. “Elas são uma importante fonte de vitamina E, têm gorduras saudáveis para o coração e praticamente nenhuma gordura saturada”, dia Liz Applegate. Uma recente pesquisa clínica concluiu que a substituição de fontes de gordura da dieta por 85 gramas de amêndoas reduziu em 12% a obstrução de artérias causada pelo colesterol LDL (o mau colesterol), sem alterar o HDL (o bom colesterol) ou triglicérides.

Assim, estou retomando o costume de minha mãe de misturar nozes e castanhas, mas não vou colocá-las num pote, onde seriam uma constante tentação. Vou incluí-las em pratos salgados, pães e no cereal matinal. De tudo que se diz sobre alimentos proibidos, conclui-se que eles são bons, se consumidos com moderação.

77

Seleções – setembro/2002 – p. 74-77

INSCRIÇÕES INTERDISCURSIVAS		
		POTENCIAL ENUNCIATIVO
ENUNCIADOR OPERADOR DE INTERDISCURSIVIDADE	<p>“Lembro-me de mamãe, na minha infância, misturando nozes e castanhas dentro de um belo pote, sempre que recebia convidados. Terminada a festa, meus irmãos e eu avançávamos nas sobras dos petiscos, disputando nossas preferidas. Um dia as nozes foram substituídas por <i>pretzels</i>; mamãe havia descoberto o valor calórico dos alimentos.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia de deslocamento de uma anterioridade como elemento deflagrador de um processo de transformações.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE SAÚDE	<p>“...mamãe havia descoberto o valor calórico dos alimentos...”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma discursividade sobre a saúde como elemento de determinação de procedimento.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE NUTRIÇÃO	<p>“...mamãe havia descoberto o valor calórico dos alimentos...”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma discursividade sobre a nutrição pelo acesso a dizeres científicos como elemento determinante de mudança de procedimento.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE PROFILAXIA	<p>...nozes foram substituídas por <i>pretzels</i>”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma discursividade sobre a profilaxia como projeção ilusória de antecipação.
•		
ENUNCIADO OPERADOR DE INTERDISCURSIVIDADE	<p>Ultimamente venho revendo a atitude de minha mãe. Agora que somos mais bem informados – graças às novas pesquisas –, podemos classificar os alimentos com base numa série de fatores, e não em um único aspecto negativo, como “rico em colesterol”, por exemplo.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia de retorno a uma anterioridade como denegação de um dizer científico em proveito de outro.

<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE SAÚDE</p>	<p>“...podemos classificar os alimentos com base numa série de fatores, e não em um único aspecto negativo, como “rico em colesterol”, por exemplo.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma discursividade sobre a saúde como transformação sob o efeito de reformulação da instauração de um devir.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE NUTRIÇÃO</p>	<p>“podemos classificar os alimentos com base numa série de fatores, e não em um único aspecto negativo, como “rico em colesterol”, por exemplo.” “A péssima fama de alguns alimentos, inclusive a das nozes vem sendo reconsiderada”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma discursividade sobre a nutrição como determinante do devir. • O atravessamento de uma discursividade sobre a nutrição como reformulação.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A CIÊNCIA</p>	<p>“– graças às novas pesquisas –”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma discursividade sobre a ciência como estabelecimento de direção para o procedimento.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE PROFILAXIA</p>	<p>“Anos atrás, meu colesterol era alto, cerca de 230”, conta Dee Torza, 39 anos. “O médico me disse que cortasse da dieta ovos e outros alimentos ricos em colesterol, mas a taxa não se alterava.” “Em 1999, Mike Loewen, 53 anos, piloto do Novo México, detectou níveis pouco saudáveis de triglicérides. De imediato, cortou a gordura e parou de comer um de seus alimentos preferidos: nozes e castanhas. No entanto, o médico o aconselhou a ingerir quantidades saudáveis de proteínas, inclusive nozes e castanhas, e a não exagerar nos carboidratos. “Meus triglicérides caíram pela metade”, conta Loewen”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma discursividade sobre a profilaxia como denegação do dizer científico representado pelo médico. • O atravessamento de uma discursividade sobre a profilaxia como denegação do dizer do senso comum respaldada pelo dizer médico. • Investimento em significação para o atravessamento discursivo do termo “quantidades saudáveis”.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O PRAZER</p>	<p>Assim, estou retomando o costume de minha mãe de misturar nozes e castanhas, mas não vou colocá-las num pote, onde seriam uma constante tentação. Vou incluí-las em pratos salgados, pães e no cereal matinal. De tudo que se diz sobre alimentos proibidos,</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma discursividade sobre prazer com o qual concorre um processo interdiscursivo de uma discursividade sobre a nutrição e sobre a saúde sob o escopo da moderação na conjunção

	conclui-se que eles são bons, se consumidos com moderação.	de um dever.
ENUNCIADOS OPERADORES	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia de deslocamento e retorno de uma anterioridade como elemento deflagrador de um processo de transformações na substituição de um dizer científico por outro. 	
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE SAÚDE	<ul style="list-style-type: none"> • “vida moderna” como inscrição discursiva, de denegação, de “mal-estar”, sob um escopo antecipador de deficiência alimentar. • A idéia de superação (da fadiga) como inscrição discursiva de possibilidade de transformação, intento de mudança. • O atravessamento de uma discursividade sobre a saúde como elemento demarcador de uma justificativa, de uma fundamentação que propicie credibilidade 	
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE NUTRIÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma discursividade sobre a nutrição como permissão de consumo e, simultaneamente, interdição sobre outros alimentos. 	
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A CIÊNCIA	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma discursividade sobre a ciência como indicador de autoridade pôr em circulação o controle (ideológico - permissão/interdição) do consumo 	
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE PROFILAXIA	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma discursividade sobre a profilaxia como projeção de ilusão de completude a partir de uma discursividade sobre a ciência. 	
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O PRAZER	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma discursividade sobre o prazer como produtor de completude 	

Texto IV

FAST-FOOD Já

Nem sempre ela é ruim. Seleções avalia as melhores e piores opções.

Por Regina Peixoto



Todo mundo tem fraquezas; uma das minhas é um saboroso cheeseburger. Com freqüência, na hora do almoço, ouço o chamado: o aroma, o sabor da combinação perfeita de carne suculenta e quentinha com o queijo deliciosamente derretido entre a maciez de duas fatias de pão... Quando dou por mim, meus pés já estão me levando para uma lanchonete.

É bem provável que você saiba do que estou falando. Afinal de contas, sozinhas, as três maiores redes de fast-food no Brasil (McDonald's, Habib's e Bob's) faturaram R\$ 2,35 bilhões em 2002. Quantia que

representa um bocado de sanduíches! E é também a comprovação de algumas das qualidades da fast-food: prática, rápida e deliciosa.

No entanto, todos sabemos que há um preço a ser pago por tal prazer: esse tipo de comida é normalmente sobrecarregado de calorias, gordura saturada e sódio, o que nos faz engordar, obstrui as artérias e leva a pressão sanguínea às alturas. A tal ponto que nos Estados Unidos algumas pessoas decidiram recorrer à Justiça contra as redes de lanchonete, enquanto no Brasil já há iniciativas públicas com relação aos problemas de saúde decorrentes do consumo de fast-food.

Mas quem não abre mão dessas arriscadas delícias precisa apenas de um pouco de moderação. E, por mais que desejemos o contrário, uma promoção Big Bob, que vem com 100 g de carne, queijo, uma porção média de fritas e um copo com meio litro de refrigerante, não é o melhor caminho para isso. São 1.133 calorias e 11 g de gordura saturada. Um perigoso excesso: o total de calorias diárias recomendado para mulheres adultas brasileiras (com estatura mediana, peso normal e vida sedentária) é de 2.000, aproximadamente; e para homens com essas mesmas características, 2.500. E quanto ao total de gordura saturada? Você está ingerindo mais da metade da cota máxima diária (18,5 g) aconselhada para as mulheres com a dieta acima e quase meia cota masculina (23 g) em uma única refeição - isso sem falar num simples pão de queijo: uma unidade de cerca de 50 g contém 130 calorias.

Neste mundo de pizzas de quatro queijos e hambúrgueres gigantescos, você precisa ter cuidado - e uma pequena ajuda - para separar o joio do trigo. “Não é proibido comer fast

36²²

-food de vez em quando”, diz Mara Andréia Valverde, nutricionista e co-autora do livro Uma medida de peso, que tem um capítulo dedicado à típica comida de lanchonete. “Na maior parte dos dias, porém, é preciso ter refeições bem equilibradas. E, quando fugirmos à regra, não devemos exagerar nos recheios e molhos.”

Por isso é importante conhecer o inimigo. Assim, saímos em campo para analisar as melhores e as piores escolhas para sua silhueta, em oito conhecidas redes de fast-food no Brasil. Como é difícil entrar numa dessas lanchonetes e limitar-se a um simples hambúrguer, demos uma olhada nos itens oferecidos e descobrimos os oito vilões mais calóricos, ricos em gordura saturada e sódio. E também opções para satisfazer seus impulsos sem prejudicar a saúde.

37

Seleções – setembro/2003 – p. 34-37

²²

A página 35 é composta de ilustração apenas.

INSCRIÇÕES INTERDISCURSIVAS		
		POTENCIAL ENUNCIATIVO
ENUNCIADOS OPERADORES DE INTERDISCURSIVIDADE	“FAST-FOOD JÁ! Nem sempre ela é ruim. Seleções avalia as melhores e piores opções.”	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia de consentimento como inscrição discursiva de contradição em relação a uma anterioridade.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O PRAZER	Todo mundo tem fraquezas; uma das minhas é um saboroso cheeseburger. Com frequência, na hora do almoço, ouço o chamado: o aroma, o sabor da combinação perfeita de carne suculenta e quentinha com o queijo deliciosamente derretido entre a maciez de duas fatias de pão... Quando dou por mim, meus pés já estão me levando para uma lanchonete.	<ul style="list-style-type: none"> • Atravessamento de uma inscrição discursiva sobre o prazer que por meio de um efeito de evidência promove nivelamento/homogeneização ordenadora de uma causalidade circunstancial.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE MÍSTICA	“Com frequência, na hora do almoço, ouço o chamado” “Quando dou por mim, meus pés já estão me levando para uma lanchonete”	<ul style="list-style-type: none"> • Atravessamento de uma inscrição discursiva mística como causalidade mecânica de uma ação involuntária sustentada pelo desejo como devir da ilusão de completude do sujeito
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE ECONÔMICA	É bem provável que você saiba do que estou falando. Afinal de contas, sozinhas, as três maiores redes de fast-food no Brasil (McDonald's, Habib's e Bob's) faturaram R\$ 2,35 bilhões em 2002. Quantia que representa um bocado de sanduíches!	<ul style="list-style-type: none"> • Atravessamento de uma inscrição discursiva econômica como fator de suporte de argumentação para justificativa de consumo prejudicial mediado pelo desejo.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O DEVIR DA PÓS-MODERNIDADE	E é também a comprovação de algumas das qualidades da fast-food: prática, rápida e deliciosa	<ul style="list-style-type: none"> • Atravessamento de uma inscrição discursiva sobre o devir da pós-modernidade como potencial diluidor de processos. • .
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A PROFILAXIA	“ Neste mundo de pizzas de quatro queijos e hambúrgueres gigantescos, você precisa ter cuidado - e uma pequena ajuda - para separar o joio do trigo. “Não é proibido comer fast-food de vez	<ul style="list-style-type: none"> • Atravessamento de uma inscrição discursiva sobre profilaxia como permissão por meio da moderação.

	em quando” ⁴	
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O PRAZER	<p>“Todo mundo tem fraquezas; uma das minhas é um saboroso cheeseburger.”</p> <p>“Mas quem não abre mão dessas arriscadas delícias precisa apenas de um pouco de moderação.”</p> <p>“... opções para satisfazer seus impulsos sem prejudicar a saúde.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atravessamento de uma inscrição discursiva sobre o prazer como anterioridade determinante pelo devir de desejo da pós-modernidade.
•		
ENUNCIADOS OPERADORES DE INTERDISCURSIVIDADE	<p>“No entanto, todos sabemos que há um preço a ser pago por tal prazer”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia de punição como inscrição discursiva de simplificação da realidade em relação a uma visão fatalista de mundo.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A SAÚDE	<p>“... esse tipo de comida é normalmente sobrecarregado de calorias, gordura saturada e sódio... obstrui as artérias e leva a pressão sanguínea às alturas”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atravessamento de uma inscrição discursiva sobre a saúde como constatação de alteração patológica das funções orgânicas em decorrência do funcionamento do enunciado operador. • Atravessamento de uma inscrição discursiva sobre saúde como “evidência” de contraditoriedade e denegação sustentando a anterioridade.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO	<p>“... esse tipo de comida é normalmente sobrecarregado de calorias, gordura saturada e sódio, o que nos faz engordar, obstruem as artérias e leva a pressão sanguínea às alturas”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atravessamento de uma inscrição discursiva sobre nutrição como constatação de alteração inadequada das funções orgânicas em decorrência do funcionamento do enunciado operador.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE JURÍDICA	<p>“A tal ponto que nos Estados Unidos algumas pessoas decidiram recorrer à Justiça contra as redes de lanchonete, enquanto no Brasil já há iniciativas públicas com relação aos problemas de saúde decorrentes do consumo de fast-food”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atravessamento de uma inscrição discursiva jurídica responsabilizada pelo direito legal do sujeito, enquanto vítima.
•		
ENUNCIADOS OPERADORES DE INTERDISCURSIVIDADE	<p>“Mas quem não abre mão dessas arriscadas delícias precisa apenas de um pouco de moderação.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia de concorrência como inscrição discursiva de regulação de espaços.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE	<p>“Mas quem não abre mão dessas arriscadas delícias</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atravessamento de uma inscrição discursiva sobre o

O PRAZER	precisa apenas de um pouco de moderação.”	prazer como conciliação de espaços concorrentes.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO	<p>“E, por mais que desejemos o contrário, uma promoção Big Bob, que vem com 100 g de carne, queijo, uma porção média de fritas e um copo com meio litro de refrigerante, não é o melhor caminho para isso. São 1.133 calorias e 11 g de gordura saturada”</p> <p>“Você está ingerindo mais da metade da cota máxima diária (18,5 g) aconselhada para as mulheres com a dieta acima e quase meia cota masculina (23 g) em uma única refeição - isso sem falar num simples pão de queijo: uma unidade de cerca de 50 g contém 130 calorias.”</p> <p>“Não é proibido comer fast-food de vez em quando”, diz Mara Andréia Valverde, nutricionista e co-autora do livro Uma medida de peso, que tem um capítulo dedicado à típica comida de lanchonete.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atravessamento de uma inscrição discursiva sobre nutrição como projeção ilusória de transparência interpelando o enunciado operador que recobre a discursividade sobre o prazer. • O atravessamento do discurso da nutrição como monumento sentidural de enunciação do devir do enunciado operador.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A PROFILAXIA	“Na maior parte dos dias, porém, é preciso ter refeições bem equilibradas. E, quando fugirmos à regra, não devemos exagerar nos recheios e molhos. “	<ul style="list-style-type: none"> •
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O PRAZER	<p>“Mas quem não abre mão dessas arriscadas delícias precisa apenas de um pouco de moderação.”</p> <p>“Não é proibido comer fast-food de vez em quando”</p> <p>“Como é difícil entrar numa dessas lanchonetes e limitar-se a um simples hambúrguer”</p> <p>“opções para satisfazer seus impulsos sem prejudicar a saúde.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Atravessamento de uma inscrição discursiva sobre prazer como efeito de negociação

Texto V

Você pode satisfazer seu apetite sem sacrifícios A dieta “adoro comer”

Por Bill Gottlieb

Seu apetite pode parecer uma criatura selvagem que vive dentro de você, exigindo comida. Nem fala a sua língua: palavras que você conhece bem “gordo” e “magro”, nada significam para ele.

Como domar este monstro? Você poderia drogá-lo com inibidores do apetite, arriscando-se a sofrer efeitos colaterais como insônia e pressão alta. Poderia combatê-lo pela força de vontade evitando alimentos calóricos, e acabaria passando fome. Ou ainda aprisioná-lo seguindo uma daquelas dietas cruéis e artificiais.

Mas você pode fazer algo natural e eficaz. Nem tente dominar o seu apetite – em vez disso satisfaça-o.

Segundo Barbara Rolls, professora de nutrição da Universidade Estadual da Pensilvânia e co-autora de *The volumetrics weight-control plan: feel full on fewer calories* (O plano volumétrico de controle de peso: sinta-se satisfeito com menos calorias), a saciedade – a sensação de estar satisfeito ao fim de uma refeição – é o ingrediente que falta ao controle do peso. E o que cria a saciedade? Sobretudo o volume dos alimentos que você ingere.

Quando você faz refeições de “baixa densidade energética” – muita substância e poucas calorias –, satisfaz seu apetite sem ganhar peso.

Mas quais são esses alimentos de muito volume, poucas calorias e que matam a fome? Eis aqui sete dos melhores:

SOPAS. “A sopa satisfaz de diversas maneiras”, explica Barbara. Seus olhos vêem uma porção generosa, o aroma provoca diversos estímulos sensoriais e o líquido preenche o estômago. E uma sopa com muitos ingredientes demora a ser digerida. Mantendo a sensação de saciedade.

Em um estudo de 1999, Barbara e co-pesquisadores da Universidade da Pensilvânia forneceram almoço a 24 mulheres uma vez por semana, durante um mês. Antes da refeição, serviram a elas uma das seguintes entradas, de 270 calorias: um guisado de frango e arroz, o mesmo guisado e com um copo de água ou uma canja com os mesmos ingredientes do guisado e a água. A sopa reduziu em cerca de 100 calorias o que as mulheres comeram. Quem tomou a sopa não comeu mais no jantar.

Barbara recomenda porções leves de sopas como minestrone, gaspacho de batata com alho-poro, de milho e de cogumelos. Qualquer uma delas funciona como um primeiro prato ou lanche que diminuiu o apetite. Mas cuidado com as que levam creme de leite: são carregadas de calorias.

SUCOS E VEGETAIS. Em outro estudo dirigido por Barbara, os homens que tomaram um copo de suco de vegetais ingeriram 400 mililitros e 88 calorias, antes do almoço, ingeriram em média 136 calorias a menos que os homens que não tomaram a bebida,

Outras pesquisas mostraram que o teor de sal e temperatura não influenciaram. Para Barbara, o que faz efeito é a baixa densidade energética e a dose moderada de fibras do suco.

FLOCOS DE FARELO. São excelente fonte de fibras. Não só oferecem muito volume por poucas calorias, observa Phyllis Roxland, nutricionista de Nova York, mas, como todos os alimentos ricos em fibras, também reduzem o apetite.

“Um estudo demonstra que quem toma o café da manhã rico em fibras ingere cerca de 100 calorias a menos no café e no almoço, no total”, diz Barbara Rolls. Ela mistura flocos de farelo à aveia ou a outro cereal com alto teor de fibras.

VITAMINAS. Gene Daoust, nutricionista de Nevada e co-autor do livro *40-30-30 fat burning nutrition* (A nutrição que queima gorduras 40-30-30), recomenda para o café da manhã uma vitamina de proteína e frutas “inibidora do apetite”: junte uma concha de proteínas em pó, meia banana congelada, meia xícara de morangos, três quartos de xícara de água e duas colheres de chá de amêndoas. Essa combinação sacia porque, contém nutrientes densos. Além disso, como equilibra proteínas, gorduras e carboidratos, ajuda a manter estáveis os níveis de açúcar no sangue.

FRUTAS SILVESTRES. Doces e suculentas, estas e outras frutas podem ser os melhores lanches, diz Barbara. Além do alto teor de água, contem muitas fibras e, portanto, satisfazem com poucas calorias.

Compare estas opções, cada uma com cerca de cem calorias: 10 balas de goma, 18 biscoitos salgados sem gordura e 1 ½ xícara de morangos frescos. Essa quantidade de balas e biscoitos não vai diminuir seu apetite. Mas quase todas as frutas silvestres ou não, podem satisfazer você.

MOLHO PICANTE DE TOMATE. Enquanto alguns nutricionistas preferem alimentos com muito volume e muitas fibras, os pesquisadores da Universidade Laval, no Canadá, apostam na capsina, a ardente substância presente na pimenta malagueta. Em uma série de experimentos Angelo Tremblay e seus colegas adicionaram a pimenta ao café da manhã ou às entradas do almoço e mediram quanto as pessoas comeram depois.

Em um teste feito com 13 mulheres, eles constatam que a inclusão da pimenta-malagueta no café da manhã entre essa refeição e o almoço, e que elas mostraram uma tendência a diminuir o número de calorias ao meio-dia. Entre os homens, verificaram que um tira-gosto temperado com pimenta-malagueta reduziu a ingestão de calorias no almoço e no lanche.

Tremblay acredita que a pimenta atue como um “estimulante não-farmacológico”, aumentando a atividade do sistema nervoso simpático. Isso reduz o apetite, embora não se saiba porque. Ele descobriu ainda que a capsina da pimenta-malagueta aumenta ligeiramente o número de calorias queimadas, processo fisiológico chamado termogênese. Como colocar isso em prática? Omeletes com molho apimentado ou batatas assadas com molho apimentado de tomate.

SOBREMESAS CONGELADAS. “Muitas pessoas continuam a comer até ingerir algo doce”, observa Barbara. Isso não é necessariamente ruim.

“As sobremesas congeladas estão entre as principais formas de satisfazer a vontade de comer doce sem acumular calorias”, diz Phillys Roxland. Um sorvete de creme de 75 calorias. Meia xícara de sorvete de chocolate a base de iogurte acrescenta 115 calorias ao seu jantar.

É claro que, completa Barbara, você pode adotar outra prática. “Coma uma quantidade satisfatória de baixa densidade energética e, de sobremesa, saboreie um pedaço do chocolate mais delicioso que encontrar”.

Seleções, Janeiro 2002, p. 74-77 Você pode satisfazer seu apetite sem sacrifícios

A dieta “adoro comer”

INSCRIÇÕES INTERDISCURSIVAS		
		POTENCIAL ENUNCIATIVO
ENUNCIADO OPERADOR	“Seu apetite pode parecer uma criatura selvagem que vive dentro de você, exigindo comida”.	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia de fisiologia como inscrição discursiva de devir-animal.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O DEVIR-ANIMAL	“Nem fala a sua língua: palavras... nada significam para ele”.	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento de uma inscrição discursividade de devir-animal como estranho/estrangeiro
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A SAÚDE	“Você poderia drogá-lo com inibidores do apetite, arriscando-se a sofrer efeitos colaterais como insônia e pressão alta”.	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a saúde como proposta de restrição do devir animal
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO	“Poderia combatê-lo pela força de vontade evitando alimentos calóricos, e acabaria passando fome”.	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a nutrição como proposta de restrição do devir animal
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A ESTÉTICA/VIOLÊNCIA	“Ou ainda aprisioná-lo seguindo uma daquelas dietas cruéis e artificiais”.	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a estética/violência como proposta de restrição do devir animal
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O PRAZER	“Nem tente dominar o seu apetite – em vez disso satisfaça-o”.	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a saúde como proposta de restrição do devir animal pela satisfação.
ENUNCIADO OPERADOR	“a saciedade – a sensação de estar satisfeito ao fim de uma refeição – é o ingrediente que falta ao controle do peso”	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia de saciedade como inscrição discursiva de equilíbrio corpóreo.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO	<p>“baixa densidade energética” – muita substância e poucas calorias –, satisfaz seu apetite sem ganhar peso.</p> <p>“Sopas; Sucos e vegetais; Flocos de farelo; Vitaminas;</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a nutrição como prescrição de alimentação equilibrada e benéfica para emagrecimento. • O atravessamento da discursividade da biologia

	Frutas silvestres; Molho picante de tomate; Sobremesas congeladas”. “Ele descobriu ainda que a capsina da pimenta-malagueta aumenta ligeiramente o número de calorias queimadas, processo fisiológico chamado termogênese. Como colocar isso em prática? Omeletes com molho apimentado ou batatas assadas” ⁶	como mecanismos fornecedores de comentários para os fenômenos físicos.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A SAÚDE	Essa combinação sacia porque, contém nutrientes densos. Além disso, como equilibra proteínas, gorduras e carboidratos, ajuda a manter estáveis os níveis de açúcar no sangue	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a saúde como coadjuvante em tratamento de glicemia.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A PESQUISA	“Tremblay acredita que a pimenta atue como um “estimulante não-farmacológico”, aumentando a atividade do sistema nervoso simpático. Isso reduz o apetite, embora não se saiba por quê”.	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade da pesquisa como processo de constituição da ciência (caracterizado pelo não dito), como passagem do saber para um suposto saber.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O PRAZER	“Coma uma quantidade satisfatória de baixa densidade energética e, de sobremesa, saboreie um pedaço do chocolate mais delicioso que encontrar.”	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre o prazer como gerador de resultados positivos.
ENUNCIADOS OPERADORES	“Seu apetite pode parecer uma criatura selvagem que vive dentro de você, exigindo comida”. “a saciedade – a sensação de estar satisfeito ao fim de uma refeição – é o ingrediente que falta ao controle do peso”	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia dos processos fisiológicos como inscrição discursiva de devir (passa pela instabilidade e vai se conformando ao processo infinito de busca de completude).
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO	“Poderia combatê-lo pela força de vontade evitando alimentos calóricos, e acabaria passando fome”. “baixa densidade energética” – muita substância e poucas calorias –, satisfaz seu apetite sem ganhar peso. “Sopas; Sucos e vegetais; Flocos de farelo; Vitaminas; Frutas silvestres; Molho picante de tomate; Sobremesas congeladas”. “Ele descobriu ainda que a capsina da pimenta-malagueta aumenta	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a nutrição como domesticação do humano rumo ao domínio sobre seus instintos representado pelo alimento.

	ligeiramente o número de calorias queimadas, processo fisiológico chamado termogênese. Como colocar isso em prática? Omeletes com molho apimentado ou batatas assadas” ⁴	
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A SAÚDE	<p>“Você poderia drogá-lo com inibidores do apetite, arriscando-se a sofrer efeitos colaterais como insônia e pressão alta”.</p> <p>Essa combinação sacia porque, contém nutrientes densos. Além disso, como equilibra proteínas, gorduras e carboidratos, ajuda a manter estáveis os níveis de açúcar no sangue</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a saúde como domesticação do humano rumo completude, representada pela saúde perfeita
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A PESQUISA	<p>“Tremblay acredita que a pimenta atue como um “estimulante não-farmacológico”, aumentando a atividade do sistema nervoso simpático. Isso reduz o apetite, embora não se saiba por quê”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade da pesquisa como processo de constituição da ciência.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A ESTÉTICA/VIOLÊNCIA	<p>“Ou ainda aprisioná-lo seguindo uma daquelas dietas cruéis e artificiais”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a estética/violência como efeito de submissão aos dizeres que circulam na sociedade sobre emagrecer e não-comer.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE O PRAZER	<p>“Nem tente dominar o seu apetite – em vez disso satisfaça-o”.</p> <p>“Coma uma quantidade satisfatória de baixa densidade energética e, de sobremesa, saboreie um pedaço do chocolate mais delicioso que encontrar.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre o prazer como reversão em relação a dizeres tradicionais.

Texto VI

A DIETA DO LEITE

Veja por que ele pode deixar você magra.

Por Lisa Davis

Você deve se lembrar da dieta da toranja (a dieta de Hollywood) ou da sopa de repolho. Essas não simples dietas; eram mágicas. Ofereciam calorias negativas: quanto mais você comia, mais quilo perdia. E, é claro, não funcionavam como na propaganda. A toranja, na verdade, não acelera o metabolismo. O repolho também não elimina as calorias armazenadas. Mas o leite, sim.

Não estamos falando de uma nova moda alimentar, mas de ciência. Pergunte a Michel Zemel, diretor do Departamento de Nutrição da Universidade do Tennessee. Ele descobriu que o leite reduz a tendência das células adiposas a armazenar calorias e aumenta a quantidade de energia que elas liberam. Um queijo de consistência firme,

como o cheddar, tem o mesmo efeito, assim como o iogurte, até sua versão integral. Contrariando o dogma dos adeptos das dietas, o leite e seus derivados potencializam quase todas elas.

Não esta acreditando? Se a dieta do leite não é de fato um modismo, você deve estar pensando, então é o sonho dourado das indústrias de laticínios!

Há mais de uma década, porém, o cientista vem investigando com rigor a possibilidade de o leite e seus derivados regularem o metabo-

lismo, e divulgando suas conclusões em várias publicações. Seus estudos induziram outros pesquisadores a rever dados antigos. Será que seus pacientes haviam emagrecido sem que eles tivessem se dado conta? Repetidamente a resposta era “sim”.

Zemel começou a especular sobre uma relação entre laticínios e perda de peso em 1998, quando, ao pesquisar a possibilidade de uma dieta rica em cálcio baixar a pressão sanguínea, ele acrescentou duas xícaras de iogurte ao cardápio diário de um grupo de homens obesos e hipertensos. Um ano depois, a pressão havia baixado. E a quantidade de gordura corporal também: cinco quilos em média.

Outro indício veio da Purdue University, em meados dos anos 90, onde, durante dois anos, Connie Weaver e Dorothy Teergarden investigaram mulheres entre 18 e 31 anos. O objetivo da pesquisa foi acompanhar os efeitos dos exercícios físicos na saúde dos ossos, mas outra relação também se tornou evidente: as mulheres com uma alimentação rica em leite, queijo ou iogurte emagreceram ou permaneceram estáveis, enquanto as outras que evitavam os laticínios engordaram.

“Como foi muito difícil acreditar nisso”, conta Connie, “continuamos a investigar essa relação por meio de estatísticas”. E era isso mesmo. Pensamos: estamos certas, vamos apresentar a pesquisa numa conferência, mas ninguém vai acreditar. No mesmo simpósio, Michael Zemel apresentava seu primeiro trabalho sobre essa relação. Foi um grande conforto para os dois grupos verem que não estavam sozinhos.

Logo outros estudos endossaram a descoberta. Robert P. Heaney, renomado pesquisador da osteoporose na Creighton University, assistiu a uma palestra de Zemel num encontro científico. “De repente, uma luz se acendeu em minha cabeça”, diz ele. Ao longo dos anos em seus estudos sobre os ossos, Heaney vinha acumulando dados sobre o consumo de cálcio das mulheres, pesando suas pacientes a cada consulta. “Percebi que todas as informações já constavam das fichas; eu é que nunca tinha enxergado a relação”.

Quando o fez, descobriu que, em geral, um consumo maior de cálcio correspondia a um peso menor, independentemente de a mulher ser adolescente, estar na menopausa ou ser idosa.

A seguir, a ligação apareceu em crianças. Dietistas da Universidade do Tennessee acompanharam um grupo de crianças durante anos, coletando informações sobre alimenta-

ção, peso e gordura, entre outros dados. Descobriram que, quanto mais alimentos ricos em cálcio ingeriam, menos gordura armazenavam até a idade escolar.

Por fim, Zemel percebeu sinais de que laticínios eram um inimigo universal da gordura. Com um intervalo de poucos anos, cientistas do governo dos Estados Unidos fazem uma enquete com uma amostra representativa de americanos sobre vários tópicos de saúde. Zemel analisou os dados mais recentes e desço-

briu que os participantes com uma alimentação rica em laticínios tinham uma probabilidade seis vezes menor de serem obesos, comparados àquele que ingeriam pouco leite e derivados.

Os fatos se confirmavam. Mas nenhum dos estudos provava que os laticínios ou o cálcio eram responsáveis por silhuetas esbeltas. Pessoas que ingerem muitos alimentos ricos em cálcio tendem a ter uma alimentação mais saudável; já a sua ausência quase sempre indica uma alimentação ruim e altamente calórica, capaz de elevar o peso. É por isso que o novo estudo de Zemel é tão importante.

Pela primeira vez em uma pesquisa clínica, ele conseguiu voluntários que ingeriam grande quantidade de laticínios e outros que os evitavam, com o único objetivo de acompanhar sua perda de peso. Zemel colocou 32 pessoas de dieta, todas com muitos quilos a perder. Nutricionistas as ajudaram a cortar 500 calorias de sua dieta diária, e alguns voluntários tiveram de ingerir também três ou quatro porções de laticínios por dia.

Seis meses depois, todos tinham emagrecido. Mas aqueles que aderiram à dieta do leite perderam mais peso – cerca de 70% a mais (ou 8,5 quilos, em comparação aos 5 quilos do outro grupo). O que é mais interessante: o grupo da dieta do leite perdeu 64% a mais de gordura corporal, trocando-a por massa muscular magra.

E a gordura que eles perderam localiza-se ao redor da cintura – o tipo mais perigoso para o coração.

“É maravilhoso”, comemora Zemel. “Mas não estou surpreso. Já tínhamos feito o trabalho teórico, e acreditávamos saber o que estava acontecendo. Mas fiquei exultante”.

Como algumas porções de leite ou queijo atuam sobre o peso?

O cálcio provavelmente desempenha um papel-chave nesse processo. Note como o mineral age no organismo – não apenas nos ossos, mas também nos vasos sanguíneos, fazendo-os contrair-se e dilatar-se, e nos nervos, ajudando a regular o fluxo de mensagens. O cálcio é um agente sinalizador crítico, que ajuda todos os tipos de células a decidirem o que precisam fazer, afirma Zemel.

Aparentemente, um tipo de célula que ouve quando o cálcio fala é a adiposa. Em estudos de laboratório, Zemel descobriu que, quando há uma boa quantidade de cálcio no sangue, elas recebem a mensagem para deixar de armazenar gordura e começar a queimá-la. Quando os níveis de cálcio estão baixos, as células acumulam gordura. “Em suma, mais gordura é

produzida”, conclui Zemel. “Você ganha uma célula adiposa maior e mais gorda. E muitas células maiores e mais gordas resultam em pessoas maiores e mais gordas também”.

Infelizmente, nossa alimentação envia mensagem errada as células. Nos Estados Unidos, as mulheres de meia-idade consomem em média menos de 600 miligramas de cálcio por dia, metade da quantidade recomendada. Os homens ingerem mais, o que porém ainda está longe do que os especialistas consideram suficiente.

No Brasil, a população consome em média, de 300 a 350 miligramas desse mineral diariamente.

Embora pílulas de cálcio possam ajudar a suprir a deficiência, quando o assunto é peso, a pesquisa de Zemel sugere que as pílulas não são os substitutos perfeitos para o complexo de nutrientes do leite. Em seu estudo recente, um grupo de voluntários tomou suplementos de cálcio, enquanto outro grupo acrescentou laticínios a alimentação e um terceiro grupo apenas cortou calorias. No fim do estudo, o grupo que tomou pílulas perdeu mais peso do que o que se limitou à dieta, mas bem menos do que o grupo que ingeriu laticínios. “Temos de pensar nos laticínios como mais do que um mero veículo que libera cálcio”, diz Zemel.

É preciso uma boa quantidade de leite e derivados para dar conta do recado. Nos estudos de Zemel, o emagrecimento parece consolidar-se com quatro porções diárias de leite, iogurte ou queijo. Para as pessoas que se julgam intolerantes à lactose, a simples idéia de ingerir tantos derivados de leite deve ser suficiente para fazer com que se sintam inchadas e cheias de gases. Estudos sugerem, porém, que até mesmo essas pessoas podem se adaptar, após algum tempo, a esses produtos. Os iogurtes e os queijos de consistência firme são mais fáceis de digerir – o açúcar deles já foi quebrado em parte durante o processamento. É claro que os produtos lácteos sem lactose ou com seu teor reduzido podem ajudar os intolerantes, da mesma forma que os comprimidos de lactase.

No entanto, antes de você aderir a uma alimentação rica em laticínios, cabe mais uma observação: o leite não faz mágica, como tampouco a dieta da toranja ou pratos de sopa de repolho.

“Sejamos realistas”, aconselha Zemel. “Isso não significa que as pessoas podem comer tudo que quiserem, fazer um mínimo de exercício e pensar que nada vai acontecer só porque esta tomando alguns copos de leite. Mas acho que cortar calorias sem incluir laticínios na dieta é um erro”.

Seleções, Dezembro 2002, p. 80-85

INSCRIÇÕES INTERDISCURSIVAS		
		POTENCIAL ENUNCIATIVO
ENUNCIADO OPERADOR	A DIETA DO LEITE Veja por que ele pode deixar você magra.	<ul style="list-style-type: none"> A idéia da condição como inscrição discursiva de anseio, ilusão de devir²³ e direcionamento de gênero.

²³ Devir se desprende da realidade, compara-se a ideal, inatingível.

INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE MÍSTICA	“...não (eram) simples dietas; eram mágicas. Ofereciam calorias negativas: quanto mais você comia, mais quilo perdia. E, é claro, não funcionavam como na propaganda.”	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade mística como desmistificação do ilusório.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE CIENTÍFICA	<p>“Mas o leite, sim”.</p> <p>“reduz a tendência das células adiposas a armazenar calorias e aumenta a quantidade de energia que elas liberam. ... o leite e seus derivados potencializam quase todas elas”.</p> <p>“Um ano depois, a pressão havia baixado. E a quantidade de gordura corporal também: cinco quilos em média”.</p> <p>“...investigaram mulheres entre 18 e 31 anos. ...as mulheres com uma alimentação rica em leite, queijo ou iogurte emagreceram ou permaneceram estáveis, enquanto as outras que evitavam os laticínios engordaram.</p> <p>“...acompanharam um grupo de crianças durante anos.... Descobriram que, quanto mais alimentos ricos em cálcio ingeriam, menos gordura armazenavam até a idade escolar.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a investigação como demonstração comprobatória de uma hipótese .
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A SAÚDE	“E a gordura que eles perderam localiza-se ao redor da cintura – o tipo mais perigoso para o coração.”	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a saúde como devir de realidade especular.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO	“Contrariando o dogma dos adeptos das dietas, o leite e seus derivados potencializam quase todas elas”.	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a nutrição na dialética da relação custo-benefício.
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE CIRCUNSTANCIAL	Será que seus pacientes haviam emagrecido sem que eles tivessem se dado conta? Repetidamente a resposta era “sim”.	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade da diversão (sentido diverso) enquanto causalidade circunstancial na contradição entre saber e ignorar
INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE MIDIÁTICA	“Não esta acreditando? Se a dieta do leite não é de fato um modismo, você deve estar pensando, então é o sonho dourado das indústrias de laticínios!”	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade midiática como dispositivo formador de opinião e gerador de riqueza.
ENUNCIADO OPERADOR	“Zemel percebeu sinais de que laticínios eram um inimigo universal da gordura”.	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia de universalidade como inscrição discursiva de devir.

<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO</p>	<p>“...um consumo maior de cálcio correspondia a um peso menor, independentemente de a mulher ser adolescente, estar na menopausa ou ser idosa”.</p> <p>“...acompanharam um grupo de crianças durante anos, coletando informações sobre alimentação, peso e gordura, entre outros dados. Descobriram que, quanto mais alimentos ricos em cálcio ingeriam, menos gordura armazenavam até a idade escolar”.</p> <p>“...americanos ... com uma alimentação rica em laticínios tinham uma probabilidade seis vezes menor de serem obesos, comparados àquele que ingeriam pouco leite e derivados”.</p> <p>“Infelizmente, nossa alimentação envia mensagem errada as células.”</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a nutrição como ilusão de objetividade indicada pela repetição. • O atravessamento da discursividade como inscrição de falha num devir-máquina.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE DE HOMOGENEIZAÇÃO O LIGADA À NUTRIÇÃO</p>	<p>“Pessoas que ingerem muitos alimentos ricos em cálcio tendem a ter uma alimentação mais saudável; já a sua ausência quase sempre indica uma alimentação ruim e altamente calórica, capaz de elevar o peso”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade como forma de homogeneização que dicotomiza sujeitos em categorias antagônicas.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE DA SAÚDE</p>	<p>Seis meses depois, todos tinham emagrecido. Mas aqueles que aderiram à dieta do leite perderam mais peso – cerca de 70% a mais (ou 8,5 quilos, em comparação aos 5 quilos do outro grupo). O que é mais interessante: o grupo da dieta do leite perdeu 64% a mais de gordura corporal, trocando-a por massa muscular magra.</p> <p>E a gordura que eles perderam localiza-se ao redor da cintura – o tipo mais perigoso para o coração.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade como demonstração de elementos de comparação que revelam êxito em comprovação hipótese.

<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE ACADÊMICA</p>	<p>“Como algumas porções de leite ou queijo atuam sobre o peso? “</p> <p>“O cálcio provavelmente desempenha um papel-chave nesse processo. Note como o mineral age no organismo – não apenas nos ossos, mas também nos vasos sanguíneos, fazendo-os contrair-se e dilatar-se, e nos nervos, ajudando a regular o fluxo de mensagens. O cálcio é um agente sinalizador crítico, que ajuda todos os tipos de células a decidirem o que precisam fazer, afirma Zemel.</p> <p>Aparentemente, um tipo de célula que ouve quando o cálcio fala é a adiposa. Em estudos de laboratório, Zemel descobriu que, quando há uma boa quantidade de cálcio no sangue, elas recebem a mensagem para deixar de armazenar gordura e começar a queimá-la. Quando os níveis de cálcio estão baixos, as células acumulam gordura... “Você ganha uma célula adiposa maior e mais gorda. E muitas células maiores e mais gordas resultam em pessoas maiores e mais gordas também”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade como problematização.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE CIRCUNSTANCIAL</p>	<p>“Para as pessoas que se julgam intolerantes à lactose, a simples idéia de ingerir tantos derivados de leite deve ser suficiente para fazer com que se sintam inchadas e cheias de gases. Estudos sugerem, porém, que até mesmo essas pessoas podem se adaptar, após algum tempo, a esses produtos”.</p> <p>“...o leite não faz mágica, como tampouco a dieta da toranja ou pratos de sopa de repolho”.</p> <p>“Isso não significa que as pessoas podem comer tudo que quiserem, fazer um mínimo de exercício e pensar que nada vai acontecer só porque esta tomando alguns copos de leite”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade como recomendações e ajustes que interpelam o enunciado operador.
<p>ENUNCIADO OPERADOR</p>	<p>A DIETA DO LEITE</p> <p>Veja por que ele pode deixar você magra. “Zemel percebeu sinais de que laticínios eram um inimigo universal da gordura”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A idéia da condição como inscrição discursiva de anseio, ilusão de devir²⁴ e direcionamento de gênero. • A idéia de universalidade como inscrição discursiva de devir.

²⁴

Devir se desprende da realidade, compara-se a ideal, inatingível.

<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE SOBRE A NUTRIÇÃO</p>	<p>“Contrariando o dogma dos adeptos das dietas, o leite e seus derivados potencializam quase todas elas”.</p> <p>“...um consumo maior de cálcio correspondia a um peso menor, independentemente de a mulher ser adolescente, estar na menopausa ou ser idosa”.</p> <p>“...acompanharam um grupo de crianças durante anos, coletando informações sobre alimentação, peso e gordura, entre outros dados. Descobriram que, quanto mais alimentos ricos em cálcio ingeriam, menos gordura armazenavam até a idade escolar”.</p> <p>“...americanos ... com uma alimentação rica em laticínios tinham uma probabilidade seis vezes menor de serem obesos, comparados àquele que ingeriam pouco leite e derivados”.</p> <p>“Infelizmente, nossa alimentação envia mensagem errada as células.”</p> <p>“Contrariando o dogma dos adeptos das dietas, o leite e seus derivados potencializam quase todas elas”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a nutrição na dialética da relação custo-benefício. • O atravessamento da discursividade sobre a nutrição como ilusão de objetividade indicada pela repetição. • O atravessamento da discursividade como inscrição de falha num devir-máquina.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE DE HOMOGENEIZAÇÃO O LIGADA À NUTRIÇÃO</p>	<p>“Pessoas que ingerem muitos alimentos ricos em cálcio tendem a ter uma alimentação mais saudável; já a sua ausência quase sempre indica uma alimentação ruim e altamente calórica, capaz de elevar o peso”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade como forma de homogeneização que dicotomiza sujeitos em categorias antagônicas.
<p>INSCRIÇÃO NUMA DISCURSIVIDADE DA SAÚDE</p>	<p>“E a gordura que eles perderam localiza-se ao redor da cintura – o tipo mais perigoso para o coração.”</p> <p>“Seis meses depois, todos tinham emagrecido. Mas aqueles que aderiram à dieta do leite perderam mais peso – cerca de 70% a mais (ou 8,5 quilos, em comparação aos 5 quilos do outro grupo). O que é mais interessante: o grupo da dieta do leite perdeu 64% a mais de gordura corporal, trocando-a por massa muscular magra.</p> <p>E a gordura que eles perderam localiza-se ao redor da cintura – o tipo mais perigoso para o coração”.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O atravessamento da discursividade sobre a saúde como devir de realidade especular. • O atravessamento da discursividade como demonstração de elementos de comparação que revelam êxito em comprovação hipótese.

Anexo 2

Modernism	Postmodernism
Romanticism/Symbolism	Pataphysics/Dadaism
Form (conjunctive, closed)	Antiform (disjunctive, open)
Purpose	Play
Design	Chance
Hierarchy	Anarchy
Mastery/Logos	Exhaustion/Silence
Art Object / Finished Work	Process/Performance/Happening
Distance	Participation
Creation/Totalization	Decreation/Deconstruction
Synthesis	Antithesis
Presence	Absence
Centering	Dispersal
Genre/Boundary	Text/Intertext
Semantics	Rhetoric
Paradigm	Syntagm
Hypotaxis	Parataxis
Metaphor	Metonymy
Selection	Combination
Root/Depth	Rhizome/Surface
Interpretation/Reading	Against Interpretation / Misreading
Signified	Signifier
<i>Lisible</i> (Readerly)	<i>Scriptable</i> (Writerly)
Narrative / <i>Grande Histoire</i>	Anti-narrative / <i>Petit Histoire</i>
Master Code	Idiolect
Symptom	Desire
Type	Mutant
Genital/Phallic	Polymorphous/Androgynous
Paranoia	Schizophrenia
Origin / Cause	Difference-Differance / Trace
God the Father	The Holy Ghost
Metaphysics	Irony
Determinacy	Indeterminacy
Transcendence	Immanence